

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração – PROPAD**

Ana Carolina Assis Sampaio

**Trajetórias de carreira de profissionais da inovação: uma análise
das práticas discursivas de subjetividades nas narrativas de
experiências vividas na utilização de tecnologias e mídias digitais.**

Recife, 2023

Ana Carolina Assis Sampaio

Trajetórias de carreira de profissionais da inovação: uma análise das práticas discursivas de subjetividades nas narrativas de experiências vividas na utilização de tecnologias e mídias digitais.

Orientador: Dr. André Luiz Maranhão de Souza-Leão.

Dissertação apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de Mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, PROPAD/UFPE.

Recife, 2023

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

S192t

Sampaio, Ana Carolina Assis

Trajétórias de carreira de profissionais da inovação: uma análise das práticas discursivas de subjetividades nas narrativas de experiências vividas na utilização de tecnologias e mídias digitais / Ana Carolina Assis Sampaio. – 2023.

135 folhas: il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2023.

Inclui referências e apêndices.

1. Profissionais da informação. 2. Cultura digital. 3. Trajetória de carreira. I. Leão, André Luiz Maranhão de Souza (Orientador). II. Título.

658 CDD (22. ed.)

UFPE (CSA 2023 – 040)

ANA CAROLINA ASSIS SAMPAIO

**TRAJETÓRIAS DE CARREIRA DE PROFISSIONAIS DA INOVAÇÃO:
UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE SUBJETIVIDADES
NAS NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UTILIZAÇÃO
DE TECNOLOGIAS E MÍDIAS DIGITAIS.**

Dissertação apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de Mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, PROPAD/UFPE.

Aprovada em: 28/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Diogo Henrique Helal (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Eduardo Paes Barreto Davel (Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que seria difícil escrever os agradecimentos, afinal agradecer é fácil, não? Não, não é. Eu não acho que seja fácil. Talvez para alguns seja (parabéns para esses alguns). Eu acredito que gratidão é um exercício, uma atividade a ser praticada. Como se fosse um músculo, sabe? Que vamos desenvolvendo até que conseguimos utilizá-lo em cada passo.

Bom, a grande questão é que, pelo menos no meu ponto de vista, eu deveria dedicar os agradecimentos a todos, todas e todes que tornaram possível a execução desse trabalho. Vamos começar do começo, certo? Primeiro agradecer a todas as energias universais existentes por aí, agradecer a Deus, Meishu Sama, Deuses, Deusas, Deyses, espíritos, entidades e todos os meus antepassados que me protegeram e guiaram. A mim mesma por não ter desistido! Ao meu companheiro pela constante ajuda durante todos esses anos que estamos juntos. Aos meus familiares próximos, que possivelmente não lerão, mas me apoiaram no sonho nada usual de ser pesquisadora.

Aos que me concederam entrevista!! Por oportunizarem e contribuírem para o trabalho, fornecendo literalmente o conteúdo para análise! Aos pesquisadores e sites que difundem o conhecimento científicos. Ao corvo negro que carrega a chave de acesso!

Ao meu orientador, André Luiz Maranhão de Souza Leão, pela incansável paciência em orientar minha mente tão difusa. Aos companheiros do PROPAD, em especial aos amigos do grupo de pesquisa em estudos de fãs, mídia e entretenimento (AKAFANS) pelas conversas, orientações, ajudas e apoio emocional.

Por fim, à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) pelo apoio estrutural e financeiro que permitiram que eu me dedicasse exclusivamente ao projeto.

Resumo:

As novas tecnologias de informação e comunicação tem modificado as formas de trabalho, relacionamento e entretenimento. Nesse contexto, há a demanda de um outro perfil de profissional, principalmente para aqueles que estão ligados ao cenário de inovação. Inseridos em uma sociedade midiaticizada, as práticas e a vivência cotidiana se alteram, modificando a forma com que o sujeito se constitui. Nessa ordem de ideias, entendendo que tanto a trajetória profissional quanto a vivência digital podem ser entendidas como práticas discursivas do sujeito, o trabalho pesquisa como a trajetória de carreira dos profissionais de inovação, a partir da vivência de uso das tecnologias de mídias digitais, revela práticas discursivas de subjetividades. Para o escopo do presente trabalho, os profissionais de inovação tratam empiricamente daqueles que trabalham no setor de economia criativa e tecnologia de informação e comunicação. Para conseguir esse objetivo optamos pela análise de discurso foucaultiana (ADF) uma vez que nos permite acessar as vivências e práticas na trajetória dos profissionais e revelar as formações discursivas relativas à subjetividade. Logo, associado a coleta de dados por meio de entrevistas narrativas, o método escolhido possibilita investigar a relação existente entre a trajetória de carreira e a vivência com a cultura digital, permitindo inferir as práticas discursivas que revelam subjetividades detectadas nas práticas virtuais dos profissionais de inovação. Os resultados apontaram para a identificação de cinco formações discursivas quais sejam: sujeição, amor, cuidado, tecnologias e verdades. Essas formações dizem respeito às construções discursivas que indicam práticas digitais de carreira, formando os processos de subjetivação dos profissionais. Com isso, identificamos uma lógica de construção que se referem às tecnologias de carreira e às sujeições de carreira. Ao final discutimos os resultados a partir do entendimento de tecnologias e sujeições de carreira como práticas discursivas de subjetividade que compõem a formação do profissional da inovação.

Palavras-chave: Profissionais da inovação; cultura digital; trajetória de carreira; análise de discurso foucaultiana; Foucault.

Abstract:

The new information and communication technologies have changed the forms of work, relationships and entertainment. In this context, there is a demand for a new professional profile, especially for those who are linked to the innovation scenario. In a mediatized society, the practices and the daily life changes, modifying the way in which the subject is constituted. In this order of ideas, understanding that both (the professional trajectory and the digital experiences) can be understood as discursive practices of the subject, the work researches the career trajectory of innovation professionals, based on the experience of using digital media technologies, reveals discursive practices of subjectivities. For the scope of this work, innovation professionals refer empirically with those who work in the creative economy sector and information and communication technology. To achieve this objective, we opted for Foucault's discourse analysis (FDA) whereas it allows us to access the experiences and practices in the professionals' trajectory and reveal the discursive formations related to subjectivity. Therefore, associated with data collection through narrative interviews, the chosen method makes it possible to investigate the relationship between the career trajectory and the experience with the digital culture, being able to reveal the discursive practices that reveal subjectivities detected in the professionals' virtual practices of innovation. The results pointed to the identification of five discursive formations, namely: subjection, love, care, technologies and truths. These formations concern the discursive constructions that indicate digital career practices, forming the subjectivation processes of professionals. Thereby, we identify a construction logic that refers to career's technologies and career's subjection. At the end, we discuss the results from the understanding of technologies and subjection of career as discursive practices of subjectivity that compose the innovation professionals.

Keywords: Innovation professionals; digital culture; career trajectory; Foucault's discourse analysis; Foucault.

Resumen:

Las nuevas tecnologías de la información y la comunicación se han modificado como formas de trabajo, relación y entretenimiento. En este contexto, existe una demanda de un nuevo perfil profesional, especialmente para aquellos que están vinculados al escenario de la innovación. Inmerso en una sociedad mediatizada, las prácticas y la vida cotidiana cambian, modificando la forma en que se constituye el sujeto. En este orden de ideas, entendiendo que tanto la trayectoria profesional como la experiencia digital pueden entenderse como prácticas discursivas del sujeto, el trabajo investiga la trayectoria de carrera de los profesionales de la innovación, a partir de la experiencia del uso de las tecnologías de los medios digitales, revela prácticas discursivas de subjetividades. Para el escopo de este trabajo, los profesionales de la innovación tratan empíricamente a quienes trabajan en el sector de la economía creativa y las tecnologías de la información y la comunicación. Para lograr este objetivo, optamos por el análisis del discurso de Foucault (ADF), ya que permite acceder a las experiencias y prácticas en la trayectoria de los profesionales y revelar las formaciones discursivas relacionadas con la subjetividad. Por lo tanto, asociado a la recolección de datos a través de entrevistas narrativas, el método elegido permite investigar la relación entre la trayectoria de carrera y la vivencia con la cultura digital, siendo capaz de revelar las prácticas discursivas que revelan las subjetividades detectadas en las prácticas virtuales de los profesionales de innovación. Los resultados apuntaron a la identificación de cinco formaciones discursivas que serían: sujeción, amor, cuidado, tecnologías y verdades. Estas formaciones dicen respecto a las construcciones discursivas que indican prácticas digitales de carrera, formando los procesos de subjetivación de los profesionales. Con esto, identificamos una lógica de construcción que se refiere a tecnologías de carrera y las sujeciones de carrera. Al final, discutimos los resultados a partir de las tecnologías y sujeción de carrera como prácticas discursivas de subjetividad que componen la formación del profesional de la innovación.

Palabras clave: Profesionales de la innovación; cultura digital; trayectoria de carrera; análisis del discurso foucaultiana; Foucault.

Lista de Figuras

Figura 1- Processo Análise Foucaultiana de Discurso	47
Figura 2 - Mapa Analítico da Formação discursiva 1	67
Figura 3 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 2	79
Figura 4 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 3	87
Figura 5 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 4	94
Figura 6 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 5	102
Figura 7 - Ilustração das tecnologias de si na carreira de inovação.	114

Lista de Quadros

Quadro 1 - Modelos de carreiras emergentes	19
Quadro 2 - Cargos selecionados para entrevista	44
Quadro 3 - Entrevistados	46
Quadro 4 - Descrição das categorias da ADF	48
Quadro 5 - Descrição dos enunciados	50
Quadro 6 - Critérios das Funções Enunciativas	54
Quadro 7 - Descrição das Funções	58
Quadro 8 - Critérios de Regras de Formação	60
Quadro 9 - Descrição das regras	65

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Funções Enunciativas X Critérios.....	57
Tabela 2 - Regras de Formação X Critérios	64
Tabela 3 - Critérios das funções presentes em Amadorismo (R6)	95
Tabela 4 - Critérios das funções presentes em Alteridade (R7)	98
Tabela 5 - Critérios de função em Identidade (R4) na Verdade do profissional (FD5) .	103
Tabela 6 - Critérios de função em Ambição (R8)	106

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 CARREIRA	17
2.1.1 Teorias e mudanças sobre carreira	18
2.1.2 Perfil profissional e a questão carreira-subjetividade	20
2.1.3 Profissional da inovação: a classe criativa e os profissionais de TIC	23
2.2 CULTURA DIGITAL	25
2.2.1 Contexto tecnológico e midiaticização	25
2.2.2 Convergência das mídias e da vida	27
2.3 SUJEITO FOUCAULTIANO	31
2.3.1 Subjetividade	31
2.3.2 Modos de sujeição	35
2.3.3 Tecnologias de si	37
3 METODOLOGIA.....	41
3.1 CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO DE PESQUISA.....	42
3.1.1. Entrevistas narrativas	43
3.1.2 Planejamento do trabalho de campo.....	44
3.1.3 Realização das entrevistas	45
3.2. ANÁLISE DE DADOS	46
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	49
4.1 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS	50
4.1.1 Enunciados	50
4.1.2 Funções enunciativas.....	54
4.1.3 Regras de formação.....	60
4.2 FORMAÇÕES DISCURSIVAS	66
4.2.1 Sujeição profissional	66
4.2.2 Amor pela profissão	77
4.2.3 Cuidado pela profissão	86
4.2.4 Tecnologias do profissional	93
4.2.5 Verdades do profissional	101
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	111
4.3.1 Tecnologias de carreira	111
4.3.2 Sujeição de carreira	117
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A - ROTEIRO	134

1. INTRODUÇÃO

A revolução tecnológica baseada nas tecnologias de informação e comunicação (TIC) redesenharam os modelos econômicos e sociais, reconfigurando os arranjos produtivos globais, as trocas informacionais e interações sociais (CASTELLS, 2002, 2003). Nesse cenário, emerge um novo modelo dominante de produção decorrente dos avanços tecnológicos. Tal panorama afeta, além da cultura e a sociedade, as dinâmicas do mercado de trabalho, de emprego e de carreira (GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018; MONTALI; WAINMANN, 2015; SULLIVAN; BARUCH, 2009; ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989) uma vez que interfere em questões centrais do trabalho.

Nesse contexto, o perfil do trabalhador se altera (GOULART; LIBONI; CEZARINO, 2022; SAVICKAS et al., 2009; HALL, 1996). No processo de adoção de novas tecnologias, as empresas optaram pela contratação de outros tipos de profissionais (DOMINI et al., 2020) que estejam qualificados para atuar no ambiente digital (BALSMEIER; WOERTER, 2019).

A absorção de capacidades relativas às tecnologias de informação e comunicação ocorre também pela própria vivência em ambientes mediados tecnologicamente. A exemplo a *digital literacy* (OECD, 2019) ou letramento midiático (JENKINS, 2015) que é uma habilidade possível de ser melhoradas na utilização de tecnologias digitais cotidianamente.

Essa habilidade é desenvolvida em contextos não profissionais em razão do intenso convívio com dispositivos de mídia que perpassa o âmbito social, familiar, cultural e profissional. As novas mídias convergem em um só espaço várias dimensões sociais que alteram nossas formas de lazer, entretenimento, comunicação e trabalho (SANTAELLA, 2003; CASTELLS, 2003), moldando as formas de interação (HJARVARD, 2012) e reorganizando a estrutura simbólica de sentidos (FAUSTO NETO, 2008). Isso ocorre uma vez que o processo de transformação sócio-histórico-tecnológico emerge uma cultura onde a comunicação é mediada (MARTIN BARBERO, 1997; MARTINO, 2014) e a vida midiaticizada (COULDRY; HEPP, 2013; HEPP, 2014; FAUSTO NETO, 2008) interagindo sob certo tipo de regulação (HJARVARD, 2012). Nessa sociedade midiaticizada os processos e práticas da vida social ocorrem no espaço virtual e físico.

Esse contexto afeta em especial os profissionais diretamente ligados à inovação*¹ que devem se adequar às novas competências, habilidades, atitudes e capacidades exigidas pelo mercado. O profissional precisa gerenciar sua própria carreira compreendendo a autonomia, flexibilidade e criatividade como elementos essenciais (SILVA; VIEIRA; FRANCO, 2019), desenvolvendo capacidades gerenciais, digitais e interpessoais (DUTRA; CARVALHO, 2006; DUARTE; RAMOS; OLIVEIRA, 2008; KAKABADSE; KORAC-KAKABADSE, 2000).

Para fins do presente trabalho adotamos carreira como a experiência do profissional, seja ela dentro ou fora do ambiente de trabalho, (SUPER; HALL, 1978; ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989; CALASANS; DAVEL, 2020) perpassando pela interpretação que o profissional faz de sua trajetória a partir do contexto sócio-histórico-cultural no qual se insere (SULLIVAN; BARUCH, 2009; GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018). Cada emprego, ocupação, cargo ou trabalho, leva a trajetórias diferentes que marcam a história de cada sujeito, isto é, empregos distintos acarretam experiências de trabalho e de vida diferentes.

A trajetória de carreira também marca a construção de subjetividades (DUBAR, 2006; MANSANO, 2011; RAMOS, 2005) e da identidade profissional (MALVEZZI, 2000). De maneira similar, as práticas midiáticas podem ser entendidas como práticas de subjetivação podendo se associar a própria noção de tecnologias de si de Foucault, como visto no trabalho de Camargo, De Souza-Leão e Moura (2021).

Nessa ordem de ideias, uma vez que ambos os processos (trajetória de carreira e a cultura digital) podem ser entendidos enquanto processos de subjetivação, podemos refletir sobre de como o sujeito pode ser entendido a partir da relação entre a vivência de uso das tecnologias de mídias digitais e a escolha na trajetória de carreira.

Uma das formas de se compreender o sujeito e a construção da subjetividade é por meio da teoria de Foucault (1998; 2005; 2006). Para o filósofo, o sujeito se constitui enquanto práticas e técnicas de si por um processo relacional e histórico a partir exercícios consigo e pela interação com os demais (família, amigos, colegas, sociedade etc.) inseridos em contexto que envolve um saber-poder específico. Ainda segundo Foucault (2016), a subjetividade se expressa como o resultado desse conjunto de técnicas e práticas que o sujeito exerce sobre e si e também

¹ Para definição do escopo, estamos abordando áreas de inovação com ênfase em atividades criativas e relacionadas as tecnologias de informação. Portanto, o que estamos chamando de profissionais de inovação, empiricamente trata daqueles que estão atuando no setor da economia criativa (EC) e de tecnologias de informação e comunicação (TIC).

na sua relação com os outros. Essas práticas de subjetivação revelam a ética e a verdade particulares do sujeito (FOUCAULT, 1998) e não são inventadas pelo sujeito, mas impostas pela cultura, sociedade ou grupo social (FOUCAULT, 2004a). Assim, a subjetividade e as práticas fazem parte de um aparato histórico, isto é, varia a partir da cultura e época conforme as relações de saber poder estabelecidas.

Foucault (2005, 2004b) chama essas práticas que o sujeito exerce sobre si e com relação aos outros de práticas de si ou tecnologias de si. As tecnologias de si são práticas sociais - meditações, confissões, trocas de cartas (FOUCAULT, 2005) - que constituem o sujeito a partir da sua relação com a ética e com a verdade. Esse conjunto de práticas de si (tecnologias de si, tecnologias da vida, técnicas da existência) remete ao que Foucault (2005) trata como cuidado de si. Esse cuidado consigo mesmo é algo cultural, abordada como a cultura de si que é entendida como uma arte da existência, uma técnica de vida, *techne tou biou*.

Foucault trabalha o entendimento das tecnologias de si a partir de um contexto cultural. Trazendo essa perspectiva para atual conjuntura cultural - em que as mídias convergem, a cultura é participativa, a comunicação é mediada e a vida midiaticizada - as tecnologias de si podem também ser entendidas a partir das práticas do contexto virtual/digital. Nesse sentido, as práticas relacionadas ao mundo digital e a participação ativa nas mídias revelam um processo aletúrgico e ético do sujeito (CAVALCANTI; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2021; CAMARGO; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2021). Para Assunção e Mendonça (2014), inclusive, as mídias sociais podem ser interpretadas enquanto tecnologias de si.

Nessa mesma ordem de raciocínio, assim como é possível fazer uma associação entre as práticas de si e as “práticas digitais de si” (ou ainda “tecnologias digitais de si” como tratam Abbas e Dervin, 2009), é possível também relacionar a cultura participativa e da convergência com a cultura de si. Isso porque a conexão e participação mediada tecnologicamente relevam parte de nós mesmos e também constituem parte de nossas vivências reais em um universo digital, expondo a indissociabilidade entre as práticas “reais” e virtuais.

O sujeito foucaultiano é uma construção, é o resultado de processos que o subjetivam e o tornam sujeito. Esse processo de subjetivação perpassa também pelas escolhas dos sujeitos, escolhas que se relacionam com sua substância ética e sua verdade (FOUCAULT, 1998). A subjetivação trata-se de um processo, o desenvolvimento da construção de subjetividade, ao passo que os modos de sujeição envolvem a prática, enquanto tecnologias da verdade, que implicam nas escolhas pelas quais se sujeitam (FOUCAULT, 2006). O modo de sujeição, o modo como o sujeito opta por se formar enquanto sujeitos de sua história, envolve as

relações de saber-poder instituídas que, por sua vez, interfere na maneira pela qual se percebe as profissões e carreiras.

A trajetória de carreira faz parte da forma em que nos sujeitamos à determinadas regras, podendo então vincular-se aos modos de sujeição uma vez que a profissão compõe parte da nossa própria realidade na qual escolhemos nos subjetivar. Nesse sentido, a carreira, entendida como a trajetória individual dos profissionais para o desenvolvimento de capacidades laborais, relacionam-se aos modos de sujeição uma vez que os sujeitos optam e gerem seus caminhos profissionais, sujeitando-se nesse processo às regras e verdades do campo.

Em um contexto em que o mundo digital se expressa como uma extensão da vida “real” (CASTELLS, 2003), as trajetórias de vida passam não só pelo ambiente físico, mas também virtual e impacta em como nos constituímos enquanto indivíduos e como tomamos nossas decisões pessoais. Até que ponto essas novas formas de vivência virtuais interferem as nossas escolhas profissionais? Para os profissionais de áreas de inovação, que literalmente pensam e produzem inovações dentro do ambiente digital, a influência das mídias digitais pode afetar de forma mais marcante tendo em vista que suas profissões já estão inseridas dentro do ambiente virtual.

Essas escolhas e vivências fazem parte um processo de construção de subjetividade dos profissionais. Essa subjetividade pode ser compreendida em relatos sobre a trajetória profissional. Em outras palavras, as tecnologias de si podem ser reveladas a partir das práticas discursivas (ARRIBAS-AYLLON; WALKERDINE, 2017; FREUND, 2014; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2012). Práticas discursivas, por sua vez, dizem respeito a condição de uma função enunciativa, um conjunto de regras sócio-histórico, regional, econômico e linguístico que definem a viabilidade do enunciável (dizível e não dizível) (FOUCAULT, 2008a; CASTRO, 2009). Isso significa dizer que do ponto de vista discursivo as subjetividades podem ser acessadas a partir das narrativas sobre suas vivências digitais e laborais. A narrativa pode, portanto, ser entendida enquanto uma produção discursiva (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; BASTOS; BIAR, 2015; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; DE FINA, 2021).

Nessa ordem de ideias, a presente pesquisa busca entender como a trajetória de carreira de profissionais de inovação, a partir da vivência de uso das tecnologias de mídias digitais, revela práticas discursivas de subjetividades. A partir do que foi dito, para o desenvolvimento de tal questão as teorias selecionadas e a análise do material coletado são discutidas a partir da associação da escolha de carreira aos modos de sujeição e o uso das mídias às tecnologias de si.

Essa investigação se justifica tanto pela abordagem inovadora ao se abordar carreira pela lente do sujeito foucaultiano quanto pela busca em compreender as práticas mediadas tecnologicamente a partir das técnicas de constituição do sujeito. Além disso, em diversos trabalhos (e.g. Jenkins, 2015; Leftheriotis e Giannakos, 2014; Scaraboto, Almeida e Fleck, 2020; Brennan e Large, 2014; De Souza-Leão e Costa, 2018) há pistas de que as mídias digitais podem interferir e/ou influenciar nas escolhas profissionais. Desta forma, tendo em vista que as rápidas mudanças tecnológicas - que impactam no estilo de vida, no comportamento e nas possibilidades laborais – há a necessidade de compreender como essas relações são construídas e como elas afetam as escolhas profissionais de uma área cada vez mais necessária. Nesse sentido, essa pesquisa contribui para compreensão da escolha de carreira desses profissionais e a relação dessa escolha com a vivência digital a partir da teoria foucaultiana.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico apresenta de forma mais específica as três temáticas centrais desenvolvidas no problema de pesquisa. O relacionamento entre esses três temas se constrói a partir do alinhamento entre dois conceitos da constituição do sujeito foucaultiano: as tecnologias de si e os modos de sujeição; que no presente trabalho se relacionam respectivamente com a cultura digital e a trajetória de carreira.

Portanto, para conseguir alinhar esses três macro conteúdos (carreira, mídias e subjetividade em Foucault), o referencial teórico foi dividido em três partes: a primeira apresenta tanto as teorias sobre carreira como aborda a carreira como um processo subjetivador, a segunda discorre sobre o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação nas nossas práticas cotidianas e a terceira trata da construção do sujeito a partir da lente teórica de Foucault.

2.1 CARREIRA

Essa seção aborda sobre as teorias de carreira, a questão trabalho-identidade/subjetividade e a definição do perfil do profissional da pesquisa. Para tanto, essa seção está organizada em três etapas. A primeira introduz o leitor as teorias existentes sobre carreira e a mudança o contexto profissional, que altera tanto as teorias como a própria forma de se analisar o tema. Em um segundo momento, abordamos a questão do perfil profissional na era digital e buscamos traçar a relação entre carreira e subjetividade. Por fim, trabalhamos na delimitação do perfil profissional do presente estudo.

2.1.1 Teorias e mudanças sobre carreira

A ideia de carreira surge em uma perspectiva industrial capitalista liberal adotando um discurso gerencialista centralizado na profissionalização dos recursos humanos (CHANLAT, 1995). Os estudos iniciam focados na relação entre indivíduo e a organização e passam a concentrar-se no profissional e como o mesmo desenvolve sua carreira (SULLIVAN, BARUCH, 2009; CALASANS, DAVEL, 2020). A carreira assim apresenta uma dupla abordagem, sendo uma ligada à hierarquia organizacional e a ocupações, associada ao contexto organizacional, e outra vinculada ao indivíduo, a história de vida, interpretada como a sequência de trabalhos do sujeito (GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018; HALL, 1987)

A perspectiva tradicional de carreira, que perdurou até a década de 70, é marcada pela progressão vertical, pela segurança e estabilidade laboral (CHANLAT, 1995) se relacionando então aos trabalhos assalariados e cargos em organizações (DE ANDRADE; KILIMNIK, PARDINI, 2011). Em contrapartida, a perspectiva moderna, a partir das transformações culturais que alteraram as formas de relação dos indivíduos com as organizações (feminização do mercado, flexibilização, exigência quanto a formação técnica), retrata uma visão delineada pela horizontalidade, descontinuidade e instabilidade (CHANLAT, 1995). Nessa ordem de ideias, a carreira proteana aponta para a necessidade de adaptação do sujeito frente as mudanças a partir do auto direcionamento de carreira em que o indivíduo responsável pela sua trajetória laboral (BENDASSOLI, 2009; DE ANDRADE; KILIMNIK, PARDINI, 2011; SULLIVAN, BARUCH, 2009); tal modelo adota uma visão de carreira mais flexível, pautada na autonomia valorizando a liberdade e aprendizagem contínua levando em consideração o sucesso psicológico a partir da análise da satisfação pessoal, orgulho e felicidade familiar (HALL, 1996; DE ANDRADE; KILIMNIK, PARDINI, 2011). Outro modelo que vai de encontro ao modelo tradicional é a carreira sem fronteiras que aborda *know-how*, *know-whom* e *know-why* como competências essenciais para o desenvolvimento profissional (BENDASSOLLI, 2009), concentra na mobilidade profissional (MALVEZZI, 2000) analisando as passagens físicas e psicológicas ocorridas a partir da trajetória da carreira (SULLIVAN, BARUCH, 2009). O modelo de carreira multidirecional, por sua vez, que trata das múltiplas possibilidades de carreira fora e dentro das organizações (BARUCH, 2004).

Bendassoli (2009) analisando a relação de trabalho e o sujeito nas teorias de carreira, traz, além dos supracitados, outros “modelos emergentes de carreira” (p. 392) apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 - Modelos de carreiras emergentes

Carreira <i>Craft</i>	Se refere a carreiras dos artesãos caracterizado pela autonomia de produção e de comercialização de suas obras e pelo constante uso da criatividade; o profissional vê no artesanato uma oportunidade de emprego e é movido pela necessidade de controlar seu próprio trabalho, de criar uma sendo positivos de seus trabalhos de si e para os outros e de criar conexão com outros.
Carreira Portfólio	Para Mallon (1999) diz respeito ao arranjo de “ <i>wage work, fee, work, homework, gift work (like community work done for free) and study work</i> ” organizados em portfólio (p. 359) em que os profissionais apresentam múltiplas áreas de expertise.
Carreira Transacional	Carreira transacional é pautada pelo debate agência estrutura em que o indivíduo propõe novos caminhos para sua carreira; trata da transição de carreira, trabalhada no estudo de Duberley, Mallon e Cohen (2006) como uma transição para o trabalho portfólio que marca a trajetória profissional acarretada por objetivos mensurados subjetivamente pelo profissional.
Carreira Narrativa	Diz respeito da construção sequencial de histórias significativa a partir da interpretação do indivíduo (self), a elaboração do conjunto de narrativas que fazem parte da construção da identidade-
Carreira Construcionista	Trata da carreira como processo em constante construção adotando um viés social construtivista percebendo a carreira como um processo subjetivo relacionando as experiências de trabalho a um processo individual psicológico.

Fonte: Baseado em Bendassoli, (2009); Wrzesniewski e Dutton, (2001); Mallon, (1999); Duberley,

Mallon e Cohen (2006) Bujold (2004) e Blustein et al. (2004).

Sullivan e Baruch (2009) apresentam ainda quatro modelos conceituais da nova geração. As estruturas integrativas (*integrative frameworks*) se refere a modelos que integram múltiplas teorias e constructos, utilizando conceitos que convergem as definições de carreira proteana e sem fronteiras. A reestruturação do modelo tradicional (*traditional career redux*) diz respeito a uma reformulação da teoria tradicional trabalhada fora das organizações, mas ainda abordam as características “originais”. Carreiras integrativas se caracterizam por abordam elementos presentes tanto nas carreiras tradicionais como não tradicionais, tratando, por exemplo de profissionais anseiam tanto por objetivos associados a segurança e estabilidade (tradicional) como elementos trabalhados na teoria proteana, como confiança e um ambiente de trabalho aberto e respeitoso. Por fim, os autores exploram o modelo caleidoscópico, focado no indivíduo, que trata sobre as infinitas formas de padrões possíveis na escolha profissional e aborda as motivações da escolha do profissional a partir da autenticidade, equilíbrio e desafios.

As teorias e as perspectivas de carreira acompanham as transformações sociais, estruturais, culturais, familiares e tecnológicas que impulsionaram outras possibilidades de construção de carreiras e novas maneiras de enxergar o tema. Essas mudanças (crises econômicas, avanços tecnológicos, globalização, automação, flexibilização do trabalho etc.) alteraram as organizações (em âmbito estrutural e cultural), as relações entre patrão-empregado,

as formas de trabalho e até a forma como os indivíduos vislumbram suas próprias carreiras (SULLIVAN; BARUCH, 2009; GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018).

As mudanças: na estrutura familiar e demográficas como crescimento das famílias monoparentais (SULLIVAN; BARUCH, 2009; MONTALI; WAINMANN, 2015), alterações nos padrões reprodutivos (diminuição da fecundidade e aumento da idade reprodutiva), envelhecimento populacional (MONTALI; WAINMANN, 2015), diversificação da força de trabalho com a inserção de migrantes e mulheres no mercado (ANTUNES, 2018); na estrutura organizacional marcadas pela horizontalização, desburocratização e autonomia; na natureza do trabalho e do contrato psicológico uma vez não há estabilidade ou longos contratos de trabalho (GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018); tecnológicas com a formação novos arranjos de produção e novas formas de trabalho (CASTELLS, 2002) que exige do novo profissional informacional novas competências laborais (SAVICKAS et al., 2009); no próprio capitalismo a partir da estruturação produtiva do capital (CASTELLS, 2002; ANTUNES, 2018) formam uma nova classe de trabalhadores precarizados ou infoproletariados (ANTUNES, 2018); afetam a forma como construímos e interpretamos as carreiras.

Os avanços tecnológicos de produção e comunicação afetam o cenário de carreira e emprego não apenas pela automação, mas na mudança em aspectos centrais do trabalho (GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018), sendo assim, as recentes transformações tecnológicas oriundas da quarta revolução afetam os tipos de trabalhadores que serão contratados (DOMINI et al., 2020). Com o processo de digitalização há a necessidade de trabalhadores qualificados que saibam operar e trabalhar no ambiente digital exigindo novas competências associadas ao mundo digital (BALSMEIER; WOERTER, 2019).

2.1.2 Perfil profissional e a questão carreira-subjetividade

O perfil do profissional no contexto tecnológico pressupõe a capacidade em aprender constantemente, em se adaptar e associar seus valores à carreira, exigindo que os trabalhadores desenvolvam novas competências e capacidades no âmbito do trabalho (GOULART; LIBONI; CEZARINO, 2022; SAVICKAS et al., 2009; HALL, 1996). Segundo o relatório “*OECD Future of Education and Skills 2030: OECD Learning Compass 2030*” (OCDE, 2019) os profissionais devem analisar criticamente as informações, e assim, além da alfabetização é necessário o letramento digital (*digital literacy*) (OCDE, 2019) ou letramento midiático (JENKINS, 2015), o aprendizado em lidar e se comunicar através das mídias digitais e poder distinguir e analisar as informações. Desta forma, as novas possibilidades de trabalho oriundas dessa transformação digital acarretam os currículos a serem desenvolvidos, ou seja, os

profissionais e estudantes, desde jovens, devem desenvolver outros tipos de habilidades que antes não eram exigidos. Na era da informação é necessário “julgamento ético” exigindo desenvolvimento de habilidades socioemocionais, cognitivas e meta cognitivas (OECD, 2019).

Em uma era digitalizada, a era da convergência (JENKINS, 2015), onde diversos dispositivos se fazem presentes tão onipresentes no cotidiano, essa aprendizagem com as tecnologias digitais acontece em vários momentos na vivência diária uma vez que as mídias convergem vários espaços de trocas associadas ao entretenimento e atividades laborais. Isso ocorre porque as tecnologias são utilizadas tanto para entretenimento quanto para trabalhos profissionais e/ou educacionais e estão presentes ubiquamente em especial para a nova geração que possui esse vínculo desde a mais tenra idade. As mídias digitais podem, assim, influir na escolha profissional e as interações e relacionamentos criados nessas redes podem contribuir para a produtividade dos funcionários em seu ambiente de trabalho, a partir da troca de experiência, networking e troca de informações (LEFTHERIOTIS; GIANNAKOS, 2014).

Nessa ordem de ideias, as práticas nas mídias usadas para entretenimento e socialização podem contribuir e influenciar os caminhos profissionais. Trabalhos como o de Brennan e Large (2014) e De Souza-Leão e Costa (2018), por exemplo, expõem como indivíduos que estão inseridos dentro da prática de cultura de fãs (que tem como práticas de participação ativa a partir da interação midiática e da criação de novas histórias dos produtos midiáticos – e.g. Jenkins 2012; 2015) podem preferir carreiras criativas justamente pelo uso que fazem das mídias, por suas interações midiáticas e pelo uso recreativo que faz delas. Outro exemplo pode ser visto no trabalho de Scaraboto, Almeida e Fleck (2020) que explora as interações da comunidade de *gamers* e sugerem que as práticas *gamers* podem ser úteis por um ponto de vista profissional.

Tendo em vista, portanto, a imersão que vivenciamos nesse novo contexto virtualizado, podemos pontuar que as escolhas de carreira dos profissionais serão marcadas também pelo novo contexto tecnológico no qual estão inseridos e perpassa por aspectos intimamente ligados a subjetividade e as vivências particulares. Para Savickas et al. (2009) o entendimento de carreira nesses novos modelos socioculturais passa pela compreensão da própria trajetória de vida dos profissionais; os modelos teóricos devem compreender essa nova realidade focando em aspectos como a flexibilidade, adaptabilidade e o constante aprendizado.

Assim sendo, para o presente trabalho, carreira trata da sequência de experiência do profissional em sua trajetória laboral (SUPER; HALL, 1978; ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989; CALASANS; DAVEL, 2020) e também das experiências ao longo da vida do sujeito, dentro ou fora da organização, que podem ser relacionadas ao mundo profissional e envolvem

tanto a movimentação profissional (em ocupações/funções) como a interpretação que o sujeito faz de sua própria trajetória, percepção esta que está relacionada a questões culturais e sociais (SULLIVAN; BARUCH, 2009; GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018).

A carreira apresenta, então, dois aspectos possíveis: objetivo, ligados diretamente a trajetória e as práticas relacionadas ao trabalho, e subjetiva, associada à concepção que o sujeito faz de sua própria vivência, sua autoimagem, aspirações, valores e subjetividade (SUPER; HALL, 1978; GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018; HALL, 1987; BLUSTEIN et al., 2004).

Vale pontuar que o debate da subjetividade nos estudos de carreira não é novo. Hall (1987) apresenta que Hughes na década de 30 já expos o debate sobre carreira como “foco interno”, tratando da perspectiva da carreira subjetiva buscando entender as motivações e a percepção dos sujeitos sobre suas trajetórias. Assim, aspectos subjetivos e relativos à construção da identidade, como motivações e os papéis desenvolvidos no contexto laboral, respectivamente, já são temas discutidos nos estudos de carreira e trabalho.

Para Dubar (2006) as profundas alterações socioculturais (mudança nas relações de gênero e estrutura familiar, alteração nas relações de trabalho e emprego e as mutações institucionais – estatais) geram uma crise identitária. As primeiras formulações sobre identidade se alinham a ideias de imutabilidade, pela essência e crenças dos indivíduos, denominadas pelo autor de comunitárias; já as emergentes, denominada como societárias, pressupõe um contexto efêmero com a existências de múltiplos coletivos pelos quais o indivíduo se associar e desassociar ao longo da vida (DUBAR, 2006). Essa última se caracteriza pela formação de identidades para o outro e para si, se vinculando aos grupos como resultados de uma escolha pessoal e não por uma característica inata.

De maneira similar Lapointe (2010), trabalhando a partir de uma lente construcionista, interpretativa e crítica, aborda a identidade de carreira como um processo de construção sócio-histórico-cultural abordando o indivíduo a partir de sua agência e evitando a perspectiva de *self construction*. Contrastando com a proposta dos estudos de identidade carreira cognitivista e até com outros trabalhos construcionista, Lapointe (2010) analisa a partir de um constructo sociocultural, explicando como o contexto se reproduz em âmbito individual. A ideia de identidade trazida por Lapointe (2010) é entendida como “*a practice of articulating, performing and negotiating identity positions in narrating career experiences*” (p.1) se embasando na formação da identitária que vai de encontro com a construção de identidade da proposta interacionista (Goffman) e pela identificação dos papéis sociais, se aproximando do sujeito que

se constrói a partir das práticas e processo discursivos assim como se trabalha o sujeito em Foucault (1998, 2005).

Ambas as abordagens apresentadas, identidade pessoal (DUBAR, 2006) e identidade de carreira (LAPOINTE, 2010), tratam a construção da identidade por meio de um processo interacional, analisando a relação do sujeito consigo e com os outros, interpretados a partir do seu contexto social, cultural e histórico. Nessa ordem de ideias, é possível construir uma abordagem alinhando as teorias de identidade abordada por esses autores com o sujeito foucaultiano. Essa aproximação é possível uma vez que identidade pessoal (identidade narrativa), assim como Lapointe (2010), analisam a identidade como um produto das práticas de escolhas do sujeito e pelo processo pelo qual ele se constrói a si mesmo a partir de seu contexto e seus relacionamentos.

2.1.3 Profissional da inovação: a classe criativa e os profissionais de TIC

A inovação possui diversos conceitos que foram se alterando ao longo dos anos, envolve diversas áreas e pode ser entendido enquanto processo, conjunto de habilidades, transformações das esferas sociais, geração e comercialização de produtos, dentro outros (KOTSEMIK, ABROSKIN, MEISSNER, 2013). A inovação envolve criação e tecnologia, ainda que não se reduza à criação de algo novo, sendo, em realidade, um movimento cultural de reconfiguração de práticas sociais e tecnológicas. Os processos ‘inovativos’ estão presentes na sociedade e transformam as práticas da vida. Isso se evidencia cotidianamente através da presença massiva das tecnologias de informação e comunicação (TIC), que unem o debate entre tecnologia, arte e sociedade.

Com isso em vista, a presente pesquisa adota a área criativa e de tecnologia de informação e comunicação como escopo no vasto campo da inovação. Com o foco nos sujeitos, os profissionais que pertencem a essas áreas são respectivamente a classe criativa e os profissionais TIC.

A classe criativa, para Florida (2012), não se define pelos trabalhadores que utilizam a criatividade em seus ofícios, mas sim por aqueles que são pagos por uma produção intelectual, que resolvem problemas complexos com grandes níveis de ‘capital humano’, que utilizam aspectos cognitivos e sociais. Isso inclui empreendedores, engenheiros, cientistas da computação, perpassando campos técnicos (e.g. economistas, administradores) e artísticos (e.g. músicos, escritores).

Ainda segundo o autor, as transformações sócio-histórico-culturais do século passado, (e.g. crises econômicas, guerras, desenvolvimento tecnológico e educacional) remodelam uma nova classe criativa. Isso ocorre uma vez que essas mudanças impactam no nível de capital humano presente na sociedade, nos estilos de criações, nas obras possíveis de serem geradas, nas formas de coletivos artísticos, etc.

Essa classe possui características e critérios valorativos semelhantes, “*share a common ethos that values creativity, individuality, difference, and merit*” (FLORIDA, 2012, p. 9). Isso envolve a concepção de um *ethos* criativo, um *modus operandi* de impulsão criativa que permite a criação, inovação e novas formas de organização econômica (SILVA, VIEIRA, FRANCO, 2019).

A delimitação dessa classe no Brasil foi esboçada pelo Ministério de Cultura (MinC) juntamente à Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento (UNCTAD, 2012). Para Silva, Vieira e Franco (2019), ainda que o MinC tenha abarcado as artes clássicas, a indústria cultural e as TIC, é importante ressaltar que a economia cultural e a economia criativa não significam o mesmo, uma vez que a primeira gira entorno das artes enquanto a segunda abrange as novas tecnologias e um “conjunto de atividades criativas de produção da economia pós-fordista” (p. 29).

Já com relação aos profissionais TIC, Moura Júnior e Helal (2014) apontam uma dificuldade de definição em razão da multiplicidade de versões que podem ser encontradas na literatura. Isso ocorre em razão do termo “tecnologias de informação” abarcar uma ampla variedade de áreas.

Para Suhaimi et al. (2012) os profissionais podem ser entendidos a partir de sua funcionalidade que podem variar de uma organização para outra, e utiliza na pesquisa os trabalhadores que estão diretamente relacionados à criação de novos processos e manutenção dos já existentes. As ocupações de TIC estão relacionadas às áreas de design, gerenciamento e experiência do usuário (MOURA JÚNIOR; HELAL, 2014, 2019). Os profissionais que ocupam as funções dizem respeito ao conjunto de trabalhadores que são capazes de gerenciar sistemas de informação, desenvolver aplicativos (construir, testar, operar, adicionar aplicações) e processar dados (SUHAIMI et al., 2012).

Buscando, assim como Moura e Helal (2014) e Suhaimi et al. (2012), atrelar os profissionais às funções, o presente trabalho compreende por profissionais TIC aqueles que participam do setor e possuem as capacidades relativa à área de tecnologia de informações e comunicação (OECD, 2004; EUROSTAT, OECD, 2019) incluindo as tecnologias emergentes (UNCTAD, 2021).

Para esses profissionais a identificação com a profissão é um fator relevante para a escolha de carreira, como aponta o estudo de Tsakissiris e Grant-Smith (2021). Nesse estudo as autoras evidenciam a identidade profissional e o interesse pessoal como fatores importantes que influenciam a tomada de decisão de carreira. De forma similar, as pesquisas de Gupta e Gomathi (2022) e Tandon, Jhamb e Chand (2022) também expressam fatores subjetivos sociais que influem na escolha profissional na carreira TIC. O primeiro aborda sobre a importância da representatividade e da inclusão na diminuição do *turnover* nos profissionais da Índia, e o segundo expressa a influência dos relacionamentos sociais.

Tanto a classe criativa quanto os profissionais TIC possuem áreas de atividade em comum e são caracterizados por um *ethos*, um comportamento que os diferenciam no nível de suas práticas individuais guiadas por padrões valorativos e subjetivos. As próprias tecnologias do sujeito podem evidenciar práticas que podem agregar conhecimentos valiosos para o mercado de trabalho na inovação (como sugerido nos textos de Leftheriotis; Giannakos, 2014; Honscha, 2009; Linke; Oliveira, 2015; Brennan; Large, 2014; De Souza-Leão; Costa, 2018).

Com isso em vista e buscando focar em um grupo capaz de responder à pergunta de pesquisa que seja operacionalmente exequível, os profissionais adotados como profissionais de inovação representam a intersecção entre a classe criativa e os profissionais TIC.

2.2 CULTURA DIGITAL

Para trabalhar a questão dos meios de comunicação e seus efeitos na constituição do sujeito e da vida cotidiana, a presente seção foi construída a partir de suas frentes: o contexto tecnológico que nos insere em uma sociedade midiaticizada e a convergência das mídias com a vida. A primeira parte tem como objetivo apresentar a forma como as mídias e tecnologias digitais nos insere em uma estrutura social que se constrói a partir de relacionamentos mediados por tecnologia. A segunda faz uma extrapolação da teoria da convergência de Jenkins (2015) traçando uma convergência que não se limita as mídias, mas converge com a vida e com as práticas diárias.

2.2.1 Contexto tecnológico e midiaticização

Mídias são meios de comunicação (JENKINS, 2015), meios estes que apresentam contornos sociais e estéticos que moldam nossas formas de comunicação (HJARVARD, 2012; CASTELLS, 2002), são veículos abertos de acesso em que estabelecemos vínculos simbólicos e emocionais, construindo intimidade e confiança a partir de “sistemas abstratos” (GIDDENS,

1991). Os meios podem então ser entendidos não apenas pelo seu caráter utilitário de transmissão de informação, mas são uma rede complexa que perpassam os processos linguísticos e simbólicos, pela maneira na qual nos comunicamos, como percebemos e entendemos nossa realidade, sendo um processo cultural (MARTÍN-BARBEIRO, 1997; MARTINO, 2014).

As mudanças tecnológicas e as novas formas de comunicação e acesso à informação impactaram a economia, a política, a cultura e vem alterando o tecido social. Transformações midiáticas reconfiguram as formas de comunicação, de trabalho, de transmissão de informação, de expressão; elas ainda modificam a cultura, a forma de nos relacionamos e nos processos afetivos que afeta a construção da própria subjetividade uma vez que o entendimento de si mesmo se altera na medida em que se constituímos enquanto sujeitos em uma nova realidade onde a tecnologia está onipresente e moldando a estrutura comunicativa e simbólica na qual a sociedade se insere.

Essa presença massiva das mídias na vida cotidiana nos atravessa tanto em um processo de tecnologias como mediadora dos processos de comunicação como também a um processo de midiatização da vida uma vez que nos inserimos em um mundo midiatizado (). Sendo assim, as mídias podem ser analisadas por duas lentes analíticas e complementares sendo tanto uma tecnologia mediadora que organiza as interações quanto uma nova construção sócio-simbólica que reconfigura a lógica das práticas sociais a partir da midiatização social. Nessa sociedade midiatizada a estruturas sócio-tecno-discursivas, a dinâmica e organização da própria sociedade se inserem em uma cultura midiática (FAUSTO NETO, 2008).

A midiatização estuda a relação entre a transformações da mídia e da comunicação e as modificações sociais e culturais (COULDRY, HEPP, 2013) ou seja, analisam a estrutura midiática e suas consequências nas dinâmicas sociais (FAUSTO NETO, 2008). Desta forma, a midiatização se apresenta como um produto da “evolução dos processos midiáticos” (FAUSTO NETO, 2008, p. 90), uma consequência do processo de mediação (COULDRY, HEPP, 2013) e da crescente influência dos meios de comunicação nos modos de interação entre as instituições sociais e culturais (HJARVARD, 2012). Vale ressaltar que ‘institucionalização’ remete tanto a organização da mídia e também como a comunicação midiática pessoal realizada na vida cotidiana (HEPP, 2014, COULDRY, HEPP, 2013).

Esse processo de midiatização afeta o agenciamento individual e social que se adequam aos delineamentos propostos pelas tecnologias mediadoras (FRANCO, DE SOUZA-LEÃO, 2016; AMPUJA, KOIVISTO, VÄLIVERRONEN, 2014). Isso ocorre uma vez que a própria produção midiática, ainda que permita a formação de discursos despolarizados (FAUSTO

NETO, 2008), possui uma lógica, um sistema de regras formais e informais que delineiam a operacionalização estética e tecnológica de distribuição de elementos materiais e simbólicos (HJARVARD, 2012).

Inseridos dentro desses novos moldes estruturais de construção comunicativa e simbólica, a elaboração discursiva permanece interligados as regras formais e informais conduzindo a sociedade a uma elaboração de ideias também emergidas nas mídias, concebendo uma sociedade que pensa midiaticamente. Esse processo ocorre por estarmos imersos em um processo de convergência midiática que perpassa tanto pelas questões tecnológicas quanto sociais. Nesse sentido, a “convergência de fatores sócio-tecnológicos, disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais produziu, sobretudo nas três últimas décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações” (FAUSTO NETO, 2008, p. 92).

Nesse processo de midiatização, de mediação, de onipresença das tecnologias digitais, trabalhamos, estudamos, conversamos e nos entretemos em um mesmo aparato, o que faz com que diferentes esferas da vida social atravessem os mesmos dispositivos de comunicação. O ambiente laboral, de entretenimento e o pessoal convergem em um mesmo espaço, sobrepondo as esferas sociais. Esse processo faz com que haja um “nublamento” ente a divisão entre vida “real” e vida “digital”, uma dificuldade em se separar o que é uma “vivência física” e o que faz parte da “vida virtualizada”. Esse pensamento se aproxima da percepção de Castells (2003) ao expor que a vida digital passa a ser uma “extensão” da própria vida, mais uma faceta das vivências diárias.

2.2.2 Convergência das mídias e da vida

Um exemplo dessa convergência entre as práticas cotidianas, produtivas e entretenimento são as comunidades de fãs que se estabelecem em práticas organizativas diferentes epistemologicamente do *mainstream* da indústria do entretenimento uma vez que os usuários participam da criação de conteúdo (COSTA; DE SOUZA-LEÃO, 2018). Para se referir aos fãs consumidores de produções de distribuição em massa que criam coletivos chamados *fandom* para discutirem, criarem e compartilhar conteúdo, construindo suas próprias narrativas em torno das histórias de seus personagens, Jenkins (2012, 2015) utiliza o termo cultura participativa.

Nesse primeiro momento, nem Jenkins tinha noção da profundidade da cultura participativa, até que ponto as trocas de conteúdos e o conhecimento gerado poderia chegar e a influências dessa participação (JENKINS; MIZUKO, 2016). Isso porque esse novo paradigma

de construção midiática altera as relações de poder entre fãs e consumidores transformando a hierarquia de produção cultural (JENKINS, 2015; DELWICHE; HENDERSON, 2013) e altera as formas de participação política da sociedade (KOZINETS; JENKINS, 2021). Cabe pontuar que nesse contexto participativo toda participação é significativa independente da sua “intensidade” – ativos e produtores ou espectadores e inativos (JENKINS; FORD; GREEN, 2015).

Nesse cenário de cultura participativa, Jenkins desenvolve, a partir de seus estudos sobre fãs, a teoria da convergência das mídias. Ao abordar a convergência das mídias, Jenkins (2015) “reduz” apenas a um âmbito midiático, ainda que trate como um fenômeno cultural abordando os fatores sócio-histórico-culturais e as consequências dessa convergência na sociedade. Para o autor a convergência diz respeito a um processo cultural resultante das transformações tecnológicas, industriais, sociais e culturais que levam a coexistência de diversas plataformas midiáticas e a movimentação do conteúdo que perpassam fluidamente entre as mídias se caracterizando como um “processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia” (p. 323). Entretanto, essas transformações estão intimamente ligadas ao processo de transformação da lógica discursiva que acarreta em uma convergência das mídias com a própria dinâmica social uma vez que estamos inseridos na lógica das mídias em uma sociedade midiaticizada. Assim, a convergência aqui é um fenômeno cultura que trata do imbricamento entre as mídias e as práticas sociais.

Para Jenkins (2015) a convergência cultural é a “mudança na lógica pela qual a cultura opera, com ênfase no fluxo de conteúdos pelos canais de mídia.” (JENKINS, 2015, p. 323). Isso quer dizer que a convergência vai além da produção de conteúdo, sendo uma nova forma de compreender a cultura, a produção e o consumo cultural. Nessa perspectiva, se estabelece uma outra maneira de se pensar a cultura onde a convergência não depende de grandes conglomerados midiáticos para distribuição de conteúdo e assim surge um novo paradigma em que o conteúdo “flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia” (JENKINS, 2015, p. 283).

Sendo assim, a convergência corresponde a um novo molde de funcionamento da produção e reprodução da cultura que é possível devido ao avanço tecnológico e aos meios de comunicação. As mídias outrora eram unilaterais, os veículos de comunicação (jornais, revistas, televisão, rádio etc.) eram detentoras do processo de produção e distribuição de conteúdo e ainda que fosse possível produzir conteúdo midiático (livros, jornais, folhetos) a elaboração e distribuição era muito mais complexa. Com a popularização da tecnologia, dos celulares,

câmeras, computadores e internet foi possível criar e distribuir, com mais facilidade, materiais elaborados de forma independente (JENKINS, 2015).

Essas novas formas de expressão popular, onde os consumidores produzem seus próprios matérias, é viável justamente pelo atual contexto tecnológico onde há uma convergência entre mídias. Esse processo está ligado a participação ativa dos consumidores no que está sendo consumido, produzido e compartilhado. O material criado a partir da interação com os meios de comunicação é justamente o que Jenkins (2015) entende por cultura popular, sendo “materiais culturais que foram apropriados e integrados à vida cotidiana de seus consumidores” (p. 323). Nessa ordem de ideais, os vídeos caseiros realizados pelos aparelhos eletrônicos e compartilhados nas mídias, entre amigos ou publicamente, é cultura popular para Jenkins (2015). Desta forma, portanto, a cultura da convergência não se resume apenas a novos fluxos de informações em múltiplos canais, mas uma nova forma de se pensar o padrão cultural, uma “cultura popular” feita das pessoas para as pessoas que mistura a mídia corporativa, a cultura de massa e a comercial.

Esse mecanismo de apodera-se de tecnologias (celulares, computadores, câmeras etc.) trata justamente da apropriação tecnológica que é o que possibilita e fomenta a participação social no processo de construção de conteúdo e conhecimento (MORENO GÁLVEZ; SIERRA CABALLERO, 2022; DA SILVA, 2019). Nessa ordem de ideias, o avanço tecnológico tornou possível a convergência dos meios de comunicação e essa convergência se dá, também, pela participação ativa na cultura. Em outras palavras, “cultura da convergência está possibilitando novas formas de participação e colaboração” (JENKINS, 2015, p.285) permitindo o avanço da inteligência coletiva e da cultura participativa.

O termo “inteligência coletiva”, cunhado por Lévy (2007), corresponde ao conhecimento constituído a partir da ação conjunta e organizada de um coletivo no ciberespaço. Nas palavras do autor: “É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (p. 28), é uma nova cultura de conhecimento que surge pelo estabelecimento de vínculos voluntários, temporários ou táticos em comunidades que não estão circunscritas por barreiras espaciais (JENKINS, 2015). Como exemplo, Jenkins (2015) aponta o processo de *spoiling* dos fãs do reality show *Survivor* em que os membros do fandom se reúnem e compartilham seus conhecimentos para identificar materiais que os produtores do show ainda não tornaram públicos. Nos fóruns/comunidades o fluxo de informação em tempo real é gerado a partir da participação ativa dos membros que compartilham seus conhecimentos para um objetivo específico e, assim, esse processo gera um conhecimento a partir da reunião das

competências especializadas dos membros da comunidade. Nesse sentido, a inteligência coletiva é uma “fonte alternativa de poder midiático” (JENKINS, 2015, p.23) uma vez que gera conhecimento a partir da combinação dos conhecimentos individuais dos membros da comunidade, a junção dos conhecimentos de cada membro para construção de um novo conteúdo, ou seja, o conhecimento que se constrói a partir das aptidões e expertises de cada usuário (JENKINS, 2015).

Esse exercício participativo nas redes, a vivência em ambientes de trocas de informações e construção de conhecimentos e a própria experiência em ambientes virtuais e com tecnologias digitais são também processos de absorção de capacidades e competências úteis para a vida profissional (LEFTHERIOTIS; GIANNAKOS, 2014; HONSCHA, 2009; LINKE; OLIVEIRA, 2015; BRENNAN; LARGE, 2014; DE SOUZA-LEÃO; COSTA, 2018). Jenkins (2012, 2015) realiza seus estudos dentro do fenômeno da cultura de fãs, mas, tendo em vista todas as repercussões possíveis, no que diz respeito da participação e experiência com a tecnologia e o universo digital, podemos apontar como uma cultura (originalmente vista pelo ponto de vista do consumo) pode fomentar práticas de profissionalização. Nesse sentido, as experiências da vida cotidiana de uso e de consumo em redes usadas para entretenimento inserem os sujeitos em um contexto mais amplo que pode culminar em um interesse profissional.

Diante o exposto podemos apontar que na era da convergência, onde a cultura é participativa e a construção do conhecimento pode ser coletivo, o limite entre as nossas vidas (costumes, práticas, prazeres, discursos) e os conteúdos midiáticos e de entretenimento ficam nublados. Nessa “evolução” da participação midiática, o universo virtual se caracteriza como uma extensão das nossas vidas diárias (CASTELLS, 2003) em que uma nova realidade social é construída permitindo a emergência de uma “nova” cultura que altera aspectos do cotidiano (SHIMAZAKI, PINTO, 2016) capaz de influir a formação da identidade/subjetividade (CASTELLS, 2018).

Nesse cenário, nossos comportamentos, práticas, rotinas se alteram e, sendo assim, alteram a constituição dos indivíduos enquanto sujeitos. Ou seja, além de alteração das constituições de si a partir das modificações dos processos relacionais, as redes interferem ainda nas práticas cotidianas e nas práticas que fazem parte da construção de subjetividades. As subjetividades inseridas nessa “nova” realidade passa por um processo de mídia (já que nos inserimos uma sociedade mediada e midiaticizada que formula seus discursos inseridos por uma lógica midiática) e nossa participação nas mídias podem então ser entendidas como práticas que fazem parte do processo de constituição do sujeito, se configurando, portanto, como uma técnica de si.

2.3 SUJEITO FOUCAULTIANO

A teoria foucaultiana foi caracterizada por ciclo teóricos metodológicos em que cada etapa teórica correspondia a uma etapa metodológica. Em seu primeiro ciclo Foucault estudou o saber que corresponde metodologicamente a arqueologia, posteriormente analisou ao poder a partir do método genealógico e, por fim, investigou a subjetividade analisando o sujeito a partir das construções éticas. Em cada nova fase que adentrava, Foucault perpassava pela anterior e sendo assim, para analisar o sujeito ético e o ciclo da subjetividade é necessário abarcar temas das etapas anteriores uma vez que não há poder sem saber e não há forma-sujeito sem suas relações de saber-poder (verdade/governo) (SOUSA, FURLAN, 2018; FOUCAULT, 2004a).

Foucault desenvolvia os ciclos de forma “cumulativa” em que cada nova etapa pressupõe a anterior, ou seja, em cada etapa ele visitava a precedente avançando a análise e desenvolvendo conceitos. Inclusive, em entrevista com Barbedette e Scala (FOUCAULT, 2004a, p. 253), ele expressa o incômodo em ter passado pelos dois primeiros ciclos sem se ater as questões do último ciclo. Ao atravessar pelo ciclo da subjetividade, Foucault retorna aos conceitos teóricos de saber e poder em uma perspectiva atrelada a concepção do sujeito, analisando pela questão da verdade e do governo (conduta).

O capítulo foi organizado para compreender como estamos mobilizando a dimensão da subjetividade em Foucault para efeito do presente trabalho. Para tanto, o desencadeamento do texto se deu a partir do entendimento de que: a subjetividade não é um dado ontológico e sim uma construção que se efetiva a partir de processos de subjetivação e modos de sujeição materializados por meio de práticas específicas – as tecnologias de si. Assim, a fim de conseguir entregar todo conteúdo relevante para análise do problema de pesquisa e também para compreensão da construção do sujeito foucaultiano, o presente capítulo foi organizado em três etapas, uma abordando o que é a (1) subjetividade, posteriormente passando pela compreensão de como o sujeito é formado, explicando os (2) modos de sujeição e, por fim, apresentando as práticas de formação do sujeito, isto é, as (3) tecnologias de si.

2.3.1 Subjetividade

Segundo Foucault (2016) *bíos* é o conceito que se assemelha ao entendimento e subjetividade na cultura helenística. Para ele “*bíos* é a subjetividade grega. E também aí, é claro, o que nos impede de compreender bem esse sentido do *bíos* é o fato de que para codificar e para pensar a subjetividade temos um contexto que podemos dizer cristão.” (FOUCAULT, 2016, p.

227). O obstáculo para compreensão mais ampla sobre a subjetividade é justamente a cultura na qual estamos inseridos, no conjunto de símbolos e significados que temos codificados desde o nascimento, o conhecimento que nos é disponível.

Desta forma, para ser mais precisa, cabe pontuar que a subjetividade não é só uma prática ou uma atividade e o sujeito não se resume ao que faz, mas na relação que constrói com as coisas e pessoas ao seu redor ou ainda

[...] a forma de relação que ele mesmo decide ter com as coisas, a maneira como se coloca com relação a elas, a maneira como as finaliza com relação a si mesmo. É ainda a maneira como insere sua própria liberdade, seus próprios fins, seu próprio projeto nas coisas em si, a maneira como, por assim dizer, as coloca em perspectiva e as utiliza [...] (FOUCAULT, 2016, p. 226)

Nessa ordem de ideias, adotaremos a subjetividade “entendida como o conjunto de processos de subjetivação aos quais os indivíduos foram submetidos ou que aplicaram com relação a si mesmos” (FOUCAULT, 2016, p. 255). A subjetividade se constrói a partir da relação do indivíduo com ele mesmo e pela interação que se estabelece com o contexto inserido, as pessoas, grupos sociais, família, língua, cultura etc.

Na filosofia foucaultiana quando se fala de sujeito estamos tratando de um sujeito moral, um sujeito ético. O sujeito ético se constitui “por meio de uma atitude e de uma procura que individualizam sua ação, que modulam e que até podem dar um brilho singular pela estrutura racional e refletida que lhe confere.” (FOUCAULT, 1998, p. 59). Não é por meio que morais universais que o sujeito se forma, mas através das suas ações individuais, de suas condutas refletidas por sua moral individual, nas práticas de sua ética. Nessa perspectiva, Camargo, De Souza-Leão e Moura (2021) explicam a teleologia do sujeito moral como a “busca por constituir-se como certo sujeito moral particular. Pode-se aspirar várias subjetividades morais possíveis: ser puro ou honrado em relação a certos códigos, fazer-se liberto de certos juízos ou tradições, tornar-se expert em certa prática.” (p. 6).

O sujeito foucaultiano (2004b) não se forma por si só, ele é relacional e histórico. Ele se define em suas práticas decorrentes de sua moral, ética e verdade, em um constante processo de formação, que se altera a partir do contexto, lugar, período e grupo social no qual vive. Desta forma, o sujeito não se constitui isoladamente, mas em contato com os demais. O sujeito é uma essência, é uma forma, é algo que se altera e se constrói a partir das pressões que lhe são impostas pelas verdades dominantes, pelas forças exercidas no saber-poder instituído; se constitui a partir da relação com os demais e pela relação consigo mesmo e se altera pelos contextos em que estão imergidos. Uma vez que o sujeito se estabelece a partir da moral e sua relação com a verdade, e entendendo que verdade se altera conforme as construções discursivas dominantes, nos jogos de verdade, é possível compreender que o sujeito, sendo forma, se altera

a partir dessas relações construídas sócio historicamente. Se altera a partir da sua relação com o outro – relacional – e conforme as formas dominantes existentes em seu período – histórico.

Diante o exposto, é possível pontuar que a construção de subjetividade/forma-sujeito/sujeito ético envolve o aspecto teleológicos, perpassando pelo entendimento da moral e da ética. Moral é entendido como o comportamento efetivo dos sujeitos em relação as regras estabelecidas pelas instituições (estado, família, igreja etc.), a conduta que diz respeito aos valores que o sujeito estabelece sobre si a partir do que lhe é imposto (FOUCAULT, 1998). Nas palavras de Foucault (FOUCAULT, 1998) é entendido como “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos [...] o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos” (p. 26). A ética se expressa a partir das ações deste sujeito moral, sendo a *determinação da substancia ética* “a maneira pela qual o indivíduo deve constituir tal parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral” (FOUCAULT, 1998, p.27). Essa substancia ética grega é analisada por Foucault em quatro aspectos: “ato ligado ao prazer e ao desejo”, modo de sujeição, práticas de si e a teleologia do sujeito (DREYFUS, RABINOW, 1995, p.264-165).

Assim, a moral é o comportamento, a própria conduta dos sujeitos; condutas essas que promove a formação do sujeito e de sua subjetividade, que, por sua vez, revelam uma ética (CAMARGO; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2021). Sendo assim, a conduta, a as práticas de técnicas de si que formam o sujeito é resultado de uma ética, isso significa dizer que a ética é relevada a partir das práticas morais do sujeito.

Retornando ao ciclo do saber ao analisar o sujeito, Foucault aborda sobre a verdade que é compreendida como “o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros” (FOUCAULT, 2004a, p. 233); em que o sujeito se constitui a partir da relação direta com o saber-poder instaurado uma vez que a sociedade produz suas verdades que se estabelecem a partir de mecanismos de poder que as tornam possíveis (FOUCAULT, 2004a, p229). As verdades são estabelecidas enquanto tal pelo saber-poder estabelecido e a subjetividade do sujeito. Neste aspecto é possível analisar a verdade em nível “social”, a partir do que é entendido como uma “verdade” socialmente construída, isto é, do discurso dominante, do discurso que é tomado como verdade em determinada sociedade e a nível individual são focadas no entendimento que cada indivíduo possui sobre sua realidade, ou seja, o crivo moral/ético que cada um pratica.

Toda análise sobre a verdade é construída levando-se em consideração o sujeito e sua subjetividade já que a “subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na

relação que ela tem com sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade” (FOUCAULT, 2016, p. 13). Foucault (2016) em sua análise sobre a verdade trata de indagar-se por um ponto de vista filosófico e histórico sobre (a) como um sujeito pode conhecer a verdade, (b) como saber que esse conhecimento adquirido se trata da verdade e ainda (c) como o sujeito identifica algo como sendo verdadeiro. As verdades nos atravessam, compondo nossa própria subjetividade, contudo, cada sujeito, a partir do seu entendimento sobre sua própria realidade, sobre sua construção moral e o que considera real, aceitará ou refutará como verdade determinada ideia.

Essas verdades, morais e éticas específicas dos sujeitos são estabelecidas não só pelo processo de sujeito com ele mesmo, mas também pelas relações de saber e poder na qual esse sujeito está inserido (SCHUTJISER, 2019). Ou seja, sujeito age de acordo com certa conduta moral que é regida por um certo tipo de saber-poder estabelecido. Tanto os domínios do saber quanto as próprias verdades são construídas a partir das relações de poder.

Ao analisar o sujeito, retornando do ciclo do poder, Foucault (1998, 2005) aborda como as imposições morais estabelecidas socialmente (e institucionalmente) contornam as ações individuais e coletivas desenhando a conduta individual dos sujeitos. O poder é operacionalizado através de todas as relações, moldando as formas de saber/verdade. Essas formas de poder, institucionalizada ou não, configuram e fornecem as práticas que o sujeito pode ou não exercer.

Em nível “macro” o poder se relaciona as formas de “governo dos homens” (governo dos vivos) e em nível “micro” trata do governo de si (FOUCAULT, 2005), da conduta moral que os sujeitos se conduzem, da forma como estabelecem suas práticas a partir da verdade apresentadas e das formas de poder que lhes são impostas (governo de si e dos outros).

Foucault (2000) aborda ainda, dentro do que diz respeito às práticas de construção de subjetividade, o conceito de *ethos* filosófico associado a discussão kantiana sobre de *Aufklärung*. Ao discutir com o conceito kantiano, Foucault aborda *Aufklärung* como um processo em que o sujeito se liberta a partir da racionalidade (*räzonieren*). Trata do “conjunto de acontecimentos políticos, econômicos, sociais, institucionais, culturais” (FOUCAULT, 2000, p. 345) os quais estamos inseridos (dependentes e constituintes desse processo) enquanto agentes construtores de sua própria subjetividade através da crítica constante do presente. O *ethos* filosófico trata do sujeito moderno (homem moderno de Bauleaire) que não está associado ao período histórico, mas a uma atitude, prática de inventar a si mesmo e criticar constantemente o presente a partir da racionalidade (*räzonieren*). Essa racionalidade pode ser tanto privada, quando associada ao uso particular (execução de funções sociais e.g. soldado, trabalhador,

cidadão) quanto pública com o “uso livre e público” (FOUCAULT, 2000, p.339) de uma sociedade racional.

2.3.2 Modos de sujeição

Para Foucault (1998, 2005, 2004a) não existe o ser sujeito, o que existe é um processo contínuo de tornar-se sujeito; o sujeito é o resultado de prática-discurso dos processos de subjetivação. A filosofia foucaultiana é prática e o sujeito também segue esse aspecto. O sujeito não é fixo e isolado, ele é relacional, histórico e em processo de construção. Esse processo de tornar-se sujeito é justamente o que se trata a questão do processo de subjetivação (SCHUTIJSER, 2019; VIHALEM, 2011).

O sujeito constrói seu pensamento a partir de um saber/poder. O saber-poder são trabalhados juntos pois todo saber pressupõe um poder e todo poder pressupõe um saber. O saber é todo o conhecimento sobre algo, um certo domínio do conhecimento/pensamento tendo uma tem uma profunda ligação com a verdade “social” e poder é algo que se exerce e existe em todas as relações e também entre os domínios do saber. O poder “produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (FOUCAULT, 1999b, p.218). Assim, a sujeito e seus processos de subjetivação passam pelas questões do poder, onde o sujeito representará e exercerá seu comportamento moral, escolhendo a forma como se portará quanto a esse regime dentro das possibilidades que lhe são possíveis (o modo ao qual se sujeita). Nessa ordem de ideias o “indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina”” (FOUCAULT, 1999b, p. 218). Assim, o sujeito atua dentro do regime de verdade que lhe é imposto, dentro da cultura que está inserido que por sua vez possui mecanismos de construções de si mesmo específicos.

A constituição do sujeito passa pelo processo de subjetivação, tendo uma conexão entre sujeito-verdade/saber-poder. Isto é, o sujeito passa por processos de subjetivação dele com ele mesmo, a partir do seu próprio entendimento sobre a verdade e sua prática moral (que é influenciado pelo saber poder instituído) e também pelas estruturas/relações de poder que o circundam (família, estado, escola, elite etc.). É no decorrer desse processo que o sujeito constrói sua subjetividade, a partir desse processo relacional e histórico.

Esse processo de subjetivação pressupõe modos de sujeição. Enquanto subjetivação diz respeito a um processo, os modos de sujeição estão ligados às escolhas do sujeito, como ele lida

com as regras que lhes são impostas, isto é, como responde as condutas sociais. As regras de conduta estão expostas, mas não quer dizer necessariamente que o sujeito seguirá ou não essas regras, essa escolha dependerá de sua vontade e de sua subjetividade, ele escolhe a quais regras irá se sujeitar, se submeter. Nas palavras de Foucault modos de sujeição é a “maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática” (FOUCAULT, 1998, p. 27) ou ainda “a maneira pela qual as pessoas são chamadas ou incitadas a reconhecer suas obrigações morais” (DREYFUS, RABINOW, 1995, p.264). Para Camargo, De Souza-Leão e Moura (2021) modos de sujeição trata da

[...] maneira pela qual os indivíduos se relacionam com regras morais e se reconhecem como obrigados a pô-las em prática. Pode dar-se por meio da adesão ou submissão a certos princípios e comportamentos de grupos ou comunidades de que fazem parte, pelo entendimento de que se pertença a certa tradição que deve ser preservada e/ou revivida, pela resposta a apelos que deem forma (estética) à vida pessoal. (p. 6)

Trata da escolha ao que vamos nos sujeitar, os diversos modos de sujeição ao qual nos impomos. Trata, portanto, de como o sujeito lidará com as regras que lhes são impostas. Essas escolhas e práticas o definirão enquanto sujeito e irá determinar o processo no qual irá de subjetivar. A partir da determinação da substancia ética do sujeito, interferindo em como ele se insere no contexto social, o sujeito exercerá a prática moral e essa elaboração do trabalho ético é justamente o modo ao qual ele se sujeita às condutas sociais e as de si mesmo (FOUCAULT, 1998).

Essa sujeição é a escolha que o sujeito realiza a partir das lógicas de saber-poder nas quais está inserido, trata do comportamento moral que o sujeito decide ter visto os jogos de verdade, é possível traçar uma ponte entre os modos de sujeição e as escolhas profissionais. O trabalho é capaz de interferir na construção da identidade pessoal (DUBAR, 2006), identidade de carreira (LAPOINTE, 2010) e, sendo assim, pode ser entendido enquanto processo subjetivador. Desta forma, essa relação entre modos de sujeição e escolha profissional é possível uma vez que a própria vivência e experiência laboral poder ser entendidos enquanto formas que participam do processo de construção de subjetividade.

Nas relações de trabalho no modelo capitalista Lazzarato (2010) a sujeição se expressa duas formas de sujeição sendo uma relativa a construção ao que chama sujeição social e servidão maquínica. Para o autor a sujeição social diz respeito a construção do sujeito empresário de si mesmo e a servidão se refere ao sujeito que se torna uma peça, engrenagem, funcionando a favor do sistema. Cabe pontuar que Foucault (2008b) aborda sobre a perspectiva do empresário de si ao apresentar redefinição da concepção do *homo economicus* a partir do neoliberalismo (norte) americano, analisando a estrutura social por um viés econômico

(trabalho, estrutura jurídica etc.) e como ocorriam os processos de sujeição (e subjetivação) a partir dessa estrutura de poder desenhada.

Modo de sujeição é entendido, então, pela a forma como o sujeito se vincula as obrigações morais, a maneira que o sujeito se portará com relação as regras estabelecidas do campo, a submissão as estruturas de saber poder estabelecidas.

2.3.3 Tecnologias de si

Os processos de construção de sujeito e da subjetividade, os modos de subjetivação e de sujeição são efetivados enquanto práticas em que o sujeito exerce sobre si e sobre os outros. Isso quer dizer que os modos de sujeição ocorrem por meio de práticas específicas, as práticas de si; exercícios que o sujeito realiza para si e para sua relação com os demais.

As tecnologias de si se efetivam enquanto práticas para constituição do sujeito, o que o molda, como o indivíduo age sobre si e sobre os outros (FOUCAULT, 2004b) e “implica que o sujeito se constitua face a si próprio” (FOUCAULT, 2005, p. 62); a tecnologia de si é o que “permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser” (FOUCAULT, 2004b, p.323) que visa a transformação do sujeito para atingir uma condição “de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (p. 324). A identidade do sujeito se constrói como resultado do processo de subjetivação que se constitui em “práticas verdadeiras - práticas historicamente analisáveis” (DREYFUS, RABINOW, 1995, p.275), ou seja, expressa sim um padrão e um período, mas não remetem simplesmente uma ideologia social do local/período histórico. Essas técnicas tratam de formas de subjetivação que também recebem influências culturais e históricas. Nessa ordem de ideias, os discursos e as técnicas de vida são “procedimentos de constituição de uma subjetividade e de subjetivação”, não são ideologias nem racionalização de códigos, mas são a estrutura na qual será inserida uma *bíos*, uma subjetividade, são “procedimentos de subjetivação de um código” (FOUCAULT, 2016, p.228).

As práticas de si dizem respeito as atividades que subjetivam, que formam o sujeito, que o fazer ser o que é; e elas não são necessariamente individuais, mas culturais e históricas. Desta forma, as práticas não são “alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por uma sua cultura, sua sociedade e seu grupo social”. (FOUCAULT, 2004a, p. 276).

Para exemplificar podemos apresentar as próprias práticas apresentadas por Foucault (2005) como as meditações, escritas de si, cartas - associadas ao período helenístico - e o confessionário, entoação de orações, entre outras atividades vinculadas a cultura cristã. As práticas de consumo mediadas por tecnologias também podem servir de exemplos de ações formadora de subjetividades, como escritas de si online (HALL, 2016; ASSUNÇÃO; MENDONÇA JORGE, 2014), relacionamento com os demais (BOSCH, 2011), práticas prossumeristas (MOURA; DE SOUZA-LEÃO, 2020), práticas relacionadas a um caráter político (DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2018; DE SOUZA-LEÃO; COSTA, 2018; BOOTH, 2018; CAMMAERTS, 2015; BAKARDJIEVA, 2015) e práticas aletúrgicas (CAVALCANTI; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2021; CAMARGO; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2021). Tais práticas só são realizadas por relações de saber poder que a sustentam e que lhe conferem um significado.

Esses exemplos ilustram o caráter cultural, histórico e relacional das técnicas de si e evidenciam o caráter moral de suas práticas. As técnicas são procedimentos concretos em que o sujeito realiza sobre si mesmo, subjetivando-se; atividades exercidas, por força cultural e pelo próprio indivíduo, que expressam e moldam sua subjetividade, onde evidencia sua maneira de pensar, sua moral e suas verdades. Em outras palavras: “Às técnicas de si seriam concernentes alguns tipos de operações que os indivíduos poderiam realizar por eles mesmos, em determinada época e sociedade, em seu próprio corpo, seus pensamentos e em suas condutas” (SOUSA, FURLAN, 2018, p.331).

As práticas e tecnologias de si estão relacionadas a questão do cuidado de si que se refere ao cuidado que o sujeito deve ter consigo mesmo. Ao falar sobre o cuidado de si Foucault utiliza a expressão *epimeleia heautou* que significa a ocupação de alguém, as preocupações, as atividades nas quais deveriam ocupar (FOUCAULT, 2005, 2006; DREYFUS, RABINOW, 1995, p. 268); se tratando de um dono de casa, seria as atividades domésticas, tratando de um rei seria as preocupações com seu reino e assim por diante. A “*epimeleia* implica em labor” (FOUCAULT, 2005, p. 56), trata sobre o trabalho. Ocupar-se de si é um labor, exige a prática constante do cuidado consigo mesmo (meditações, escritas, receitas médicas, regime, exercícios, sexo, conversações etc.) e até a renúncia de outras ocupações para que reserve tempo para o autocuidado (FOUCAULT, 2005). Cuidado de si é, como o próprio nome sugere, cuidar de si mesmo, ocupar-se de si mesmo, preocupar-se consigo, se conhecer, cuidar do corpo e também da alma (FOUCAULT, 2005, 1998, 2004a, 2004b, 2006). Essa preocupação consigo mesmo é encontrado em muitas doutrinas filosóficas configuradas de formas distintas e envolve todo um conjunto de práticas estabelecidas para ocupar-se de si mesmo, uma séria de atitudes,

comportamentos, práticas individuais e coletivas (FOUCAULT, 2005). Nas palavras de Foucault (2005, p. 50):

é o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo (...) ele também tomou a forma de um atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber

É um conhecimento, um saber desenvolvido que se constitui enquanto prática social, uma atividade que se expressa por meio da sua cultura. O cuidado de si remete, portanto, ao conjunto de práticas de si (tecnologias de si, tecnologias da vida, técnicas da existência). Esse cuidado de si pode expressar ainda uma prática de amor verdadeiro que conceitualmente trata do uso dos prazeres e o acesso a verdade (FOUCAULT, 1998). O verdadeiro amor expressa uma condição ética uma vez que explora aquilo de deseja (sujeito desejante) que se propõem a exercer um papel social da instituição de um relacionamento (um sujeito social), e se mantem leal a si próprio (um ser moral). Essas práticas do cuidado de si, assim como a subjetividade, são históricas, isto é, variam historicamente e mudam conforme as relações de saber poder e pelo que é entendido como real para o sujeito; a história das técnicas é a história da subjetividade, a própria forma como compreendemos e maneira na qual construímos os sujeitos (FOUCAULT, 2016).

O cuidado de si está inserido dentro da cultura de si que é entendida como uma arte da existência, uma técnica de vida, *techne tou biou*. Cuidado de si trata-se de um conjunto de práticas que o sujeito deve exercer sobre si para que consiga cuidar de si mesmo, procedimentos para o cuidado com o corpo e com a alma, receitas médicas, estilo de vida, comportamento para que a existência seja bela.

Nessa cultura é necessário reservar um tempo para que o sujeito cuide de si mesmo tendo em vista que é algo necessário para o bom funcionamento do corpo e da sociedade e pode ser tratado, inclusive, como um privilégio-dever (Epitecto, FOUCAULT, 2005) pois é o que permite a própria liberdade e o que nos difere dos animais. Não é algo necessariamente obrigatório, mas é válido para todos uma vez que, sendo um elemento cultural, é entendido justamente como aquilo que está naturalmente envolvido em toda aquela sociedade (nas escolas, grupos sociais, família etc.). Também não é necessariamente punitivo (como estamos acostumados na cultura cristã), mas ao mesmo tempo exigido para aqueles que desejam um bom status social. Na cultura helenística esse aspecto era bastante relevante pois apenas quem é capaz de cuidar de si mesmo é que é capaz de governar, nesse sentido, como podemos governar os outros se não conseguimos governar e cuidar de nós mesmos? (FOUCAULT, 2005,

2004a). Seria vergonhoso para os homens (já que é uma cultura de homens, para homens e por homens) não conseguir cuidar de si mesmo.

É uma cultura em que se deve despender um tempo para os próprios cuidados, para o próprio corpo e alma, receitas médicas e atividades para encarregar-se de suas próprias necessidades. Ao mesmo tempo apresenta um caráter individual e coletivo; individual uma vez que volta para o sujeito na relação consigo mesmo, a valorização de si e de sua independência com relação aos outros; e coletiva já que trata justamente da relação com os outros, por meio da relação e conversação encontrar-se a si mesmo, se preocupa com a relação do sujeito com os demais. Desta forma, as práticas de si mesmo “não constituem um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 2005, p.57).

A cultura de si do período helenístico promoveu a intensificação das relações sociais (FOUCAULT, 2005, p. 59) ou mesmo tempo que remetiam a um caráter de individualização (p.47/48) e preocupação consigo. Do mesmo modo, as redes sociais. As redes sociais intensificaram as conexões ao mesmo tempo que provoca um isolamento (CASTELLS. 2003), caracterizados também pela valorização e exposição da vida privada, assim como a cultura de si (FOUCAULT, 2005). As tecnologias do eu são “ao mesmo tempo pessoal e social” (FOUCAULT, 2005, p. 63), são práticas relacionais, sociais, históricas e culturais uma vez que o sujeito não se constrói por si só, mas dentro de um contexto (lugar/época) e de um grupo social (família, grupos de influência/contato etc.).

A cultura das redes também é relacional, social, histórica e cultural que alterou a forma como nos relacionamos com nós mesmos e com os outros. Tomemos o exemplo das escritas de si. Para Sousa e Furlan (2018, baseado em Foucault) as escritas de si são técnicas para “aprimorar condutas morais” (p.332) em que o sujeito relata cartas sobre sua vida diária, apontando tanto questões “médicas” (saúde do corpo e espírito) quanto sociais (se preocupar com os demais). Na perspectiva de Assunção e Mendonça Jorge (2014), realizamos essa prática específica (escritas de si) nas redes sociais na medida em que, por vezes, funcionam como confessionários online, onde postamos textos, fotos vídeos e notícias, de forma claramente relacional, ao passo que compartilhamos publicamente, para amplo público ou reservados aos nossos amigos e familiares.

A digitalização/virtualização/mediatização das vivências diárias, a escrita e publicação sobre si influenciam a construção de subjetividade e também a forma como a construímos. Nesse aspecto, no livro *Digital technologies of the self*, Abbas e Dervin, (2009) organizam uma série de textos que abordam como as tecnologias digitais podem ser tratadas como formas de técnicas de nós mesmos. São tratados no livro a questão da (1) vigilância - a excessiva

quantidade de dados coletados gerando informações que “preveem” e antecipam as necessidades dos sujeitos/usuários -, (2) das identidades digitais políticas (*Digital Political Identity*) – da (3) formação de movimentos e identidades políticos(as) –, (4) da construção de várias identidades – avatares que representam diferentes tipos de *self* – e (5) das práticas nômades – as possibilidades de deslocamento possibilitadas pelas novas formas de informação e comunicação.

Os pesquisadores Gabriels e Coeckelbergh, (2019) também abordam algo semelhante apontando como os dispositivos e a rede social de serviços moldam e quantificam a subjetividade. No estudo, os autores propõem uma estrutura de análise que seja sobre “as tecnologias de si e do outro” uma vez que o auto rastreamento (*self-tracking*) se relaciona com o rastreamento do outro (*othertracking*) em aplicativos e mídias que utilizam a localização e promovem o compartilhamento de informações. De forma similar Saker e Evans (2016) abordam sobre o papel das “redes sociais baseadas em localização” (*location-based social networks*) na construção de si, na constituição de suas próprias identidades (*self-identity*)

Visto que é possível a associação entre as tecnologias digitais e a subjetivação, o presente estudo propõe uma aproximação entre as redes sociais e as técnicas de si na medida em que as novas tecnologias de comunicação e informação mudaram a forma como o sujeito se relacionam consigo mesmo e com os outros, gerando formas de práticas de si que antes não eram possíveis. Buscando realizando essa ponte, entendendo as redes sociais como técnicas de si, assim como Assunção e Mendonça Jorge (2014) que consideram que “as mídias sociais constituem-se os principais agenciadores de subjetividades a partir da internet” (p. 152), isto é, estão, cada vez mais, presentes na formação de subjetividades e formando nossas técnicas de si.

3 METODOLOGIA

A presente estudo possui uma natureza qualitativa (CRESWELL, 2021, 2013; DENZIN, LINDON, 2000) por um viés pós estruturalistas (WILLIAMS, 2012). O método adotado é a Análise de Discurso Foucaultiana (ADF) que corresponde a analítica do círculo arqueológico de Foucault. Diz respeito a análise das construções discursivas que possibilita identificação do conjunto de conhecimentos e saberes acerca de determinado fenômeno, buscando encontrar não os sentidos e significados, mas sim o que se expressa no interior do discurso, as regularidades presentes na formação do discurso (FOUCAULT, 2008a; CAMARGO, 2013; CAMARGO, 2019; MOURA, 2022; SOUZA-LEÃO, MOURA, 2018). Nesse sentido, a escolha desse

método se justifica uma vez que o objetivo da pesquisa é justamente compreender as práticas discursivas referentes à subjetividade dos profissionais frente as suas escolhas ocupacionais e suas respectivas vivência no ambiente virtual.

Essa seção foi dividida em duas partes, a primeira apresenta as questões conceituais e operacionais da coleta de dados e a segunda lida com a análise dos dados. A próxima leitura se volta as questões relativas a coleta e análise dos dados.

3.1 CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO DE PESQUISA

Para Foucault (2008a, 2014; CASTRO, 2009) o arquivo corresponde ao conjunto de discursos que podem ser pronunciados, a um sistema que possibilita a formação dos enunciados uma vez que os discursos emergem de um jogo de relações entre saber-poder. Nas palavras do autor arquivo é “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”, um “sistema de enunciabilidade”, um “sistema de funcionamento” (2008a, p. 147). O arquivo se caracteriza pela sua possibilidade de identificação de regularidades, um nível particular dentro de um *corpus*. O arquivo surge de uma prática, uma prática que permite a enunciação de múltiplos enunciados.

Para construção do arquivo optamos pela utilização de entrevistas narrativas que tem como objetivo obter relatos textuais narrativos dos profissionais, entendendo que esses relatos podem compor um conjunto de enunciados capaz de evidenciar as práticas discursivas relativas ao sujeito. Ainda que Foucault (e.g. Foucault, 1999a, 1998; 2005; 2001; 1978) utilize dados documentais para suas construções analíticas sobre o discurso, sua pesquisa se pauta em uma análise do presente com base em historicidade e práticas discursivas. É necessário, portanto, que os dados abarquem as características presentes nos trabalhos de Foucault e, sendo assim, os dados e a análise devem trazer historicidade e “fenômenos compostos por práticas” (MOURA; DE SOUZA-LEÃO, 2021, p. 2; ARRIBAS-AYLLON; WALKERDINE, 2017). Com isso em vista, as entrevistas narrativas se expressam como ideais uma vez que permitem acessar tanto a historicidade quanto as práticas discursivas.

Nessa seção são trabalhados a forma como foi construído os dados a serem analisados. Em um primeiro momento abordamos a concepção acerca das narrativas e como serão tratadas enquanto práticas discursivas. Posteriormente tratamos das questões práticas das entrevistas, planejamento e realização das entrevistas, onde apresentamos o perfil dos entrevistados, seleção das fontes, elaboração do roteiro, como iremos entrevistá-los e os critérios adotados para definição da quantidade de entrevistas.

3.1.1. Entrevistas narrativas

Entrevistas narrativas dizem respeito à coleta de histórias de vida, de experiências, vivências e ações dos indivíduos. O procedimento da entrevista narrativa consiste em coletar histórias e narrar essas experiências ordenando (cronologicamente) os significados de tais vivências (CRESWELL, 2013; CZARNIAWSKA, 2004, 2010).

A entrevista narrativa, ao permitir acessar as trajetórias individuais dos sujeitos, possibilita a compreensão de formação de subjetividades a partir da utilização do presente método. O sujeito em Foucault, como apresentado na seção anterior, é revelado a partir das práticas de si (“moldado” por meios das pressões de poder e pela compreensão do saber) que podem ser acessados a partir dos relatos dos sujeitos sobre suas experiências de vida, ou seja, os relatos de vida permitem a identificação de práticas que o sujeito exerce sobre si mesmo. Nessa ordem de ideias, o registro da trajetória dos entrevistados permite a elaboração sistemática para identificação dos critérios das formações discursivas o que possibilita a concepção, por conseguinte, das práticas discursivas relativas aos sujeitos.

A entrevista e a narrativa são meios capazes de captar as práticas discursivas de subjetividade, que revelam as tecnologias de si e as práticas do sujeito (ARRIBAS-AYLLON; WALKERDINE, 2017; FREUND, 2014; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2012). A narrativa aqui está sendo abordada como prática/produção discursiva que reflete seu contexto sócio-histórico-cultural (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; BASTOS; BIAR, 2015; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; DE FINA, 2021) capaz de explicar o conjunto de regras pelas quais essas formações discursivas são possíveis (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003).

As narrativas, então, tratam de relatos das vivências onde é possível captar as histórias sobre suas trajetórias de vida e carreira. Essas histórias exploram as vivências, as transformações, o conjunto de práticas que realiza o como modificou algo longe da vida. Assim, as narrativas permitem acessar as práticas discursivas subjetivas que buscamos.

Cabe pontuar que a da entrevista foi concebida por uma abordagem biográfica narrativa (WENGRAF, 2001), compreendendo a “coleta” e interação com “*narratives which describe turning-point moments in individual’s lives*” (DENZIN, 1989, p.13), como uma observação das passagens da vida do sujeito. Desta forma, assumimos que a entrevista biográfica se posiciona na lógica do relato narrativo.

Entendido a concepção da entrevista narrativa e porquê de sua utilização, seguimos para a o planejamento e operacionalização da coleta.

3.1.2 Planejamento do trabalho de campo

Para atender ao perfil definido para pesquisa buscamos profissionais que apresentam experiências biográficas semelhantes. Tendo isso em vista, para coleta narrativa foram selecionados profissionais atuantes no período da entrevista e que tenham vivência digital desde a infância. Assim, a seleção dos entrevistados foi realizada garantindo que essa característica da entrevista biográfica seja atendida.

O roteiro da entrevista narrativa foi estruturado afim de perpassar as temáticas relevantes apontadas para pesquisa levando em consideração o contexto do entrevistado (DENZIN, 1989) envolvendo-o no processo (CRESWELL, 2013). Assim, optamos por modelo de roteiro semiestruturado (WENGRAF, 2001) elaborado para ser adaptável durante a entrevista (KIM, 2016), se adequado para modelo narrativo.

As perguntas abarcaram amplamente os tópicos centrais da pesquisa, como a decisão para escolha profissional e a vivência nas mídias digitais. As entrevistas foram realizadas através de vídeo chamadas individuais gravadas, sendo apenas um encontro com cada entrevistado, que foram transcritas para análise dos dados.

A fim de identificar os profissionais elegíveis para entrevista, realizamos o cruzamento dos dados apresentados em dois documentos da Eurostat, um abordando acerca dos cargos *ICT specialists* (EUROSTAT, OECD, 2019) e o outro apontando os profissionais da cultura (EUROSTAT, 2018). Os dois documentos apresentam o mesmo documento base: a lista de cargos proposta pela ISCO-08 (*International Standard Classification of Occupations*, versão 2008). Assim, os documentos com a mesma referência, realizamos então uma seleção a partir da intersecção desses dois conjuntos profissionais que se evidenciam no Quadro 2.

Quadro 2 - Cargos selecionados para entrevista

Código ISCO 08	Title EN	Included occupations/Examples of the occupations classified here:
2166	Graphic and Multimedia Designers	Animator
		Commercial artists
		Computer games designer
		Digital artist
		Graphic designer
		Illustrator
		Multimedia designer
		Publication designer
2513	Web and Multimedia Developers	Web designer
		Animation programmer
		Computer games programmer

		Internet developer
		Multimedia programmer
		Website architect
		Website developer
3521	Broadcasting and Audio-visual Technicians	Audio-visual operator
		Broadcasting equipment operator
		Broadcast technician
		Camera operator (motion picture)
		Camera operator (video)
		Production assistant (media)

Fonte: Baseado nos documentos da EUROSTAT e OECD (2019) e EUROSTAT (2018)

Para a seleção das fontes adotamos duas estratégias: o contato direto virtual com as empresas presentes nos parques tecnológicos e bola de neve. Para a primeira estratégia trata de iniciar uma comunicação através dos sites das empresas constantes na plataforma online dos parques tecnológicos; para isso, realizamos a classificação dos parques que atendem aos segmentos propostos (a partir do cruzamento dos dados apontados no parágrafo anterior) e estabeleci contato por meio dos e-mails disponíveis. A estratégia bola de neve (GODOI; MATTOS, 2006; BIERNACKI; WALDORF, 1981) diz respeito a indicação de pessoas aptas para entrevista conhecidas dentre a rede social e foi adotada após conseguir acesso ao primeiro entrevistado, quando ele ou ela se disponibiliza a fornecer novos contatos para concessão de entrevistas.

Tendo em vista que a pesquisa possui um escopo nacional, e a partir dos segmentos apresentados como relevantes para a pesquisa, a quantidade de entrevistas foi determinada por dois critérios: representatividade e saturação. A representatividade, na pesquisa qualitativa, trata de obter a coleta de um grupo de indivíduos que possa atender aos propósitos da pesquisa e possam gerar insight satisfatórios (FLICK, 2007). O critério de saturação (GODOI; MATTOS, 2006; FLICK, 2007, 2013; GASKELL, 2003), por sua vez, diz respeito à saturação de dados para a análise, ou seja, momento em que não surgem dados novos nas entrevistas.

Vale pontuar que, para fins da presente pesquisa, a representatividade abarca tanto as questões geográficas como as de segmentação. Sendo assim, foram entrevistados sujeitos de todas as regiões do país e de todos os segmentos apresentados no Quadro 2. Os parques tecnológicos foram utilizados como meio de localização e acesso desses profissionais.

3.1.3 Realização das entrevistas

Foram realizadas 14 entrevistas que ocorreram de forma remota e síncrona, por meio de vídeo chamadas nas plataformas *meet* ou *teams*, entre os dias 08/09 a 15/11, com duração média de uma hora. O Quadro 3 apresenta os cargos, os segmentos e a região ao qual pertencem:

Quadro 3 - Entrevistados

Cód.	Cargo	Segmento			Região				
		2166	2513	3521	N	NE	S	SE	CO
Ent1	Designer Gráfico	X				X			
Ent2	Desenvolvedor de software (CEO)		X			X	X	X	
Ent3	Desenvolvedor web		X			X			
Ent4	Captação de som			X	X				
Ent5	Assistente de produção			X		X			
Ent6	Gestor de inovação e artista (podcast)			X				X	
Ent7	Consultor (Ciência de dados, IA)	X	X				X		
Ent8	Designer gráfico	X						X	
Ent9	Designer de produtos	X					X		
Ent10	Designer (Motion Design e Animação)	X						X	X
Ent11	Engenheiro de Software		X			X			
Ent12	Produtor audiovisual (CEO)			X					X
Ent13	Designer Gráfico	X							X
Ent14	Programador de jogos e artista digital	X	X					X	

Fonte: Elaboração da autora (2022)

Como informado na seção anterior, a coleta buscou atender aos critérios de representatividade, abordando todos os segmentos e regiões do Brasil. Os códigos dos segmentos 2166, 2513 e 3521 se referem aos códigos apresentados no Quadro 2 que trata dos cargos selecionados para entrevista.

Como é evidenciado no Quadro 3, há uma distribuição equivalente entre os segmentos e as regiões do Brasil. Há sete entrevistados atuando em *Graphic and Multimedia Designers*, cinco trabalhando como *Web and Multimedia Developers* e quatro vinculados a *Broadcasting and Audio-visual Technicians*. No que se refere as regiões, há cinco do Nordeste (NE), três do Sul (S), quatro do Sudeste (SE), três do Centro-Oeste (CO) e um no Norte (N).

Vale ressaltar que a saturação teórica ocorreu na oitava entrevista. Isso significa dizer, em termos analíticos, que não surgiram mais enunciados novos a partir da oitava entrevista. Após a saturação (8ª entrevista) foram realizadas mais seis entrevistas, totalizando 14, para que se confirmasse o não surgimento de novos elementos analíticos. Desta forma, ambos critérios, saturação e representatividade, foram atendidos.

3.2. ANÁLISE DE DADOS

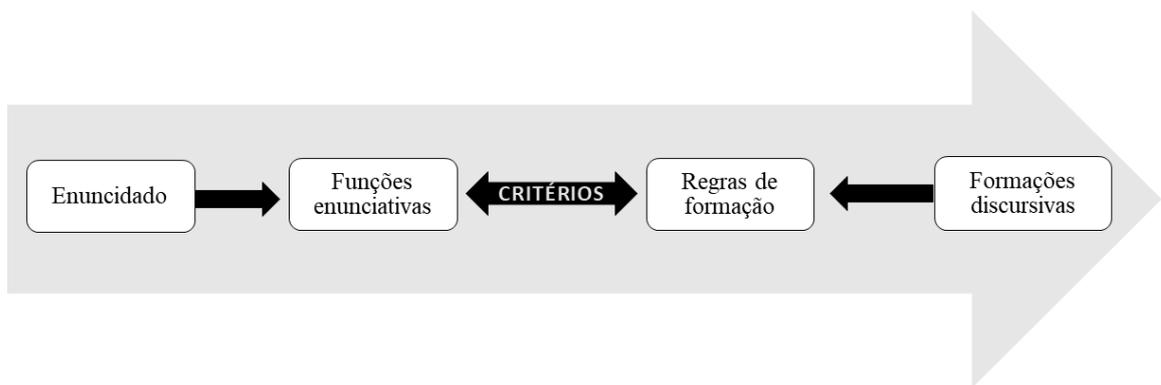
A da análise de discurso foucaultiana, identificado nos trabalhos de Foucault (e.g. Foucault, 2008a; 1999a; 2005) e sistematizada por Leão e colegas (COSTA; DE SOUZA-LEÃO, 2011, 2012, 2013; CAMARGO; DE SOUZA LEÃO, 2015; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2018; CAMARGO; DE SOUZA LEÃO; MOURA, 2020; DE SOUZA LEÃO;

MOURA; NUNES, 2022; DE SOUZA LEÃO; FERREIRA; MOURA, 2022; MOURA; DE SOUZA LEÃO, 2022) se refere a uma análise capaz de identificar formações discursivas presentes no discurso. Com isso, é possível, a partir da análise das narrativas - entendidas enquanto práticas discursivas de si - identificar as formações discursivas de si presentes no arquivo que representem o processo de subjetivação dos entrevistados.

Os discursos proferidos carregam uma quantidade de enunciados que perpassam por diversos textos do arquivo; tais enunciados são construídos seguindo determinados objetivos, isto é, seguem funções enunciativas, procedimentos de construção. A partir dessas funções é possível identificar as regularidades de formação de tais discursos e sendo assim, a entrega final deste procedimento são as formações discursivas.

A sistemática da análise de discurso foucaultiana se efetiva a partir esquema apresentado na Figura 1.

Figura 1- Processo Análise Foucaultiana de Discurso



Fonte: Baseado em Camargo, De Souza Leão, Moura (2020)

Na Figura 1 é possível perceber que os procedimentos são sequenciais. O primeiro quadro do processo representa a estrutura mínima para a análise (enunciado), o segundo sinaliza os parâmetros de análise que qualificam os enunciados (funções), o terceiro indica formações regulares (regras) e o último representa a entrega final da análise (formações discursivas).

Cabe pontuar que as funções dizem respeito aos enunciados e as regras as formações. Os enunciados qualificados com os critérios de função formam sintagmas que indicam as relações presentes entre os enunciados. Essas relações podem ser síncronas, quando tem sentidos independentes e coexistem no arquivo, ou incidentes, quando um enunciado é capaz de explicar o outro. Os critérios referentes a função possuem correspondência com os critérios de regra, sinalizado pela seta “critérios (vide Figura 1).

A análise inicia na formação de enunciados. Os enunciados sintetizam as narrativas em orações que buscam trazer um elemento isolado do discurso, uma “unidade mínima”. Esses enunciados possuem características que serão classificadas pelas funções e regras. As funções enunciativas (FE) se referem as ações e as regras de formação (RE) as regularidades discursivas (como se comportam) dos enunciados. A construção da associação entre critérios função e de regras indica as formações discursivas (FD). As formações, por sua vez, expressam as práticas que regem os discursos, que fundamentam o que é enunciado.

Entre a estrutura mínima/inicial e o resultado final há um processo estruturado a partir da determinação de critérios analíticos. A sistemática entrega as formações discursivas a partir de critérios para detectar as regras para formação dos discursos e as funções dos enunciados, apresentados do Quadro 4.

Quadro 4 - Descrição das categorias da ADF

Enunciados			
Princípio da construção dos discursos, “unidade elementar do discurso” (FOUCAULT, 2008a, p. 90), os “atos isolados” das formações discursivas. O conjunto de signos que trabalham sob uma mesma positividade formados em um certo tempo e espaço.			
Funções Enunciativas			
Expressa como os enunciados operam, qual objetivo, como eles “agem” e como se relacionam. Apresentem quatro critérios:			
Referencial	Campo associado	Sujeito	Materialidade
Objetos vinculados ao discurso, suas afirmações ou negações.	Campo onde emerge o enunciado. “Local” que proporciona as circunstâncias possíveis para o surgimento do enunciado.	A posição que o enunciado é emitido. O indivíduo ou grupo capaz de declarar tal enunciado	As formas capazes de veicular o enunciado, onde ele se “corporifica”.
Regras de formação			
O que determina a formação dos discursos, as regras que estabelecem o surgimento dos enunciados. Essas regras apresentam quatro critérios:			
Objeto	Conceito	Modalidade	Estratégia
O enunciado se refere a determinando objeto e esse critério delimita o significado conferido ao objeto.	Diz respeito a maneira pela qual ocorre as dependências, a coexistência e as sucessões presentes nos campos associados.	A forma/estilo que o sujeito formula um enunciado frente a localização, regra e situação que o enunciado emerge.	Condições de surgimento dos enunciados frente a materialidade estabelecida.
Formações discursivas			
Resultado dos agrupamentos (contextualizado em um tempo e espaço específico) caracterizado por regras e objetivos de funcionamento. Entrega as condições epistêmicas e as regularidades de formação dos discursos.			

Fonte: Baseado em De Souza-Leão, Moura (2018); Camargo, De Souza Leão, Moura (2020); Moura (2022) e Foucault (2008a)

Nas falas dos entrevistados foram identificados os enunciados, os elementos que compõem e que se repetem nos diversos dados coletados. A partir dos enunciados são inferidas as funções enunciativas e as regras de formação que possuem seus respectivos critérios.

As funções enunciativas, como o próprio nome propõe, trata da funcionalidade do enunciado, a que fim ele se dispõe. Elas se vinculam aos critérios (presentes no Quadro 4) em que se analisa a forma de aparecimento do enunciado, do que se trata e como se relaciona com os outros enunciados, nas palavras de Foucault (FOUCAULT, 2008a, p. 103) “o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos [...] define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase sentido, à proposição se valor de verdade” (referencial); o “local” onde é possível a formação de tais enunciados, o “que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico” (FOUCAULT, 2008a, p.111) (campo associado); a “instância produtora” (FOUCAULT, 2008a, p.104), o conjunto de possibilidades e fatores que determinam enquanto sujeito capaz de ocupar a posição de formular o enunciado (sujeito) e o meio pelo qual o enunciado se materializa, o *campo de utilização* que torna o enunciado passível de repetição vinculado à uma mesma identidade (materialidade).

Já nas regras de formação (DE SOUZA-LEÃO, MOURA, 2018; CAMARGO, 2019; MOURA, 2022) a análise é feita a fim de localizar as regularidades discursivas, identificar quais regras que contornam essas formações enunciativas. Para tanto, são analisados o que o enunciado está tratando, do que ele se refere (objeto), como esse objeto é apresentado nos diversos enunciados e como se relacionam (conceito), em que forma eles são tratados nos enunciados (modalidade) e qual o propósito final desse enunciado (estratégia). Vale pontuar que cada critério das regras de formação - objeto, conceito, modalidade e estratégia - possui um critério correspondente - referencial, campo associado, sujeito e materialidade, respectivamente.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Essa seção é dedicada a descrição dos resultados e está dividida em duas subseções: a primeira apresenta as categorias analíticas formadoras das formações discursivas e a segunda explora as definições das formações discursivas e as evidências nas narrativas.

4.1 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Nessa seção apresentamos os elementos que constituem formações discursivas. Essa seção contempla, portanto, os enunciados, as funções enunciativas e as regras de formação, com seus respectivos critérios.

4.1.1 Enunciados

Os enunciados são orações que sintetizam as falas dos entrevistados em ‘unidades mínimas’, ou seja, que apresentam apenas um núcleo, que expressam algo central único, sem divisões. Os relatos dos entrevistados permitiram a formação de enunciados que descrevem trechos de fala. Ao todo, foram identificados 19 enunciados. Os títulos bem como suas descrições são apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 - Descrição dos enunciados

Cód.	Enunciado	Descrição
E01	Adaptação faz parte da minha jornada profissional	Trata da forma como os profissionais foram se moldando frente os desafios profissionais que enfrentaram, o que tiveram que fazer para chegarem onde estão. Esse enunciado é evidenciado nos relatos em que abordam sobre: serem aceitos, a renúncia a práticas e crenças, a persistência frente as adversidades e o aprendizado exigido pela atividade. A questão da aceitação abarca os relatos em que foram aceitos pela equipe de trabalho e histórias em que foi necessária mudança nos comportamentos. A renúncia trata de atividades e posicionamentos que tiveram que abdicar para permanecerem no exercício profissional (e.g. deixar de tocar música, não "militar", não expor situações preconceituosas no trabalho etc.). A persistência trata no grande esforço que tiveram que empenhar para seguir a carreira, por vezes, sem apoio familiar e sem perspectiva de bons rendimentos e ao relatarem que essa carreira não eram seus sonhos. O aprendizado se refere ao ganho de habilidades necessário para atuação envolvendo a adequação a "lógica" ("matemática" ou "criativa") da área e a resignação frente às imposições dos clientes.
E02	Minha expertise me transformou	Explora as transformações dos entrevistados frente as experiências laborais. Essas transformações se referem desenvolvimento de habilidades e a mudanças pessoais que ocorreram em razão do exercício profissional. Esse enunciado é evidenciado em relatos que abordam sobre: melhoria técnica, identificação com a atividade concordância com prática profissional. Melhoria técnica se refere ao desenvolvimento por meio da repetição e das práticas laborais (mais observadores e pragmáticos) e no desenvolvimento de múltiplas expertises. Essa melhoria técnica reflete no âmbito profissional, uma vez que a prática os torna melhores profissionais, e no pessoal na medida em que se tornam "melhores amadores". Autoidentificação diz respeito a maneira como não se enxergam em outra função, onde se evidencia que se sentem pertencentes aquele espaço, se identificam eticamente com a

		profissão. Concordância se refere, por sua vez, aos aprendizados não técnicos (e.g. se posicionar politicamente, tomar consciência de classe)
E03	Minhas convicções moldam a minha trajetória profissional	Indica como os valores impactam na carreira. Indica o ponto de vista acerca do campo profissional e princípios que delinea suas respectivas trajetórias de carreira. Esse enunciado se evidencia na preocupação em realizar um trabalho que possa contribuir para melhoria social, na maneira em que suas crenças direcionam suas escolhas de carreira e no reconhecimento de que a profissão atende sua perspectiva ética.
E04	A família me motivou a estar nessa profissão	Revela a influência da família na escolha e na permanência dos profissionais em suas respectivas carreiras. Esse enunciado se evidencia em relatos acerca da convivência familiar que abordam sobre: o suporte material e emocional, a proximidade possibilidade pelo trabalho remoto e a pressão para escolha acadêmica e/ou profissional. O suporte familiar envolve tanto o apoio recebido, sobretudo na infância e adolescência, quanto a possibilidade de prestar auxílio aos entes queridos em virtude de suas carreiras.
E05	Esse trabalho me fornece estabilidade	Narram as escolhas que os levaram por um caminho que permitisse tranquilidade, a busca pela estabilidade financeira, segurança material. Esse enunciado se expressa ao relatarem que fizeram transições de carreira estáveis; ao perceberem que podiam trabalhar com o que já sabiam (com o que gostam; "virada de chave") e ao explicarem como o exercício dessa profissão lhes permite estarem seguros financeiramente.
E06	Minha escolha profissional me representa	Indica como o trabalho que exercem os compõem e fazem parte do que buscam ser e expor socialmente. Envolve as características, interesses e vivências pessoais que delinham suas trajetórias de carreira, os formando enquanto sujeitos. Esse enunciado se vê em relatos nos quais es entrevistades abordam: características (DNA artístico, característica empreendedora/inovativa), interesses (proteção dos povos indígenas, gostar de certas áreas do conhecimento) e vivências/situações particulares que os direcionaram (pressões emocionais - frustrações/depressão - etc.).
E07	Ter um direcionamento é importante para a escolha profissional	Explora a relevância da orientação, sobretudo para o início da carreira. Trata da necessidade de uma referência, uma guia, uma instrução que permita aos profissionais (entrantes e atuantes) saber o que e onde buscar informações. Esse enunciado se evidencia em relatos que abordam sobre a falta de direcionamento (guia, espaços de convivência com inovação) e sobre as pessoas (parentes, professores e amigos) que inspiraram e apoiaram suas jornadas profissionais.
E08	A sociabilidade é útil na minha carreira	Trata dos aspectos relacionais que envolvem o espaço midiático e laboral. Aponta como as relações sociais são necessárias e valorizadas dentro do ambiente profissional. A questão da "utilidade" social leva em consideração tanto a necessidade (quase que impositiva) do trabalho em travar relacionamentos quanto o apreço em se conectar com os demais espontaneamente. Esse enunciado surge em relatos sobre construção de uma rede de relacionamento voltados para o âmbito profissional. Essa construção de rede profissional se expressa quatro categorias: na rede que os favorecem profissionalmente, na possibilidade de conexão com novas pessoas, na melhoria do currículo a partir da participação em comunidades online e como exigência do ofício.

E09	A sociabilidade faz parte da minha característica	Explora o aspecto social dos entrevistados onde se evidencia a estima que possuem em construir redes de relacionamento, sobretudo no ambiente digital. Na sociabilidade online (comunidades/fóruns) os entrevistados se inspiram, recebem suporte, contribuem e absorvem conhecimentos com os demais. Vale pontuar que essa socialização envolve o âmbito pessoal (relatos da infância, socialização em comunidades de jogos) e profissional (<i>hackatons</i> , eventos de inovação, fóruns de <i>softwares</i>). Os movimentos de aproximação e afastamento das comunidades online variam no decorrer da trajetória de cada um, se alterando conforme a mudança de prioridade em cada momento de sua vida.
E10	O ambiente digital é necessário para ser quem sou	Revela a parte do sujeito composta pelo digital, a importância do universo digital para o sujeito. Trata a necessidade e as consequências em se manter permanentemente conectado. Esse enunciado se evidencia em relatos que exploram, acerca do universo digital: a inseparabilidade com a vida física, a junção das diversas esferas da vida social (entretenimento, relacionamento, trabalho etc.), a mudança de hábito decorrentes do acesso e escolha profissional. Essa escolha profissional contempla a concepção de que o futuro da profissão é digital e a decisão de trilhar esse caminho junto as consequências de optar por uma profissão dentro do contexto tecnológico/midiático/digital.
E11	O ambiente digital oportuniza meu desempenho	Se refere a forma como utilizam o espaço digital, onde se explora como operam e se beneficiam dos dispositivos. Esse enunciado se evidencia em relatos acerca utilização do ambiente digital que abordam sobre: utilização de redes para fins pessoais (low profile, exposição de posicionamento), a busca por conhecimento (cursos, vídeos, pesquisa online, informações em fóruns de debate, referências etc.) e a execução e divulgação de trabalhos/projetos/conteúdos.
E12	Minha profissão me requer conhecimentos específicos	Se refere ao conhecimento necessário para o exercício profissional. Explora o caminho percorrido para obtenção dos saberes que lhe foram úteis em seus respectivos trabalhos. Os relatos deste enunciado são relativos à aprendizagem constante e ao ambiente acadêmico. A aprendizagem constante aponta a exigência de atualização e busca contínua por conhecimento (cursos, acesso constante as plataformas, acompanhar as novidades do mercado, entrar tardiamente na área). Ambiente acadêmico trata da jornada percorrida no espaço da universidade e sua contribuição para o exercício profissional; há os que creem que a universidade ajuda (11) e os que acreditam que não é necessária (3).
E13	Nesse trabalho eu devo gerenciar minha própria carreira	Explora a projeção, programação e delineamento que os profissionais realizam para sua manutenção e ascensão profissionais. Trata da convicção de que são responsáveis por sua carreira e devem desenvolvê-las (buscar cursos e trabalhos, criar conexões e empresas, construir possibilidades e caminhos). Esse enunciado é evidenciado em relatos acerca da construção de suas carreiras em que descrevem que são resultados de suas escolhas passadas, empresários-marcas, responsáveis por suas trajetórias e que devem saber comunicar seus produtos e planejar o desenvolvimento de suas carreiras. Empresários-marcas se refere ao entendimento de que eles são seus próprios empresários e que representam uma marca. Vale pontuar que esse enunciado abarca ainda a compreensão de que as escolhas conscientes ou inconscientes do passado resultam no que são hoje.

E14	A profissão afeta minha saúde mental	Aborda sobre a necessidade e a busca em estabelecer um equilíbrio saudável no exercício profissional. Explora as vivências laborais e digitais que impactaram positiva e negativamente a saúde mental e emocional dos entrevistados. Esse enunciado se evidencia em relatos que abordam: o esgotamento decorrente da excessiva carga produtiva, a qualidade de vida afetada pelo trabalho remoto, o afastamento das redes sociais (ansiedade, distração), síndrome <i>fear of missing out</i> e a melhoria da saúde mental em decorrência da atividade profissional.
E15	A inovação me atrai	Aborda sobre o interesse dos profissionais em tecnologias, novidades e criações digitais. Esse enunciado se evidencia ao relatarem a admiração por aspectos ligados a inovação e a busca por provar e superar suas próprias habilidades. Esse enunciado abarca o gosto por desafios (excitação frente a dificuldades técnicas), a busca pelo novo e o interesse prático e teórico pela inovação.
E16	A vivência digital sempre esteve presente na minha trajetória	Explora a relação dos entrevistados com tecnologias; descreve o desejo e a aproximação dos entrevistados pelos dispositivos onde se nota o "ser tecnológico", o quão estão intimamente, desde a infância, ligados a cultura digital. Esse enunciado sintetiza relatos acerca da tecnologia e convivência digital que abordam sobre: acesso, criação, lembranças, busca pelo aprendizado e escolhas decorrentes do interesse. Acesso diz respeito a relatos sobre a conexão com o dispositivo, sobre a ambiência virtual no ambiente escolar, <i>lanhouse</i> e da casa. Criação aqui trata das construções tecnológicas, processos prosumerísticos fânicos, desenhos e/ou digitais, entre outros. Lembranças tratam, sobretudo, de memórias da vida privada, com familiares e amigos. A busca pelo aprendizado revela a curiosidade, interesse e a proatividade no acesso a aprendizado com tecnologias digitais, seja buscando atualizações ou aprendendo de forma autodidata. As escolhas se referem a relatos sobre decisões que estão intimamente relacionados com o fato de os entrevistados estarem interessados por tecnologia (escolha profissional e acadêmica).
E17	Criatividade faz parte de quem sou	São relatos que evidenciam que o entrevistado é uma pessoa criativa, que gosta de criar. Explora sobretudo como as vivências narrativas influenciam na escolha profissional. Esse enunciado se expressa em nas narrativas sobre como o eu artístico: agrega característica criativas, contribui para atividade profissional, influencia a escolha profissional e acadêmica, permite colocar a si em suas obras, possibilita o apreço nas criações prosumerísticas, deve treinar constantemente a criatividade (por exigir método e não ser um dom) e vivência das produções artísticas.
E18	Minha experiência digital me profissionalizou	Aponta atividades realizadas no ambiente digital que agregaram conhecimentos úteis para suas respectivas atividades profissionais. Esse enunciado se evidencia em relatos que abordam, acerca da experiência digital, sobre: como o hobby se tornou uma atividade laboral, momentos de diversão e a familiarização com os equipamentos profissionais. Vale pontuar que os momentos de diversão contemplam vivências atuais e pretéritas (infância adolescência) em que descrevem experiências de entretenimentos (jogos, desenhar no <i>paint</i> , montar roteiros, editar personagens em editores de imagem etc.) que influenciaram suas carreiras.
E19	Nesse trabalho eu faço o que eu gosto	Narram o quanto apreciam suas atividades profissionais. Esse enunciado se expressa em relatos que expõem o um carinho pela área que atuam, em que expressam: realizar um sonho de infância, o prazer pela atividade profissional e que a motivação pela profissão é o interesse. Esse interesse como motivação aborda especificamente

	história em que a escolha profissional se deu antes do momento de alta demanda em que indicam que a opção pelo ofício se deu em razão de seus desejos e não pelo 'hype'.
--	--

Fonte: Elaboração da autora (2022)

4.1.2 Funções enunciativas

Como apresentado na seção de procedimentos metodológicos, as Funções Enunciativas são construídas por meio de quatro critérios: referencial, campo associado, posições de sujeito e materialidade. No quadro 6, são apresentados os títulos que representam cada critério e suas respectivas descrições. A Tabela 1, logo após o Quadro 6, evidencia a composição das Funções Enunciativas pelos seus critérios.

Quadro 6 - Critérios das Funções Enunciativas

Referencial		
Ref1	Desamparo	Narra sobre a falta de apoio. O apoio se refere, necessariamente, ao âmbito familiar e acesso a espaços de inovação. No âmbito familiar trata especificamente do descaso dos familiares dar suporte emocional e financeiro na escolha e trajetória profissional; e o acesso, por sua vez, se refere a não convivência dos profissionais com pessoas e espaços que pudessem incentivar ou desenvolver suas capacidades.
Ref2	Interesses	Narra sobre aquilo que se busca aproximar, as trajetórias que decidiram trilhar guiados pelos seus desejos, a buscar por atividades que tragam satisfação, as decisões que se basearam em suas vontades e as suas próprias particularidades (aspectos tratados como inatos/intrínsecos pelos entrevistados).
Ref3	Jornada acadêmica	Trata dos relatos sobre a vivência na área acadêmica e o que pensam do espaço de formação educacional formal. Envolve, assim, as experiências acadêmicas, a escolha/mudança do curso e opiniões relativas ao ambiente universitário.
Ref4	Memórias afetivas	Narrativa que apontam para histórias que recordam com afeição. Falas que remetem momentos que os marcaram emocionalmente, lembranças carinhosas onde abordam, em especial, sobre a infância e adolescência.
Ref5	Obstáculos	Se refere às adversidades que percorreram para chegar onde estão. Adversidades que afetaram o curso de suas carreiras, como imposições relacionadas ao trabalho (socialização, resignação frente ao pensamento produtivo), pessoais (depressões, terapia) e pressão dos familiares quanto as decisões acadêmicas.
Ref6	Princípios	Aborda as convicções, as opiniões e ideias. Aponta assim, os direcionamentos éticos dos entrevistados no qual apresentam seus respectivos pontos de vista.
Ref7	Relações Sociais	Trata da construção de rede de relacionamento. Redes essas que são construídas no mundo físico e digital, por uma questão hedônica (de gostar e buscar se relacionar) ou ainda sobre uma necessidade para o desenvolvimento no trabalho.

Ref8	Sanidade	Trata da estabilidade mental e emocional afetadas pelo exercício da atividade e pelo uso de mídias. As pressões do trabalho e a dependência do digital contribuem para o desequilíbrio mental e emocional (ansiedade, estresse, distrações, <i>burnout</i>); por outro lado, o trabalho pode proporcionar também prazer e melhoria na qualidade de vida.
Ref9	Suporte	Descreve sobre a segurança financeira e emocional para o exercício da atividade (ou para ter chegado até essa atividade). Se refere tanto aos ganhos salariais e as possibilidades que a carreira proporciona quanto ao auxílio que receberam (de familiares ou amigos, desde a infância). Esse auxílio (suporte, ajuda) seja ele estrutural (dispositivos, aulas, ensinar e permitir acesso a equipamentos), emocional (apoio moral e psicológico) ou financeiro (ganhos e ascensão) contribuíram para o exercício da atividade profissional (ou para ter chegado até essa atividade).
Ref10	Trabalho	Aborda atividades vinculadas ao exercício profissional. Trata, portanto, da atividade laboral, do exercício da profissão. Esse referencial surge em qualquer relato sobre a execução da profissão, descrição sobre o desenvolvimento de alguma etapa de trabalho ou ainda sobre o que é o trabalho e os elementos que o envolvem.
Ref11	Trajatória	Trata do caminho laboral que o profissional percorreu. Envolve, assim, as experiências de trabalho, os conhecimentos adquiridos (acadêmicos e práticos), as decisões que tornaram possíveis o exercício da profissão, etc.
Ref12	Transição de carreira	As histórias de como mudaram o curso de suas profissões. Aborda, portanto, o relato do porquê, como e quando decidiram abandonar suas carreiras anteriores e se dedicarem a atividade que realizam atualmente.
Ref13	Vivência digital	Aborda as experiências do universo digital. Da infância a atualidade os entrevistados estiveram próximos à tecnologia e passaram parte de suas vidas nesse espaço. Enunciados com esse referencial tratam assim dos aprendizados, conexões, divertimentos e lembranças que relatam as vivências digitais.
Ref14	Vivências criativas	Narram as experiências com invenções e criações. Envolve o que é relativo ao criar algo novo, artístico e/ou tecnológico.
Campo associado		
Ca1	Autoconhecimento	Se refere ao conhecimento relativos a si mesmo, aos ideais relevantes, os direcionamentos éticos, seus respectivos pontos de vista. Envolve assim o conhecimento de si, conhecer a si e o que lhe agrada.
Ca2	Criatividade	Corresponde aos conhecimentos relativos à área artística, o desenvolvimento necessário para a imaginação e criação de novos objetos.
Ca3	Digitalidade	Revela o pensamento da junção entre o mundo físico e digital, de que as experiências perpassam em ambos espaços e são indissociáveis. Envolve também a perspectiva do <i>do it yourself</i> (DIY) relativa a construções tecnológicas em um aspecto de ganho de independência.
Ca4	Inovação	Trata dos saberes relativos a geração de ideias, as transformações que podem ser feitas e a busca pelo que ainda não existem. Envolve o aspecto da busca teórica e empírica pelo novo.

Ca5	Política	Trata do conjunto dos entendimentos de que o progresso advém do avanço científico e social. Valores que envolvem a defesa ambiental e social (povos originários, meio ambiente, causa operária, inclusão/diversidade etc.).
Ca6	Profissão	Conjunto de saberes que envolvem a atividade profissional, refere-se, portanto, as aprendizagens e mudanças necessárias para o exercício da atividade laboral. Este campo aborda ainda a ideia do <i>self-made man</i> envolvendo o pensamento de que a responsabilidade de sua trajetória depende unicamente da agência individual, que o/a profissional deve adaptar-se as condições que lhe são impostas sendo o/a único/a capaz de desenvolver sua própria carreira e determinar seu destino a partir de suas próprias ações.
Ca7	Segurança	Evidencia a compreensão de que é necessário bases emocionais e materiais para o desenvolvimento. Envolve o entendimento de que a estabilidade é necessária, de que não é possível assumir riscos, sendo assim, busca-se por um caminho mais estável, confortável.
Ca8	Sociabilidade	Trata dos conhecimentos relacionados a construção de redes de relacionamento, as regras de construção do convívio social (seja pela necessidade humana de contato ou por uma questão laboral).
Ca9	Vida ordinária	Saberes desenvolvidos a partir de suas próprias experiências de vida. Se refere ao processo de conhecer algo novo através da vida cotidiana; a vivência com o material, objeto, ferramenta ou campo de estudo de forma casual.
Sujeito		
Suj1	Empreendedor	Descreve o posicionamento de quem busca criar seus próprios caminhos profissionais. Apresenta a condição de gestor de suas carreiras, expondo, assim, o ponto de vista dos que se empenham para promover e desenvolver a si mesmos com ou sem ajuda de outros.
Suj2	<i>Geek</i>	Descreve a condição de quem é digitalmente engajado, que busca e se envolve com a tecnologia, que se empolga com as novidades ligadas a inovação e tecnologia. Se refere aqueles que estão intimamente ligados ao universo digital desde a infância, que se divertem, trabalham e socializam utilizando ferramentas digitais.
Suj3	Original	Condição daqueles que gostam de criar coisas novas, inventores que criam por diversão ou por trabalho, dentro ou fora do ambiente digital.
Suj4	Profissional	Condição de possuir os conhecimentos e a experiência profissional. A partir da vivência como trabalhadores na atividade profissional, o sujeito aporta conhecimentos que o habilitam a se expressar na condição de profissional. Envolve ainda aqueles que se posicionam eticamente frente seu trabalho, que buscam contribuição social (inclusão, diversidade, sustentabilidade etc.).
Suj5	Singular	Posição assumida por aqueles que abordam sobre suas vivências pessoais na vida privada e suas particularidades. Quanto à vida privada se refere as vivências no âmbito familiar, a conexão com os amigos, as memórias e vivências da infância. Particularidades se a refere aspectos subjetivos (de sua vivência) envolvendo suas características, ideais e gostos.
Materialidade		

Ma1	Adoração	Falas expressas fascínio por alguma pessoa, objeto, campo de saber ou ainda uma memória. Falas emotivas que expressão admiração por um ente querido (pessoa), por um instrumento (objeto), por uma área de conhecimento ou pela trajetória (memória).
Ma2	Afirmção	Falas ditas com segurança sobre aquilo que se referem, em que explicam alguma situação, expõem e confirmam suas identidades e vivências.
Ma3	Empolgação	Falas expressas com ânimo e carinho por alguma pessoa, objeto, campo de saber ou ainda uma memória. Falas emotivas que expressão alegria e empolgação. Envolve também falas estimulantes e questionadoras, que buscam saber algo mais (curiosidade) e trechos que são ditos com a finalidade de ajudar alguém (auxílio).
Ma4	Persistência	Descreve a insistência, a firmeza, a garra que tiveram para passar por obstáculos. As falas se materializam também ao expressam o empenho em buscar e vislumbrar seus sonhos.
Ma5	Posicionamento	Falas em que os entrevistados expõem suas preferências éticas e políticas sobre determinado tema. Se refere, portanto, a falas de afirmação sobre suas convicções, crenças e tendências políticas.
Ma6	Resignação	Essas falas se materializam como consentimento e admissão sobre os caminhos que devem trilhar em suas trajetórias. Descreve a discordância (indignação/incomodidade) e acomodação frente aos acontecimentos que aconteceram.
Ma7	Vanglória	Se refere as conquistas e realizações individuais. Apontam os progressos e avanços que conseguiram desenvolver.

Fonte: Elaboração da autora (2022)

Tabela 1 - Funções Enunciativas X Critérios

	[ref]														[ca]									[su]					[ma]						
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	7
F01					X	X													X								X	X							X
F02	X	X	X		X						X	X						X		X	X					X	X	X							X
F03					X		X			X							X		X	X					X	X									X
F04							X			X							X	X	X						X	X									X
F05	X	X				X			X	X		X	X		X	X			X	X	X			X	X	X									X
F06	X				X				X	X								X									X	X						X	
F07	X	X			X			X		X			X	X	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X			X				
F08		X				X			X	X							X	X	X					X		X					X				
F09			X		X						X					X	X								X	X	X		X	X					
F10	X	X				X			X	X		X												X	X	X	X	X	X	X					
F11	X		X			X	X				X								X	X	X			X	X	X	X	X	X	X					
F12	X						X	X	X		X	X			X	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X	X	X					
F13	X	X	X				X				X	X	X	X	X	X	X	X		X	X			X	X	X	X	X	X	X					

Fonte: Elaboração da autora (2022)

As funções enunciativas representam as ações dos enunciados, refletem assim o comportamento dos enunciados. Por essa razão, os títulos das funções são iniciados com verbo no infinitivo. Foram identificadas treze funções que são apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 - Descrição das Funções

Cód.	Função	Descrição
F01	Abrir mão de princípios	Revela a resignação dos entrevistados frente aos princípios políticos. A partir do entendimento sobre o âmbito político e profissional, os sujeitos cedem em relação aos posicionamentos políticos e éticos. Os sujeitos modificam os comportamentos a fim de se estabelecerem e/ou ascenderem profissionalmente.
F02	Apontar dificuldades	Evidencia o reconhecimento e aceitação dos entrevistados frente as adversidades que vivenciaram. Adversidades se referem a falta de apoio (desamparo familiar e falta de acesso a espaços de inovação), escolhas baseadas na segurança (pressão familiar, mudança de carreira), abandono de interesses pessoais e adequação aos sistemas produtivos.
F03	Reclamar da conectividade imprescindível	Destaca a queixa (e aceitação) relativas a codependência entre o universo laboral e digital e a indispensável socialização que acompanha o exercício da profissão. Assim, expõem quanto a necessidade de divulgação de material e construção de relações, a intersecção sócio-digital exigida para o exercício profissional.
F04	Denunciar exaustão profissional	Expõe o risco das pressões do trabalho e da conectividade excessiva ao equilíbrio emocional e à saúde. As vivências profissionais, no que diz respeito a necessidade constante acesso as mídias, a intensa rapidez no campo da inovação e a excessiva carga produtiva, refletem na saúde mental e emocional causando distúrbios psicoemocionais como síndrome ' <i>fear of missing out</i> ', ansiedade, distração, entre outros. Tem como função acusar o esgotamento do profissional, a dose de estresse que perpassa o limite saudável/produtivo.
F05	Exaltar os êxitos	Apresenta sobre as realizações e habilidade conquistadas no desenvolvimento de atividades profissionais (digitais e artísticas, relações sociais). Aborda os triunfos laborais (avanços profissionais, ascensão) e as capacidades desenvolvidas e aprimoradas durante esse processo. Capacidades desenvolvidas tratam de conexões sociais, familiarização e domínio das ferramentas, melhoria no processo criativo etc.
F06	Pontuar posição política	Expressa a forma como os/as entrevistado/as se enxergam como agentes políticos dentro e/ou fora do trabalho. A partir dos conhecimentos relacionados ao âmbito político, os sujeitos expõem como seus princípios: influem em como gerenciam suas carreiras (podendo utilizar atividade profissional, inclusive, como ferramenta para expor seus princípios progressistas e inclusivos) e se alinham a prática profissional.

F07	Evidenciar aspiração profissional	Indica o que foi preciso realizar/desenvolver/ultrapassar para se tornarem o que os profissionais que são. Reflete, assim, a dedicação pessoal para conquista de realizações. Frente as vivências e interesses pessoais (busca solitária pela inovação, empecilhos pessoais, suporte familiar) os profissionais indicam um permanente afincos a fim de lograrem desenvolver projetos inovadores e/ou criativos.
F08	Evidenciar ambição profissional	Aponta o que é necessário para se manter e ascender profissionalmente. Tem como função de destacar o esforço dos profissionais em desenvolver suas carreiras, isto é, o constante empenho na realização dos objetivos profissionais. Esse esforço é um exercício contínuo/permanente em que o profissional, já atuantes no mercado de trabalho, deve gerenciar sua própria carreira e empreenderem a si mesmos; expor seu material e/ou sua própria marca, desenvolver conexões e habilidades, conhecer as inovações da área, desenvolver projetos etc.
F09	Valorizar vivências digitais	Revela o entusiasmo ao narrar experiências relacionadas ao universo digital. Seja no âmbito da digitalidade ou de processos criativos, os sujeitos, sobretudo os que são engajados digitalmente, abordam com alegria os momentos vividos no mundo virtual, seja abordando a própria vivência, seja conhecendo e desenvolvendo relacionamentos ou ainda sobre as lembranças da infância e da família. Cumpre a função de manifestar o apreço pelo ambiente digital, durante e especialmente antes do exercício da profissão.
F10	Expressar envolvimento com o trabalho	Diz respeito identificação do profissional com o trabalho que exerce, o vínculo entre o que se faz efetivamente no exercício profissional e aquilo que desfrutam. Desempenha a função de expor a conexão que o sujeito tem com o que faz, reconhecer o apreço em exercer atividades profissionais.
F11	Revelar formação do sujeito social	Diz respeito ao despertar do ser social, formação daquele que buscam se relacionar. Aborda a construção de relacionamentos como algo natural desde a infância. Relacionamentos estes sobretudo relacionados a vida privada, socialização com a família e amigos, que ocorrem dentro ou fora do ambiente digital. Expõe as memórias, interesses e a socializações como algo que os compõem. Tem a função, portanto, de revelar a surgimento do ser social.
F12	Manifestar interesse pela profissão	Revela a forma como o entrevistado se interessa e se aproxima da sua atividade a partir da sua busca por elementos ligados ao ambiente profissional, como pela inovação, tecnologia e criação. Atraídos pela inovação e pela ambiência digital e com suporte (auxílio de familiares e convivência em espaços inovadores) os sujeitos abordam a paixão pelo novo, por tecnologia e por suas vivências criativas (ligadas ou não ao universo digital).

F13	Enaltecer inspirações	Diz respeito a exaltação de elementos que serviram de estímulo, as "referências" que guiaram os entrevistados a percorrerem seus caminhos profissionais. Essas inspirações perpassam sobretudo pela vida privada (suporte de pessoas queridas, inspiração em ícones - familiares, amigos, professores -, apreciação em criar) e perpassam também por elementos da vida profissional (convicções e interesses que influem na trajetória profissional). Os relatos apresentados nessa função estão, em especial, relacionados a digitalidade, se referindo a interesses, memórias afetivas e vivências digitais.
-----	-----------------------	--

Fonte: Elaboração própria (2022)

4.1.3 Regras de formação

As funções enunciativas guiaram a identificação das regras de formação. Os critérios que compõe a regra são: objeto, conceito, modalidade e estratégia. O Quadro 8 são apresentados os títulos dos critérios e suas descrições. A classificação e alinhamento dos critérios de regra apontam formação de regras. A Tabela 2, logo após o Quadro 8, apresenta os critérios que formam cada regra de formação.

Quadro 8 - Critérios de Regras de Formação

Objeto		
Obj1	Autoidentificação	Evidencia elementos que interessam ao entrevistado, elementos que compõe parte da sua identidade. Destaca elementos que os sujeitos reconhecem que buscam e gostam. Relatos em que revelam parte deles mesmos, aspectos com os quais eles se identificam, histórias em que expõem a si mesmos.
Obj2	Comunidade	Trata da construção de relacionamentos, em especial, as ambientadas no espaço virtual. Se refere, portanto, a interações sociais e vivências (participação ativa ou passiva) em comunidades virtuais para fins profissionais ou relacionado a hobbies.
Obj3	Conexão	Se refere a relatos sobre o mundo digital. Este objeto abarca a convivência, aproximação e conexão dos sujeitos aos dispositivos tecnológicos. Trata da descoberta da tecnologia, os movimentos de despertar e desenvolvimento do interesse pelo digital. Narra também eventos do universo digital, histórias sobre a própria vivência digital.
Obj4	Criações	Narra especificamente sobre invenções. Construção, elaboração e desenvolvimento de projetos, produtos, obras artísticas etc. Aborda sobre aquilo que é criado, as próprias lembranças e vivências criativas ambientadas fora e dentro do ambiente digital.
Obj5	Dificuldade	Aponta diversas formas de obstáculos. Se refere ao aspecto psíquico/emocionais (que narra sobre elementos que afetam a estabilidade subjetiva), a questões materiais (relativo aos ganhos salariais, falta de apoio estrutural) e fatores éticos (abdicar de princípios).

Obj6	Trajectoria profissional	Se refere a experiências e relatos sobre o trabalho. Envolve toda a jornada percorrida pelo profissional envolvendo relatos sobre o movimento profissional (mobilidade entre empresas, mudança de carreira) e sobre a vivência com o trabalho em si (histórias sobre o trabalho, descrição da atividade, explicação sobre termos específicos relacionados ao trabalho).
Conceito		
Co1	Autoimagem	Representa um conhecimento de si a partir da forma de se enxergar e se projetar na sociedade. Trata da representação de si associadas a interação com o contexto social, como se vê e o que deseja simbolizar para a sociedade.
Co2	Auxílio	Diz respeito a assistência recebida, da ajuda que receberam de entes queridos (familiares, amigos e colegas). Esse conceito se associa exclusivamente a segurança; parte do entendimento de sustentação, apoio, proteção. Esse auxílio se reflete, assim como segurança, em um amparo emocional e material.
Co3	Competência	Descreve tanto o conjunto de habilidades quanto o seu desenvolvimento. Envolve o processo de aprimoramento de capacidades, o domínio ferramental e técnico (das plataformas, dos softwares, capacidade social, escrita, desenho etc.). Este desenvolvimento está associado sobretudo a atividade profissional, mas não se restringe a profissão. Isso significa dizer que o desenvolvimento de competências está relacionado não apenas a prática da atividade profissional em si, mas também a atividades movidas por interesse, hobby, prazer.
Co4	Processo criativo	Se refere aos elementos que envolvem a criação de um produto/obra como os métodos, busca por referências, inspirações, treino e práticas que tratam das etapas de criação.
Co5	Cultura participativa	Se refere ao envolvimento com o mundo digital, uma participação direta na construção de uma cultura colaborativa online. Indica a conexão, troca de informações e a construção de conhecimentos (inteligência coletiva) ambientados no universo digital.
Co6	Esgotamento ocupacional	Se refere ao estresse negativo do trabalho que causa exaustão (há ainda a terminologia Tenoestresse para designar esse estresse vinculados ao exercício laboral dos profissionais TIC). Trata dos fatores indesejados relacionados a prática profissional, como síndromes associados ao exercício profissional, quais sejam: ansiedade, burnout, excesso de carga de trabalho e "adaptações" originadas do medo do desemprego mudanças comportamentais (alteração de hábitos, comportamentos).

Co7	Eudaimonia	Representa o conhecimento de si a partir do entendimento daquilo que se gosta (e não gosta) e na busca por práticas/atividades que tragam alegria e completude. Essa perspectiva difere de um sentido hedônico na busca pelo prazer uma vez que pressupõe resultados. Esse conceito parte da perspectiva de que os sucessos alcançados são produtos da busca pelo que lhe agrada (pela excelência, virtude).
Co8	Experiência digital	Se refere às vivências ambientadas no universo digital, a experiência do usuário. Os relatos sobre as vivências estão relacionados não apenas à vida profissional, mas passando por aspectos particulares, como interesses e lembranças da infância.
Co9	Gestão de carreira	Aborda sobre as decisões estratégicas para ascensão ou manutenção do exercício das atividades laborais. Abarca as escolhas ("racional" ou intuitivas) que impactam nos movimentos laborais percorrido pelo profissional. Os profissionais atuam como (micro) empresários, comercializando suas horas de trabalho em projetos e prestação de serviços. Vivenciando uma nova realidade laboral, sobretudo relacionadas à não vinculação com instituições, os sujeitos devem tomar decisões sobre seus caminhos profissionais.
Co10	Hub	Se refere a espaços de efervescência da inovação, socialização para criação de obras, produtos, processos e/ou métodos novos. Esses espaços são físicos ou virtuais que permitem vivências com a inovação (acesso a dispositivos tecnológicos) quanto conexões com pessoas que gostariam de pensar algo inovador (troca de informações, ambientes que propiciem o debate e surgimento de ideias).
Co11	Midiatização	Revela o processo de inserção do mundo físico no universo digital, ou seja, o movimento em que as ações humanas passam a ser vivenciadas e transmitidas midiaticamente. Abarca ainda o impacto indesejado relacionada à dependência do mundo digital que acarreta síndromes, doenças e desconfortos psicológicos e emocionais relacionados ao uso de redes sociais e dispositivos tecnológicos; são exemplos: ansiedade, síndrome <i>'fear of missing out'</i> e distrações. Uma vez que o foco da pesquisa está em profissionais que atuam com tecnologias, esse "efeito negativo" se nubla com o que ocorre no conceito de esgotamento ocupacional.
Co12	Network	Trata da socialização com objetivos profissionais, redes de relacionamento construídas úteis para o trabalho. As relações contribuem para o desenvolvimento de carreira uma vez que permite troca de informações, conhecimento, indicações, entre outros elementos que podem fornecer ao profissional a possibilidade de acessar trabalhos/projetos. A construção de conexões acarreta o trabalho de envolvimento e manutenção para que a rede possa sempre ser reativada.

Co13	Progressismo	Se refere a uma corrente de pensamento voltada para o progresso social através da mudança. Linha que se opõe a perspectiva conservadora que propõe a manutenção da estrutura social. A corrente progressista, portanto, no atual momento histórico e na realidade brasileira se reflete em aspectos associados ao apoio as causas sociais como: defesa dos povos originários, sustentabilidade, igualdade de gênero e raça, entre outros.
Co14	Prossumerização	Diz respeito a produção (ou reprodução) dos materiais de consumo pelos próprios consumidores; consumidores produtivos que fabricam seus materiais de consumo (por prazer e/ou ideologia).
Co15	Sociação	Trata da socialização desenvolvida de forma espontânea partir de interesse e assuntos em comum. Relações construídas sem objetivos utilitários ou profissionais, mas desenvolvidos para criação de laços de amizade e compartilhamento de vivências e interesses.
Modalidade		
Mo1	Ajustado	Atesta a adaptação dos profissionais frente as dificuldades. Ajustado ocupa a posição do que foi moldado por múltiplas complicações, sobretudo as relacionadas ao âmbito particular associadas a falta de apoio e a busca por estabilidade e segurança.
Mo2	Amador	Expressa o papel entusiasta, fã. A busca em ativar seus conhecimentos adquiridos através de hobby, construir ideias inventivas e colocá-las em prática sem um objetivo profissional. O amador realiza ofícios e atividades movidos pelos seus interesses sem objetivo de ganhos financeiros.
Mo3	Expert	Evidencia a posição de especialista, aponta, assim, o modo como os sujeitos se portam enquanto autoridades no assunto, sujeitos experientes e habilitados para enunciação. O expert detém o conhecimento técnico e experiência relacionados a área profissional.
Mo4	Fascinado	Apresenta um tom de admiração, que engrandece e valoriza, de forma excessiva, determinada memória, objeto ou campo do conhecimento. Fascinado aborda as questões com apreço, paixão, emoção, elementos que considera especial.
Mo5	Interativo	Diz respeito a maneira participativa e comunicativa que os sujeitos buscam, de forma profissional ou pessoal, fora ou dentro do ambiente virtual, iniciar e manter relacionamentos.
Mo6	Progressista	Ponto de vista que atesta seus posicionamentos políticos. Diz respeito a forma como os sujeitos expressam a defesa pelo progresso social (contribuir com impactos socialmente positivos), pela sustentabilidade, inclusão, diversidade e equidade. Aqueles que seguem suas trajetórias baseadas em seus próprios ideais (orientados pela corrente progressista). Assim, as suas buscas individuais revelam suas convicções que interferem nas suas trajetórias laborais.
Estratégia		

Est1	Aceitação	Diz respeito a falas que tem por finalidade expor consentimento frente a realidade. Em forma de descontentamento, revolta ou resignação, os sujeitos aceitam consequências do caminho que optaram, cedem as exigências e se moldam pelas pressões.
Est2	Autoafirmação	Aborda as falas em que eles afirmam a si mesmos e para os demais seus posicionamentos, interesses, vivências e conhecimentos. Tem por finalidade expor sua própria identidade a partir de seus desejos, experiências e afinidades.
Est3	Autovalorização	Se refere a trechos que objetivam destacar as realizações e conquistas. Aporta ainda falas em que pontuam o desenvolvimento de habilidades em que valorizam seus respectivos processos e progressos. As falas têm por objetivo valorizar a si mesmos, seja em relação a domínio técnico, a estabilidade e ascensão financeira, aperfeiçoamento de competências ou trinfando em situações adversas.
Est4	Enaltecimento	Aponta sobre a exaltação referente a vivência, pessoa, objeto ou área do conhecimento. Tem por finalidade a valorização elementos externos ao indivíduo. Abarca falas mais intensas (adoração) que expressam fascínio, reverência, devoção e falas sutis (empolgação) que abordam o entusiasmo ao abordam histórias e temas de interesse.
Est5	Obstinação	Falas que tem por finalidade expressar o contínuo trabalho persistente na busca de realizações. Essa estratégia aponta que são capazes de perseguir suas carreiras e trajetórias individuais. Objetiva pontuar a batalhas percorridas, aquilo de se busca e deseja com afinco.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Tabela 2 - Regras de Formação X Critérios

	[obj]						[co]															[mo]						[es]				
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5
R01	X				X	X	X							X	X			X	X	X	X	X			X	X	X					
R02		X	X			X		X			X			X		X	X						X	X	X	X	X					
R03	X	X	X	X		X		X	X	X			X	X			X	X			X		X	X	X	X			X			
R04	X	X		X	X	X	X				X	X			X	X						X	X	X	X	X	X					
R05	X	X		X	X	X	X	X	X	X			X	X	X		X					X	X	X	X	X					X	
R06	X		X	X				X	X			X	X						X			X									X	
R07		X	X				X			X							X			X			X	X	X					X		
R08	X		X			X	X	X		X	X		X	X									X	X		X	X			X	X	

Fonte: Elaboração da autora (2022)

Uma vez compreendendo a composição de cada regra, os títulos foram construídos utilizando substantivos e locuções substantivas. A regra descreve a o comportamento da função, apontando as características que vão formar as regras com as quais se associam. Identificamos 8 regras que são apresentadas e descritas no Quadro 9.

Quadro 9 - Descrição das regras

Cód.	Regra	Descrição
R01	Austeridade da prática profissional	Evidencia aquilo que tiveram que abdicar (em especial no âmbito pessoal/privado/subjetivo) para permanecerem exercendo a profissão. Trata de alterações compulsórias; modificações que dizem respeito, sobretudo, as perspectivas políticas e éticas dos entrevistados, mas envolvem também dificuldades (falta de acesso) e escolhas de carreira baseadas na estabilidade material.
R02	Conformidade com a prática profissional	Evidencia o que tiveram que aceitar para que permanecessem no ofício. Assim como RX, se refere à concessão frente a prática profissional. Contudo, o presente trata das "adaptações"/ajustes que partem do âmbito profissional/objetivo/técnico. Expressam resignação a prática do trabalho que exercem se conformando com: a carga excessiva de trabalho, a interdependência entre atividade laboral e universo digital, a necessidade de conectividade (digital e de construção de relações sociais), a adaptação constante aos clientes e grupos de trabalho, aprendizado contínuo etc.
R03	Brio	Trata de evidenciar suas capacidades, conquistas e expertise; expor que conseguem realizar atividades com domínio e profissionalismo. Essa regra aponta para uma valorização de si sem a inferiorização do outro, uma exposição de suas próprias habilidades, um envaidecimento. Aponta a um sentimento individualista que foca em suas próprias realizações, onde reafirmam aptidões.
R04	Identidade profissional	Retrata autoafirmação dos sujeitos sobre aquilo que gostam, buscam e se identificam. Essa afinidade se refere a elementos que perpassam tanto o "espaço particular" quanto o âmbito profissional. Se refere a uma ponte entre a perspectiva da área profissional e a visão de mundo do sujeito. Nessa regra os sujeitos "afirmar a si mesmos", se posicionam politicamente e expressam identificação com as atividades que desenvolve no contexto profissional (afirmando-se como artistas, <i>geeks</i>).
R05	Perseverança	Aponta o esforço dos sujeitos em superar os desafios profissionais e pessoais para lograrem suas realizações, "correr atrás dos sonhos". Essa regra aponta duas vertentes nessa "batalha" para alcançar os objetivos profissionais; os obstáculos pessoais, que envolve o que enfrentaram no âmbito privado para exercerem o ofício, e a "competição" profissional que trata da "luta" para manutenção e ascensão uma vez atuando profissionalmente (aprendizagens constantes, manutenção de relação, participação em eventos, adaptar-se ao novo etc.).
R06	Amadorismo	Diz respeito à criação de uma obra ou exercício de algum ofício realizado por prazer, ou seja, a prática de atividades realizadas por gosto e não por um objetivo profissional. Revela, sobretudo, o entusiasmo ao abordarem processos criativos prosumeristas. Esses processos criativos envolvem ainda o apreço pela criação e ganho de habilidade.

R07	Alteridade	Diz respeito ao ser coletivo, comunitário, que depende do outro, que se tornou o que é com auxílio dos demais. Essa regra reconhece o convívio digital e as interações sociais (fora e dentro do ambiente digital) são comuns, corriqueiras, espontâneas. Tendo com única estratégia o enaltecimento (de pessoas, campos do conhecimento, lembranças etc.), a regra evidencia o sujeito que, com devoção, respeito e admiração expõe relatos concernentes as vivências comunitárias digitais (fóruns, conversações em comunidades). Corresponde ao entendimento de que a sociabilidade ocorre sem esforço, com naturalidade.
R08	Ambição	Trata da exaltação do ambiente digital e inovativo que reflete o interesse por esses espaços. Motivados por seus desejos, os sujeitos exaltam aquilo que vivenciam expondo um fascínio pela área que atuam. Evidencia, portanto, uma valorização dos elementos que envolvem a atividade, expressando êxito na atividade profissional. Essa regra retrata o sentimento egóico, individualista, do sujeito que é movido por suas ambições e interesse (sem alcançar o arrivismo). A escolha profissional (e o acesso aos dispositivos tecnológicos) se efetiva, portanto, em razão de uma motivação interna, pelo interesse e a busca dos profissionais pela inovação.

Fonte: Elaboração da autora (2022)

4.2 FORMAÇÕES DISCURSIVAS

A análise revelou 19 enunciados que possibilitou a identificação de 13 funções, 8 regras e 5 formações discursivas. Cada formação discursiva (FD) é composta por regras (regularidades discursivas) que as singularizam. Assim, por se tratar do resultado de uma sequência analítica - conforme apresentado na seção de procedimentos metodológicos - as formações discursivas se relacionam as categorias analíticas (regras, funções e enunciados descritos na seção anterior) e compartilham elementos comuns.

A descrição dos resultados apresenta cada formação discursiva. Os títulos das formações trazem em termos da literatura para evidenciar as composições de subjetividade presentes em tais formações. A definição e a composição de cada formação são trabalhadas nas próximas subseções.

4.2.1 Sujeição profissional

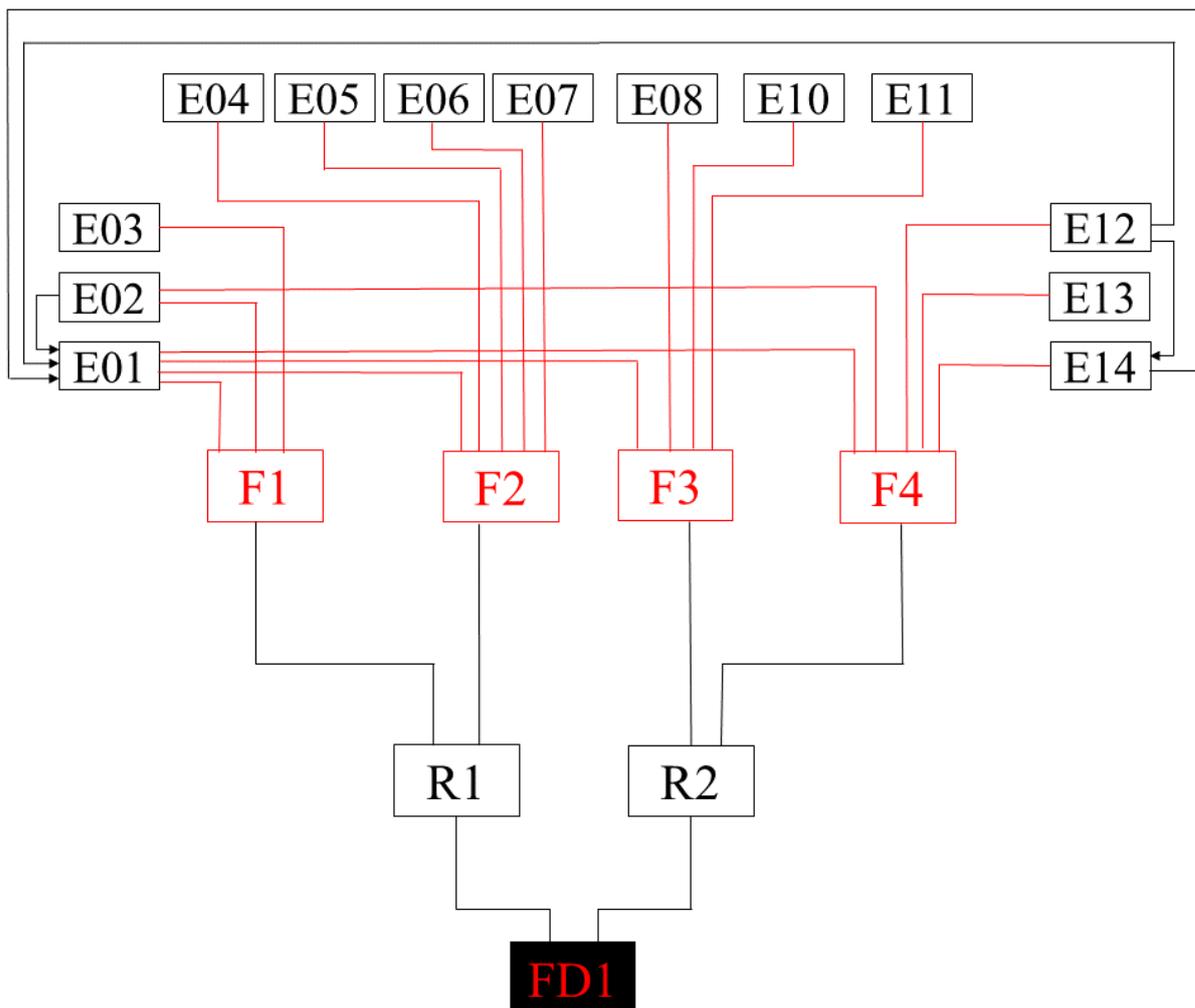
Essa formação evidencia a maneira como decidiram se sujeitar frente as escolhas que os direcionaram profissionalmente. Trata empiricamente da reconfiguração de práticas que foram necessárias para permanecer e/ou ascender em suas respectivas carreiras. Essa reconfiguração, na presente formação discursiva, é vista pelo sujeito como penosa e forçada. A decisão de percorrer uma determinada carreira carrega consigo um conjunto de práticas, comportamentos e atividades; para se adequar a escolha é necessário transformar a si mesmo e ser moldado.

Nessa ordem de ideias, essa formação diz respeito a submissão no âmbito pessoal e profissional que foi necessário para o exercício da atividade.

Conceitualmente, essa formação explora os modos em que o profissional se sujeitou no decurso de sua respectiva trajetória laboral. Os modos de sujeição compõem o processo de subjetivação (FOUCAULT, 1998, 2005) e refletem como o sujeito irá se portar frente as imposições morais impostas pelo campo (saber-poder). Essas imposições fazem parte de uma estrutura/relação de saber-poder que perpassam pela sociedade, envolvendo tanto o âmbito privado como o profissional. Nessa formação a resposta dos entrevistados é a submissão frente as regras do campo que revela processos de subjetivação relacionados ao comportamento ético. Assim sendo, se vincula diretamente as escolhas realizadas pelos profissionais e a forma como se portam uma vez exposto o jogo de saber poder instaurado.

A formação discursiva e seus feixes são visíveis na Figura 2.

Figura 2 - Mapa Analítico da Formação discursiva 1



O mapa analítico representado na Figura 2 evidencia a relação entre a formação discursiva e os demais níveis de análise (regras, funções e enunciados).

A sujeição profissional (FD1) é composta por duas regras que se referem a austeridade (R1) e conformidade (R2) no que diz respeito a prática profissional. Essas regras têm em comum os critérios, quais sejam, aceitação (Est1), interativo (Mo5), gestão de carreira (Co9), trajetória profissional (Obj6) e dificuldades (Obj5).

Por outro lado, a primeira regra tem como critérios singulares progressista (Mo6), amador (Mo2), ajustado (Mo1), auxílio (Co2), hub (Co10), progressismo (Co13), prossumerização (Co14), sociação (Co15), autoidentificação (Obj1); e a segunda tem experts (Mo3) fascinados (Mo4), network (Co12), competência (Co3), midiatização (Co11), esgotamento ocupacional (Co6), comunidade (Obj2) e conexão (Obj3).

Ambas funções tratam da resignação frente aos obstáculos enfrentadas pelos profissionais a fim de manterem suas carreiras e em razão disso compartilham os critérios os critérios mencionados. As funções, no entanto, tratam de obstáculos de forma distintos expressa pelos critérios singulares; enquanto a primeira regra (R1) aborda as dificuldades voltadas ao âmbito “particular” (apoio/pressão familiar, aspectos morais da constituição do sujeito ético) a segunda (R2) aborda a sujeição “profissional”, do sujeito que se conforma com as atividades compulsórias do seu trabalho.

Entendido os critérios compartilhados e particulares das regras, apresentamos os resultados a partir de cada regra.

4.2.1.1 Sujeição a austeridade da prática profissional

A austeridade do campo profissional (R1) se refere a rigidez da área profissional e advém das falas que tem como função a “renúncia” de crenças (F1) e apresentar as dificuldades enfrentadas (F2). Essa regra envolve as relações de poder em âmbito privado abarcando imposições referente: aos valores construídos pelos sujeitos, a família (desamparo e pressão na escolha da área de atuação) e ao direcionamento de carreira. As funções compartilham os critérios aceitação (Est1), autoidentificação (Obj1) e dificuldades (Obj5). Como critérios singulares a primeira função é composta por progressista (Mo6) e progressismo (Co13); e a segunda por amador (Mo2), ajustado (Mo1), interativo (Mo5), gestão de carreira (Co9), auxílio (Co2), hub (Co10), prossumerização (Co14) e sociação (Co15).

Os critérios compartilhados explicam a conexão entre as duas funções, em que ambas se referem a uma sujeição que se relaciona ao aspecto profissional, mas foca o âmbito privado. Apesar da intersecção de critérios, as funções tratam de aspectos distintos, evidenciado pelos

critérios singulares. A primeira função (F1) se volta as complicações advindas da moral individual enquanto a segunda (F2) aborda os obstáculos enfrentados em razão de suas condições familiares e financeiras.

A primeira função diz respeito a abrir mão de princípios (F1) e se relaciona aos enunciados que tratam de como as convicções moldam a minha trajetória profissional (E03), como foram transformados por essa trajetória (E02) e como se adaptaram a ela (E01). As mudanças decorrentes da expertise (E02) explicam (incidem em) as adaptações (E01).

Os sintagmas desses enunciados nesse feixe remetem a aceitação (Est1) de sujeitos na condição de experts (Mo3) e progressistas (Mo6) que abordam sua autoidentificação (Obj1) com os princípios progressistas (Co13) e as dificuldades (Obj5) frente a esse posicionamento.

Isso se evidencia nos relatos:

Então, só faz o seu e não incomode ninguém, não atrapalha ninguém, não de trabalho para produção e pronto. Aí você consegue os trabalhos. [...] você tem que ser, às vezes, a pessoa que não questiona uma atitude de machismo, de racismo dentro do set [...] tem muitos relatos [...] dentro dessas áreas, de homens que assediam mulheres dentro do set por que estão em posição de poder e ninguém faz nada. Entendeu? Caso de racismo, ninguém faz nada! E o cara continua conseguindo trabalho. Então, você às vezes tem que abrir um pouco mão da sua militância, daquilo que você acredita. Eu tento fazer isso o mínimo possível, assim, a não passar pano, sabe? (Ent5)

O fragmento expõe a austeridade em relação a rigidez do pensamento conservador*². O trecho evidencia os valores sendo questionados e até reconfigurados. Por mais que acredite em seus princípios cedem e não se manifestam. Para conseguir permanecer conseguindo trabalhos na área, e entrevistade 05 teve que “abrir um pouco mão da sua militância” e se calar frente e episódios que feriam seus princípios. Essa fala expõe a submissão em que e entrevistade, se posicionando como uma pessoa ativa na militância, se cala para conseguir permanecer empregada.

O trecho acima faz referência aos três enunciados dessa função. Nesses enunciados, na perspectiva desse feixe, percebemos narrativas que expõem a estrutura de poder e como o sujeito reage de forma submissa. Com receio de perder o emprego, inseridos em um contexto em que a estrutura das relações de trabalho cada vez mais instáveis (CHANLAT, 1995; ANTUNES, 2018), os sujeitos se submetem.

² Conservador aqui se refere ao pensamento político que defenda a manutenção das estruturas sociais. Desta forma, foram entendidas como falas progressistas aquelas voltadas a mudança do contexto social, que se evidenciou no arquivo em narrativas que abordam a defesa das causas da comunidade: LGBTQIAPN+, povos originários, gorda, preta e trabalhadora.

A relação dessa regra com a função de apontar dificuldades (F2) se relaciona aos enunciados sobre adaptação (E01), motivação familiar (E04), como a escolha os representa (E06) e a importância do direcionamento na carreira (E07).

A questão relativa ao âmbito familiar é vista em dois dos enunciados, um referente a adaptação (E01) e outro referente a motivação familiar (E04). Cabe pontuar que a motivação (E04) aqui reflete em pressão familiar uma vez que essa pressão influencia o entrevistado a escolher determinado caminho laboral e/ou acadêmico.

O sintagma que representa essa questão é composto por aceitação (Est1), ajustado (Mo1), auxílio (Co2) e dificuldade (Obj5). A falta de apoio e a pressão familiar – entendidos enquanto dificuldades - reflete a adaptação (E01) e a pressão familiar (E04) para escolha de carreira. No fragmento abaixo vemos ambos casos (pressão familiar e falta de suporte) em se evidencia um sujeito que se ajustaram a sua realidade (Mo1) abordando sobre suas dificuldades (Obj5) a partir da sua busca/necessidade por segurança (Co2).

[...] cursar a graduação de cinema que foi muito complicado assim porque eu nunca tive nenhum tipo de apoio familiar, né? Nem financeiro e nem emocional, né? [...] tinha um certo pressão familiar para que eu me graduasse também em alguma coisa que "desse dinheiro" [...] na época que minha mãe adoeceu e ela passou quatro meses internada; e quando ela faleceu, [...] minha família não me deu muito apoio emocional [...] (Ent5)

O fragmento de fala retiradas da entrevista 05 retrata tanto a falta de auxílio quanto a pressão da família em escolher caminhos que pudessem gerar bons rendimentos financeiros.

A questão familiar ocorre a partir do entendimento que a área tecnológica/inovativa, por estar em expansão, pode proporcionar melhores ganhos em detrimento a outras áreas profissionais (como as artísticas e/ou desviantes). Com isso, os familiares influenciam os profissionais a seguirem caminhos que possam proporcionar carreiras estáveis e promissora. Ainda que os sujeitos não desejem seguir os caminhos orientados por seus entes queridos, optam por obedecer. Isso evidencia uma relação de poder familiar estrutural para o sujeito com o qual ele se conforma e age conforme lhe for solicitado.

Vale ressaltar que a ‘coerção’ familiar ocorre de em âmbito acadêmico - onde interferem diretamente na escolha do curso (como é o caso do Ent7) ou exigem que seja feito um curso formal, qualquer que seja (como é o caso dos Ent6 e Ent13) – ou no âmbito profissional – busca por carreiras que permitam ganhos monetários (Ent4 e Ent5). Cabe pontuar ainda que essa falta de apoio é evidenciada em especial nas narrativas de jovens profissionais que estão envolvidos em campo profissional entendido socialmente como “mais próximos” a classe criativa (como é o caso dos Ent4 e Ent5).

A dificuldade (Obj5) é também na falta de direcionamento (E07) em que os sujeitos interativos (Mo5) e ajustados (Mo1) apresentam sobre impossibilidade de interação com o contexto inovativo (Co10 - Hub), ou seja, não tiveram acesso a convivência com espaços e pessoas onde pudessem conhecer os caminhos da profissão. Essa perspectiva é vista nos relatos a seguir:

[...] eu acho que é oportunidade de ver que tem outras pessoas fazendo, de conviver, de ver ali, eu precisava de um impulso assim também, eu acho que precisava meio que de talvez até alguém aí me direcionando assim, sabe? [...]. Acho que precisava de um empurrão assim, para ter coragem e tal. (Ent8)

No recorte acima a entrevistada expõe a importância da orientação para seguir sua carreira. Essa orientação trata do acesso a espaços de inovação e pessoas da área, a possibilidade de visualizar a carreira em inovação como algo possível e alcançável. Vale pontuar que essa falta de direcionamento na profissão (E07) apresentada nos trechos acima explica o quão necessário foi a adaptação dos sujeitos (E01).

Por fim, apontar dificuldades (F2) revela ainda uma adaptação (E01), transição de carreira em busca de estabilidade (E05) em razão de suas vivências pessoais que os direcionaram a esse caminho (E06). As falas abaixo são de todos os enunciados acima relacionados e representam sujeitos ajustados (Mo1) que se referem a trajetória profissional (Obj6) e autoidentificação (Obj1) acerca da gestão de carreira (Co9) são evidenciadas abaixo:

Então eu fechei 2020 quebrado emocionalmente, cansado para um c*****, esgotado da minha relação com os meus sócios [...] aí eu entrei em 2020 dizendo assim pelo menos por agora não quero voltar empreender, quero um trabalho fixo, um lugar concreto, alguma coisa que me dê... Respire sanidade mental! (Ent6)

Inicialmente o plano era seguir uma carreira acadêmica [...] terminei cansando um pouco da academia também né e acho que eu acabei me encontrando profissionalmente dentro dessa área de ciência de dados que é uma área que tem aspectos que levam um pouco a academia, uma atividade um pouco mais de pesquisa e desenvolvimento né (Ent7)

[...] entrei na faculdade, fiz um curso de *photoshop*, fiz um curso de *illustrator*, mas [...] as oportunidades que vieram era, assim, pra trabalhar com marketing [...] eu nunca tive assim esse “não vou trabalhar com isso” [...] Então assim, eu ia abraçando o que que aparecia, tinha que trabalhar, também tinha que ajudar em casa, tinha que fazer as coisas sabe? Então, trabalhei com marketing. (Ent8)

Os fragmentos apresentam como o caminho que seguiram profissionalmente foi sendo construído na busca de conseguir estabilidade. No trecho da entrevista 06, 07 e 08 notamos uma transição segura de carreira uma vez que os planos iniciais se alteraram. Ent6 transita em razão de sua falência e pela busca por algo estável; Ent7 expressa como mudou para uma área que se

sentia familiarizado enquanto Ent8 evidencia que a escolha se baseou na segurança financeira onde ia aproveitando as oportunidades ainda que quisesse seguir outros caminhos.

Os fragmentos expõem a reconfiguração do comportamento frente à trajetória profissional. As suas características pessoais e suas vivências (presentes no enunciado 06) influem a forma para irão conduzir suas respectivas carreiras (E03). Toda essa trajetória que percorreram, seja vivências pessoais ou movimento laboral, compõem partes de sua história e os representam; fazer parte da construção deles mesmos, de suas práticas. Isso se evidencia, em especial, no fragmento da entrevista 06.

Cabe pontuar ainda que esses entrevistados pontuam que seu ofício não representam um sonho, mas o que foi possível. Os entrevistados foram se moldado as condições que lhe foram impostas redirecionando suas carreiras conforme a necessidade. Nesse processo, se ajustam (Mo1) deixando de estar com os amigos (sociação – Co15) e de produzir (prossumo – Co14) de forma amadora (Mo2)

4.2.1.2 Sujeição a conformidade a prática profissional.

Na conformidade a prática profissional (R02) há a percepção incômoda em relação a conectividade. Essa regra revela certa irritação pela dependência dos meios digitais, ainda que percebam que gostam do espaço digital. Essa percepção se expressar na medida em que reclama da conectividade compulsiva (F3) e denunciam a exaustão (F4).

A função sobre conectividade compulsiva (F3) e acusar exaustão (F4) compartilham os critérios aceitação (Est1), experts (Mo3), competência (Co3), midiatização (Co11) e trajetória profissional (Obj6). Com relação aos critérios particulares, a função três engloba interativo (Mo5), fascinados (Mo4), network (Co12), dificuldades (Obj5) comunidade (Obj2) e conexão (Obj3); e a função quatro gestão de carreira (Co9) e esgotamento ocupacional (Co6).

Ambas funções refletem o descontentamento pela conexão digital inescapável, por essa razão compartilham os critérios apresentados. Os critérios singulares evidenciam as diferenças entre as funções em que a terceira função (F3) expressa exclusivamente acerca da conectividade, do estabelecimento de relacionamentos digitais e físicos impositiva, enquanto a quarta (F4) reflete o estresse causado pela profissão decorrente em especial da carga informacional.

A função três relaciona as falas que têm por objetivo a queixa pelas interações sociais exigidas pela profissão (F3) e se referem tanto a necessidade de construir uma rede profissional de relacionamento quanto a obrigatoriedade da conexão online constante. Essa função evidencia a valorização da sociabilidade na carreira (E08), com a adaptação (E01) daqueles que

são mais reservados socialmente, e a contribuição do ambiente virtual (E10 e E11), ainda que impositiva, para a veiculação do material produzido.

Os enunciados relativos à valorização a sociabilidade na carreira (E08) e a adaptação (E01) formam sintagmas em que o sujeito interativo (Mo5) aborda sobre construção de network (Co12) imprescindível para sua trajetória profissional (Obj6). Os fragmentos abaixo fazem parte do enunciado 08 e comportam os critérios acima mencionados. Além desse objeto, o primeiro relata também sobre a comunidade (Obj2) e o segundo sobre dificuldade (Obj5). Cabe pontuar que o segundo relato representa tanto o enunciado 08 quanto o enunciado 01.

Hoje eu entendo que, eu entendo que eu poderia dedicar muito menos tempo ao conhecimento tecnológico e muito mais tempo a essas questões interpessoais, e relacionamento, de conexões e tal, eu poderia ter um efeito talvez até maior do que o que eu consigo sendo especialista em algo. O que eu tô querendo dizer é que ... a diferença, o impacto que você pode fazer com seu trabalho, com o seu conhecimento, pode ser muito mais amplificado se você focar não necessariamente no conhecimento em si, mas sim como você vai dar visibilidade a esse conhecimento, como você vai fazer conexões para que isso possa atuar de fato com aquilo. (Ent2)

Tipo, então, eu acho que basicamente se fosse resumir é isso né, essa questão assim né, fingir que tá gostando quando você não está, se cobrar muito mais a nível de produtividade e uma questão de **adaptação às normas de convívio e dos ambientes** [...] acho que o home office foi um ponto definidor para mim assim que eu meio que me despi dessas máscaras todas e passei incluso a me cobrar menos em termos de produção (Ent7)

O primeiro relato evidencia o quão as redes de relacionamentos são indispensáveis para o melhor desenvolvimento de carreira e apresenta um sentimento de arrependimento do entrevistado ao perceber que a construção e manutenção de relacionamentos é essencial para o progresso do profissional. Já o segundo aborda sobre seu bloqueio em construir relacionamento com seus colegas de trabalho. Vê-se ainda, a adaptação do sujeito a realidade social de suas profissões. O entrevistado 07 expõe “fingir estar gostando” ao se adaptar as “normas de convívio”, mas assim que se percebe fora do espaço de trabalho pode retirar as “máscaras”.

A imposição “sócio-laboral” associada ao ambiente virtual é evidenciado pelos enunciados que tratam aspectos relacionados a divulgação do trabalho onde se vê a contribuição do ambiente virtual (E11) e como isso interfere em quem são hoje (E10).

As falas do que apontam que o ambiente digital faz parte do que são (E10) reflete a consequência de escolher uma profissão pertencente ao universo digital. Esse enunciado nesse feixe se refere aos profissionais que expressam fascínio (Mo4) pela conexão (Obj3) com o universo digital, contudo, evidenciam que a escolha em utilizar os dispositivos não é necessariamente uma decisão isolada, mas uma consequência de se trabalhar nas e para as redes

mediatização (Co11). Da mesma maneira ocorre nas falas que os profissionais apontam como o ambiente digital oportuniza o desempenho (E11) - mais especificamente no que diz respeito a divulgação e obtenção de trabalhos. O enunciado 11 nesse feixe comporta falas que abordam sobre a manutenção de relacionamentos sociais (Obj2) por uma perspectiva de construção de network (Co12) por um tom especialista (Mo3). Em ambos enunciados e formações sintagmáticas vemos a necessidade de estar visíveis no ambiente digital para conseguirem novos trabalhos.

Para exemplificar, seguem os recortes do arquivo:

90% dos vídeos que eu faço, que eu fiz nos últimos 4 anos, são para ser veiculados em plataformas digitais. Então, assim, eu tô intimamente ligado a elas, então assim, o jeito que eu exporto meus arquivos é pra plataforma, [...]. É muito próximo, porque tudo que eu faço é para eles (Ent10)

Então, assim, as redes sociais para mim elas são muito essenciais porque assim ... eu preciso divulgar o meu trabalho, o trabalho é divulgado através das redes sociais né, através da tecnologia. (Ent5)

[...] a tecnologia é essencial, o mundo digital ele é essencial, seja tanto o aparelho assim que vai transmitir essas informações, esses dados, quanto a internet né, o ambiente da internet. E a internet - que vou fazer o recorte das redes sociais - que é um canal de veiculação das criações [...] Então para quem trabalha com vídeo, com imagem, com som, né, fundamental [...] mas existe também esse lado que é essa dependência [...] se você não tiver a presença ali, tu não existe né, ninguém fica sabendo que tu tá fazendo, ninguém conhece seu trabalho, ninguém te conhece e conseqüentemente ninguém vai te chamar para fazer as coisas por que no fundo é assim que funciona né, é sempre contato que a gente tem, que possibilita realizar projetos. (Ent4)

Os fragmentos expõem a conseqüências do contexto tecnológico, tanto para sociedade quanto especificamente para carreira escolhida. Fica evidente a impossibilidade de distanciamento da rede uma vez que a produção e veiculação está exclusivamente e intimamente relacionada com as mídias digitais.

Por fim, a crítica pelo estresse excessivo da profissão (F04) parte sempre de quem ocupa a posição de conhecimento em relação ao campo (expert – Mo3). Essa função se refere a enunciados que abordam tanto sobre a saúde mental e emocional afetadas pela profissão (E14) quanto como se transformaram (E02) e adaptaram (E01) frente a exaustão, envolvendo ainda os conhecimentos necessários para a área (E12) e o gerenciamento de carreira como responsabilidade dos profissionais (E13).

As transformações (E02) e adaptações (E01) se referem a aceitação das imposições durante a trajetória profissional (Ob6) relativas à mediatização (Co11) e competência (Co3). Trajetória profissional associado a esses conceitos se referem necessidade de acompanhar as

mudanças relativas à inovação e por consequência, ao trabalho, que reflete em uma intensidade de conhecimentos que estão além das capacidades.

Essa intensidade de informações é resultante da midiática da vida que para esses profissionais ocorre de forma ainda mais intensa uma vez que estão inseridos (produzindo) no e para o universo digital. Uma vez inseridos no universo digital, essa atualização impositiva reflete no desenvolvimento de suas competências e fazem com que não possam se desvincular desse ambiente que deve ser utilizado para divulgação de material e captação de clientes.

Essa perspectiva, no sintagma trajetória profissional (Ob6), midiática (Co11), competência (Co3), expert (Mo3), aceitação (Est1), que representa o enunciado E01 e E02, é sintetizada pelos recortes a seguir:

Eu sabia tudo de *facebook*, eu sabia tudo de *instagram*, quando eu usava muito pessoal assim, depois de um tempo falei assim "já não aguento mais não quero mais", postava todo dia e era aquela dependência também ainda, hoje em dia [...] eu acho que quantos menos você mexe... as plataformas vão mudando, e se você não está ali atenta você fica para trás mesmo, sabe (Ent8)

O recorte acima reflete a obrigatoriedade da conectividade para o exercício profissional. Eles precisam estar constantemente online para acompanhar as tendências e consideram privilegiados os que podem e conseguem se desconectar. No fragmento a profissional afirma “ficar para trás” uma vez que não está acessando as redes sociais com regularidade. Sendo as redes sociais uma ferramenta de trabalho (divulgação, contatos e até espaço de produção) há um ganho de habilidade ao vivenciar esses espaços. Contudo, na necessidade de intensa atenção quanto às novidades (tecnologias, aplicações, softwares, funcionalidades) faz com que eles necessitem estar continuamente conectados, ainda que não queiram.

No relato é possível perceber que ou o profissional se adapta (E01) e transforma suas práticas (E02) assumindo como suas ou se desatualiza. Em um contexto laboral em que a TIC é uma ferramenta fundamental e as mídias digitais são os principais meios de vinculação de material e conexão profissional, o acesso incessante para atualização passa a ser uma obrigação, uma regra para o campo profissional. As TICs, uma vez que reconfiguraram os modelos produtivos, remodelaram as trocas de informação e a produção de produtos e serviço, novos arranjos produtivos de trabalho (ANTUNES, 2018, CASTELLS, 2002). Isso afeta a quantidade diária em que os profissionais devem permanecer conectados e o nível de informação que devem manejar. Isso incorre em um cansaço e ansiedade em acompanham tamanha quantidade de informações.

Isso nos leva aos enunciados que remetem justamente a questão da sanidade (E14) e dos conhecimentos relativos à profissão (E12). A atualização acerca das novidades é uma prática

que deve ser realizada constantemente uma vez que os profissionais devem não apenas conhecer como dominar o funcionamento das mídias e softwares. Assim, para gerenciarem bem suas carreiras (Co9) devem estar constantemente acessando os dispositivos em razão da midiaticização (Co11). Esse constante acesso e a excessiva carga informacional causa o esgotamento profissional (Co6).

Esses três conceitos convergem aqui abordando sobre doenças causadas pela vivência digital/inovativa; a exemplo: a ansiedade causada pela síndrome FOMO (*fear of missing out*) (vinculada tanto a gestão de carreira, uma vez que acompanhar as novidades é essencial para atuação na área de inovação quanto a midiaticização da vida), a necessidade de acompanhar as inovações de forma compulsória (que também afeta a saúde) e a excessiva carga de informações pela qual se submetem. Para exemplificar todos os casos, exemplifico com trechos do arquivo.

Os fragmentos a seguir representam os enunciados E12 e E14 e são compostos pelos critérios trajetória profissional (Obj6), expert (Mo3) e aceitação (Est1). O primeiro retrata tanto a midiaticização (Co11); o segundo a consequência da inovação vinculada a gestão de carreira (Co9) e as duas últimas o esgotamento ocupacional (Co6) voltadas a concepção do sistema produção excessiva capitalista.

Eu passei a ser mais ansioso, eu passei a sofrer de FOMO, FOMO é uma sigla pra *fear of miss out*, basicamente é medo de perder a próxima novidadezinha que tá vindo aí. E aí todo mundo de alguma maneira que lida com inovação e tecnologias e essas mudanças sofre em alguma instância de um FOMO, seja um FOMO consciente ou seja um FOMO inconsciente (Ent6)

Sempre tive muita preguiça desse negócio de inovações tecnológicas [...] [mas] eu entendi que não dá para lutar contra isso, é uma batalha perdida porque assim, é o mínimo, isso é o arroz com feijão do que eu tenho que fazer. Então comecei a me interessar mais, a pesquisar por que tem que ir junto né, não adianta lutar contra, e acaba que é preguiça só, sabe? [...] eu não tinha essa, eu não era tão antenado assim e aí eu descobri que tinha que ter e hoje eu faço, é natural e é prazeroso até, fico horas vendo que que vai sair [...] (Ent10)

[...] o peso do mundo mesmo é muito grande em relação a isso [falta de dinheiro e apoio] porque nós estamos numa lógica de produtividade, né? E de capitalismo, então [...] se as pessoas também sentem que tu não tá produzindo alguma coisa, automaticamente tu se torna inútil e essa sensação de inutilidade né, de descarte, ela é muito cruel porque enquanto você não tá produzindo ali naquela lógica você não serve né, você não se encaixa, você é um ser assim quase como nada mesmo né? Tipo você e nada é a mesma coisa. Então acho que essa consequência, essa pressão sabe? De estar em uma lógica muito forte de demanda, de produção, mas acho que a saída, é aceitar o seu próprio delírio e não ligar para o que as pessoas pensam. (Ent4)

E do ponto de vista mais assim de profissional mesmo do dia a dia, eu acho que tem bastante a ver com a cobrança [...] em geral me parece que empresa de TI, quando estão lidando com funcionários em começo de carreira, elas

tendem a ser bastante agressivas assim. Parece que eles querem te moldar o mais rápido possível para produzir em uma velocidade muito grande né [...] Quando tu entra no ambiente de trabalho diretamente, que existe essa pressão e às vezes essa pressão é explícita assim né, se faz com terrorismo, eu acho que isso muda a maneira que tu que tu entende a própria produtividade assim, que tu começa a se cobrar em um nível para mim eu acho que foi além do limite do aceitável em termos de saúde mental [...] (Ent7)

Os trechos refletem a “agilidade informacional” presente na prática produtiva da inovação que afetam a saúde mental e emocional. O primeiro fragmento (E6) explora a questão sobre a ansiedade causada pela necessidade de estar em constante contato com as atualizações do mercado de inovação. Para Ent10, inclusive, sem a possibilidade de “lutar contra” a intensa quantidade de atualizações reconfigura suas práticas e passa a ser “prazeroso”. Já os fragmentos subsequentes destacam a questão relativa a própria produção excessiva seja em um âmbito mais artístico, como que é o caso de Ent4, quanto na área vinculada mais fortemente a TI, caso de Ent7.

Finalmente, a fala que faz referência ao enunciado 13 trata de aceitar que devem gerenciar suas carreiras, mas não necessariamente relacionadas a questão do esgotamento mental. Tratam da compreensão de que o que são hoje é resultado de uma série de escolhas, sejam elas conscientes ou não. Esse enunciado no presente feixe comporta os critérios aceitação (Est1), expert (Mo3), gestão de carreira (Co9) e trajetória profissional (Obj6).

O enunciado bem como os critérios são sintetizados na fala do entrevistado 02.

Acho que desde o momento que você precisa fazer uma faculdade, por exemplo, já é uma escolha que você toma socialmente. Depois dentro de escolher um curso é uma decisão que você toma com base nas suas características. Tá bom? Você meio que tem que se adaptar a um curso que você se identifique. Dentro do curso que você se identifica, você tem que se adaptar ao mercado porque carreira é profissão, é trabalho. Então você já começa a ter que se adaptar que mercado você vai participar. Então tem uma série de decisões que são impositivas, de certa forma. Qual é [o] nosso livre arbítrio? Escolha entre as opções. Mas que existem determinismos existem. (Ent2)

O entrevistado se questiona sobre o “livre arbítrio” pontuam que o que resta, escolhido a carreira, é se adaptar a ela. Isso faz parte do trabalho.

4.2.2 Amor pela profissão

A segunda formação discursiva intitulada Amor pela profissão (FD2) expõe a valorização da destreza profissional, um amor pela bela execução de práticas profissionais. Esse afeto pelas práticas envolve a profissional e a si mesmos enquanto profissionais que obtiveram relativo sucesso, que conseguiram realizações. Empiricamente essa formação evidencia a autovalorização e autoafirmação dos profissionais em relação as suas próprias jornadas (as

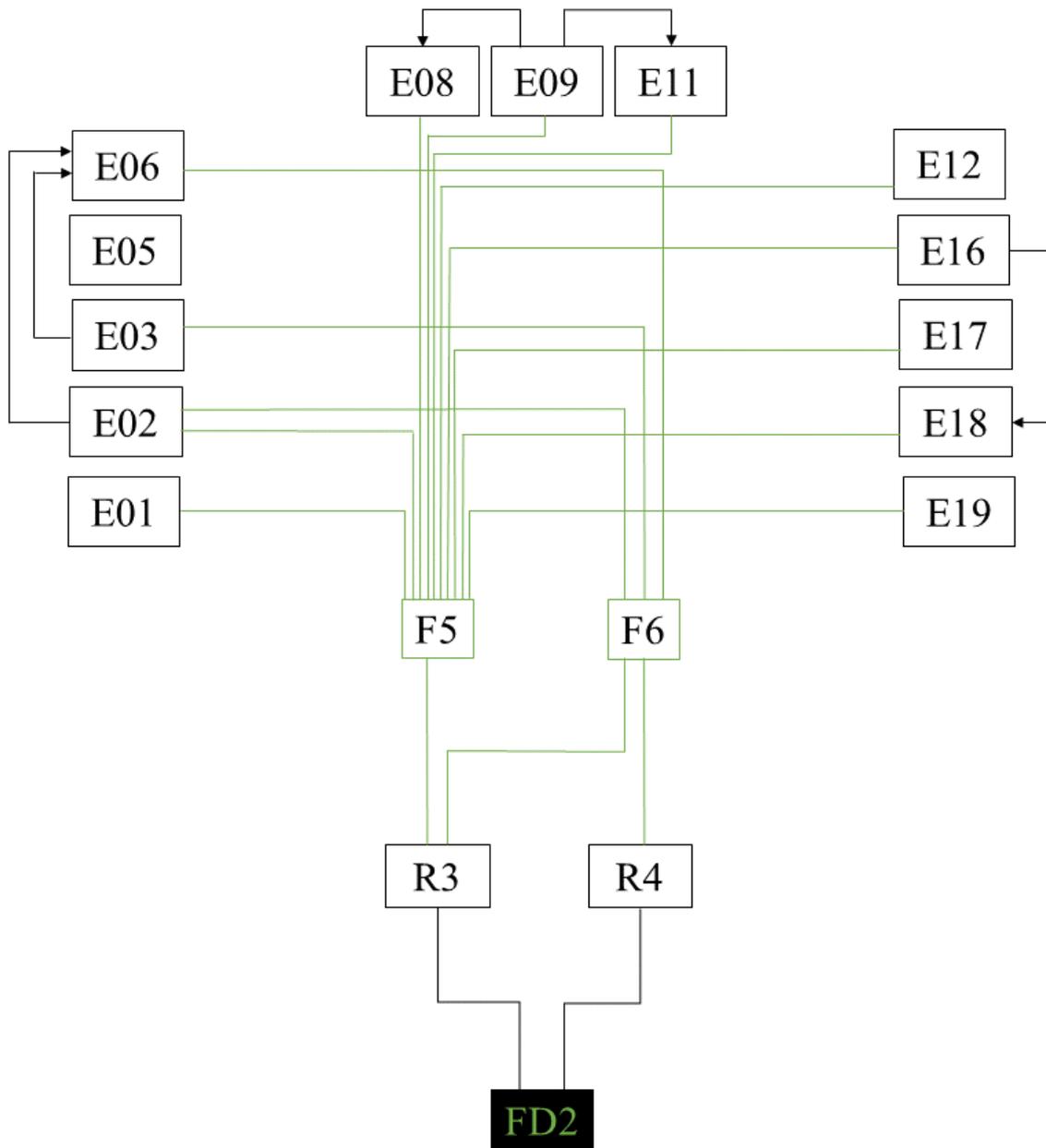
atividades que desenvolvem, o ganho de competência, a superação de obstáculos, a gestão de suas carreiras, as conexões construídas). Esse amor a si, nesse contexto expressa excelência adquirida pela vivência.

Essa formação trabalha o conceito de amor verdadeiro que evidencia a relação entre a moral dos prazeres e sua relação com a verdade. O amor verdadeiro perpassa pelo cuidado de si e dos outros (i.e., econômica e dietética) e do prazer para si e para os outros (i.e., erótica) (FOUCAULT, 1998). Nessa ordem de ideias, essa formação se relaciona ao cuidado do profissional (FD3).

O amor aqui não é algo projetado unicamente para o campo, mas para si mesmos. Isso ocorre, pois, o profissional ama o campo de trabalho e ao mesmo tempo que o compõe. Corresponde ao enaltecimento de si mesmos enquanto profissionais ‘belos’, que compõe uma ‘profissão bela’. A valorização de si é resultado do cuidado de si mesmos associado a valorização do campo e a autoafirmação da relação do sujeito a verdade. Ambos compõem o amor verdadeiro.

A relação dessa formação discursiva com os demais níveis analíticos é exposta na Figura 3.

Figura 3 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 2



Fonte: Elaboração da autora (2023)

Essa formação discursiva, como fica visível a partir da Figura 3, faz relação com brio (R3) e identidade profissional (R4). Essas duas regras compartilham os critérios progressista (Mo6), progressismo (Co13), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6). Quanto aos critérios distintivos, brio (R3) é composta por autovalorização (Est3), ajustado (Mo1), expert (Mo3), fascinado (Mo4), interativo (Mo6), competência (Co3), processo criativo (Co4), cultura participativa (Co5), experiência digital (Co8), gestão de carreira (Co9), network (Co11),

comunidade (Obj2), conexão (Obj3) e criações (Obj4); e identidade profissional (R4) por autoafirmação (Est2).

Os critérios compartilhados expressam como o amor pela profissão reflete o desejo pelo campo e a identificação do sujeito com seu trabalho; nesse caso, evidencia ainda a estima pelo aspecto progressista do campo. Os critérios distintivos nos explicam como se diferencia o valor por si mesmo enquanto profissional pertence a uma área amada; a terceira regra (R3) expõem um orgulho pelas práticas do campo enquanto a quarta regra (R4) expõe sobre a possibilidade de enunciar suas verdades a partir desse amor, no caso, refletido enquanto uma autoafirmação enquanto progressistas.

4.2.2.1 Brio profissional

O brio (R3) profissional diz respeito ao lado vaidoso, o orgulho de si mesmo, e se expressa com a finalidade de exaltar seus êxitos (F5) e de posicionar-se politicamente com orgulho (F6). Essas funções possuem em comum os critérios autovalorização (Est3) e trajetória profissional (Obj6). De critérios singulares a **quinta função (F5)** é composta por autoidentificação (Obj1), ajustado (Mo1), expert (Mo3), fascinado (Mo4), interativo (Mo6), competência (Co3), processo criativo (Co4), cultura participativa (Co5), experiência digital (Co8), gestão de carreira (Co9), network (Co11), comunidade (Obj2), conexão (Obj3), criações (Obj4) e autoidentificação (Obj1) e a **sexta função (F6)** por progressista (Mo6) e progressismo (Co13).

A comunalidade de critérios ocorre uma vez que ambas funções tratam do orgulho que o profissional tem pelas atividades desenvolvidas durante sua trajetória profissional. Quanto aos critérios distintivos trata justamente da particularidade de cada função em que a quinta função (F5) expressa a estima nas práticas associadas ao trabalho (digitais, criativas e inovativas) e a sexta (F6) aborda o valor de si mesmo em se posicionar de forma progressista na profissão.

A função cinco (F5), que tem objetivo exaltar os êxitos, retrata vários aspectos do âmbito profissional que realizam com excelência. Essa função comporta os enunciados que abordam sobre como: a expertise os transformou (E02), o trabalho fornece estabilidade (E05), como a profissão os representa (E06), a sociabilidade faz parte de suas características (E09) e é necessária para a profissão (E08), a profissão requer conhecimentos específicos (E12), são criativos (E17), fazem o que gostam (E19) e o ambiente digital faz parte de suas trajetórias (E16), os favorecem (E11) e os profissionalizaram (E18).

As falas que apresentam a função de valorização dos próprios feitos profissionais (F5) possui como única estratégia a autovalorização (Est3) se dividem em duas vertentes: a que tratam da estabilidade financeira e a relacionada ao desenvolvimento de habilidades a partir de vivências profissionais e pessoais que envolvem a área digital, criativa e social.

A primeira vertente se refere a ganho de salários e a possibilidade de ascensão. Pertencente ao enunciado que aborda sobre a estabilidade permitida pela carreira (E05), as falas tratam da gestão de carreira (Co9) que os profissionais se ajustaram (Mo1) e desenvolveram durante suas respectivas trajetórias profissionais (Ob6). O fragmento abaixo sintetiza essa ideia:

[...] sinceramente assim é uma coisa que eu encontrei muito na questão de dinheiro também, assim sabe? [...] eu tô numa fase que eu não amo totalmente o design, mas eu acho que é uma fase que eu tô caminhando para chegar aonde eu quero chegar que é ilustrar [...] eu vejo que eu tô conseguindo fazer outras coisas na minha vida assim, sabe? Com a grana que ganhou hoje eu consigo ter mais oportunidade, consigo estudar, consigo viajar, consigo fazer outras coisas, sabe? Também, até comer melhor, em restaurante que eu gosto, coisas que eu não tive oportunidade [...] (Ent8)

Salários normalmente são salários bons [...] você tem uma ascensão de carreira relativamente alta se você desempenhar bem, enfim, tem vários fatores que podem influenciar isso, mas eu vejo que comparado com outras profissões, a ascensão de carreira em tecnologia é uma ascensão bastante rápida [...] hoje eu tenho possibilidade de consumir coisas que eu jamais imaginei poder consumir, de dar oportunidade para pessoas da minha família que eu jamais imaginei poder dar então impactou muito a minha vida em vários sentidos. (Ent11)

Em ambos trechos se evidencia a realização financeiras que foi possibilitada via carreira. Os profissionais expõem que seus ganhos financeiros atuais eram antes inimagináveis e que isso os possibilitou acessar bens de consumo mais onerosos. Cabe pontuar que na fala da E8 percebe-se que a profissão escolhida não é um sonho, ou seja, não faz parte de suas completamente de sua ambição/realização, contudo, frente a possibilidade de ganhos salariais e o acesso a bens de consumo prefere se ajustar.

No que se refere ao desenvolvimento de habilidades, os dados evidenciam que esse progresso ocorre tanto dentro do exercício de suas carreiras como na própria vivência pessoais. O desenvolvimento da competência profissional perpassa pelos conhecimentos requeridos pela profissão, acadêmicos, digitais, interpessoais e criativos.

O âmbito profissional digital abarca os enunciados que abordam como: a expertise os transformou (E02) e essa carreira os representa (E06). Esses enunciados nessa função, abordam, por um ponto de vista do expert (Mo3) que se autovalora (Est2) sobre o desenvolvimento de

competências (Co3) advinda da experiência digital (Co8) a partir das suas durante sua trajetória profissional (Obj6) e a autoidentificação (Obj1) por tecnologia.

O trecho abaixo evidencia tanto os enunciados quanto os sintagmas acima relacionados.

[...] eu fiz curso técnico de design quando eu tinha 14 anos [...] [o exercício profissional] me deixou mais observador nas coisas, principalmente quando eu tô vendo algum filme ou eu vejo alguma foto e tal. Eu passei a olhar mais que pros detalhes dessas coisas [...] eu consigo reconhecer quando eu vejo alguma coisa que foi editada, dá para reconhecer, quem trabalha na área consegue reconhecer com facilidade (Ent1)

O entrevistado 01, designer gráfico que utiliza as mídias para produções artísticas prossumerísticas desde a infância, desenvolveu suas habilidades técnicas (artísticas e digitais) na infância e continuou desenvolvendo durante o exercício de sua profissão. No fragmento de fala acima se nota uma melhoria de habilidades que os afeta em âmbito privado e profissional. Privado na medida em que se tornam “melhores amadores” e profissional na medida em que desenvolve suas capacidades úteis para o campo profissional.

De forma similar, compondo sintagma com critérios comuns, o enunciado E12, nessa formação, se refere especificamente a faceta que explora a questão sobre ser ou não essencial uma formação acadêmica para o exercício profissional. Os fragmentos abaixo correspondem a essas perspectivas do enunciado 12 e é composto pelos os critérios autovalorização (Est2), competência (Mo3), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6).

[...] não sou formado em nada, [...] nesse lugar de tecnologia, onde eu não precisei, lá atrás, por exemplo, fazer ciência da computação para tá fazendo que eu tô que eu tô fazendo agora, onde eu não precisei necessariamente aprender código, sentar para falar sobre linguagem natural e etc. e que, por exemplo, se eu soubesse programar seria um diferencial, seria um negócio assim, bom de ter, mas **isso não é um impeditivo hoje**, depois de toda essa experiência, para poder tá conversando em algum nível técnico com as pessoas, pra poder tá entendendo o que é a estrutura, o que é o framework, o que é o modelo pelo qual a galera desenvolve código, pensa linguagem de programação, e aonde essa galera, que é desenvolvedora, que é um bando de pedreiro digital. (Ent6)

[...] acho que peguei bastante do mestrado acho também, a comunicação [graduação] me ajudava muito na parte de interpretar um *briefing*, interpretar necessidades e de entregar aquilo que o *brief* está pedindo e na hora que aquilo que tu quer, separar mais a parte de sistematizar, acho que foi a parte mais do mestrado e aí também na parte prática. (Ent9)

Os fragmentos expressam a necessidade de conhecimentos específicos para a atividade profissional de formas distintas. Os profissionais precisam e conseguem dominar as ferramentas que utilizam e precisam disso para a atividade. Ainda assim, as opiniões referentes a forma de adquirir esses conhecimentos distinguem entre os entrevistados. Para Ent6 a falta de formação

acadêmica “nunca foi um impeditivo” já que todo conhecimento já está online; para Ent9, no entanto, tanto a graduação quanto o mestrado trouxeram conhecimentos fundamentais para exercício da atividade.

O âmbito profissional interpessoal é relativo aos enunciados que apontam sobre a transformação do profissional pela sua expertise (E02), a valorização da sociabilidade na carreira (E08), a sociabilidade como característica do profissional (E09) e como o ambiente digital o favorece (E11). O enunciado 09 nessa formação incide em E08 e E011 uma vez que a sociabilidade enquanto característica contribui para a compreensão de como isso os favoreceu profissionalmente em suas carreiras.

O trecho a seguir, retirado da entrevista 02, sintetiza os enunciados acima e os critérios competência (Co3), cultura participativa (Co5), network (Co12), interativo (Mo5), expert (Mo3), fascinado (Mo4), trajetória profissional (Obj6) e comunidade (Obj2).

Quando eu comecei a trabalhar nessa área a gente tinha um software [...] nessa época existia um fórum desse software que era o fórum que justamente é onde **eu aprendi boa parte das coisas que eu sei atualmente** e nesse fórum quando eu entrei tinha 400 usuários, desses 400 usuários tinha, sei lá, [...] tinha uns gatos pingados (risos) e esses gato pingado meio que de certa forma, se conheciam e quando a gente teve os o primeiro encontro assim dessa área [...] tava todo mundo lá. Então a gente se conheceu, todo mundo do brasil que tava nessa área, tava no mesmo lugar e a partir daí a gente criou um vínculo e participando de palestras, eventos juntos e atualmente a gente se acompanha né, vê o que cada um tá fazendo aí, por aí, pelo mundo. Mas, é isso! Foi através de basicamente da internet no começo que a gente fez essa rede. (Ent2)

O entrevistado 02 no fragmento acima fala com orgulho da capacidade de conectar os demais profissionais de uma área ainda em ascensão. No trecho completo o entrevistado expressa a formação de amizades e a capacidade de desenvolver essas conexões de forma física e digital. Evidencia ainda a construção de conhecimento e encontros coletivos proporcionados pela socialização no ambiente digital (fóruns de software).

As vivências criativas também são questões de orgulho para entrevistados. O eixo relativo às questões criativas é representado pelos enunciados que abordam acerca de como os profissionais: se sentem presentados pelo que fazem (E06), são criativos (E17) e trabalham no que gostam (E19). O trecho a seguir representa os enunciados mencionados e é composto pelos critérios autovalorização (Est2), fascinado (Mo4), expert (Mo3), processo criativo (Co4), criações (Obj4) e autoidentificação (Ob1).

[...] a programação ela é incrível porquê você tá criando um negócio só que você não precisa de nenhum material, você não tem matéria prima, [...] ele é virtual ne, você tá criando uma coisa virtual mas [...] ela tem a mesma a mesma presença no mundo do que qualquer coisa física porque os computadores estão em toda parte ne, você vai publicar o teu trabalho na internet, as outras pessoas

vão poder usar [...]. Então isso é muito atrativo, então eu diria que a programação realmente solidificou assim esse aspecto da minha personalidade de querer criar coisas, de querer... criar! (Ent14)

O relato acima sintetiza o quão fascinados se sentem com suas criações. O ambiente virtual possibilita múltiplas possibilidades de criação que, para os profissionais, é vista como atrativo e deslumbrante. A criação digital, sendo tanto parte do trabalho quanto algo surpreendente, é digno do amor dos entrevistados.

O desenvolvimento de habilidades no âmbito pessoal, realizados sem o intuito profissional, revela as experiências digitais que tornam os profissionais cada vez mais experts, mas não foram desenvolvidas apenas na e para a prática laboral em si. Os enunciados que abarcam mais precisamente o desenvolvimento de competências dos entrevistados no ambiente digital no âmbito privado nessa função são os que abordam sobre como a experiência digital os profissionalizou (E18) e sempre presente na trajetória (E16). Nesse caso, a vivência desde a infância com o ambiente digital (E16) contribui para explicar o porquê se profissionalizou nesse ambiente (E18), ou seja, E16 incide em E18.

O fragmento de fala abaixo retirado da entrevista 11 se refere aos enunciados mencionados acima e forma um sintagma com os critérios autovalorização (Est2), expert (Mo3), competências (Co3), autoidentificação (Obj1) e conexão (Obj3).

[...] fui programando, no começo esse hype de ver o robô fazendo o que eu queria, de ter esse retorno legal, depois um pouco de reconhecimento também foi massa [...] como eu falei ne, a gente foi campeão brasileiro [de robótica] e aí por causa disso eu tive a chance de representar P***** no campeonato nacional, eu nunca tinha tido uma chance de viajar de avião e aí de repente ele tava indo lá, o pessoal do colégio "eita, parabéns, não sei o que" e tal e aí tá indo com a equipe viajar para São Paulo, levando nosso robô e conhecendo outras equipes lá. (Ent11)

Os entrevistados valorizam as conquistas adquiridas através do seu desenvolvimento técnico digital.

Para finalizar o brio (R3) do profissional cabe ainda pontuar a relação dessa regra com a função que objetiva pontuar posição política (F6). Essa função associada a essa regra trata do orgulho em estar em uma área progressista. Diferente do que ocorreu na primeira formação (FD1) - em que os entrevistados apontavam o aspecto conservador da área – aqui nessa formação a área profissional é vista com um campo que permite um impacto social positivo e possibilita inclusão e diversidade, se caracterizando enquanto ambiente progressista.

Essa perspectiva é vista pelo enunciado que expressa como as convicções moldam a forma que os entrevistados conduzem suas carreiras (E03) e forma um sintagma composto por

autovalorização (Est2), progressista (Mo6), progressismo (Co13) e trajetória profissional (Obj6).

Esse enunciado formado por esse sintagma é exemplificado pelo relato a seguir:

[...] as empresas de tecnologia têm alguns pequenos **avanços progressistas** em relação a outras carreiras. Como a gente [tem] um **apoio a diversidade**, hoje eu tenho a chance de trabalhar no meu time com pessoas trans, com pessoas negras, eu tenho mulheres que são líderes, não só no meu time atual, mas no C**** também, minha primeira gerente foi uma mulher. Enfim, a minha gerente atual é uma mulher, a diretora da fundação é uma mulher, a gente tem algumas vantagens em relação a outras carreiras mais consolidadas onde toda a gerência são homens brancos fazendo piadinhas, enfim. (Ent11)

Eu guardo muitas preocupações onde num contexto onde menos da metade das pessoas por exemplo no contexto do Brasil tem acesso a um dispositivo próprio pessoal com acesso à internet [...] é inquestionável para mim como propósito que a internet mudou a minha vida e que a visão depois da internet é **ajudar a fazer com que web3 e esse futuro da internet também possa mudar a vida de outras pessoas de uma maneira mais acessível**, sabe? [...]. Então, quando eu penso nesse lugar do que a profissão traz para mim (pensando [que] esse lugar mudou na minha vida e etc.) eu sinto muita tranquilidade porque o meu papel é como se fosse **o papel de ajudar a despertar as pessoas** pra esse movimento depois desse estado de choque, negação para transformação tecnológica na vida e na carreira dela, e tornar mais acessível tornar isso menos chocante, tornar isso menos distante delas. (Ent6)

Os profissionais sentem orgulho de poder contribuir para a melhoria social uma vez que participam de um campo de trabalho que os representa. Seus respectivos trabalhos fazem parte de um processo de transformação social que atende seus posicionamentos ético, onde se vê inclusão e a possibilidade de causar um impacto positivo com suas inovações.

4.2.2.2 Posicionamento político

A identidade profissional (R4) se refere ao que os profissionais buscam, se identificam e gostam. Associado a essa formação discursiva, essa regra se vincula a função de expressar posicionamento político (F6). Essa função aporta os enunciados que tratam como expertise transformou os profissionais (E02), como as convicções alteram a forma como conduzem suas carreiras (E03) e como a profissão representa (E06), nesse caso, a perspectiva política desses profissionais. Vale pontuar que os enunciados E02 e E03 incidem em E06, ou seja, a questão de os profissionais serem representados por suas profissões é explicado pelas suas transformações (E02) e suas convicções (E03).

Os relatos abaixo são formados pelos critérios autoafirmação (Est2), progressista (Mo6), progressismo (Co13), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6). Ambos relatos

compõem o enunciado E06, contudo, o primeiro diz respeito também ao enunciado E02 e o segundo ao enunciado E03.

Ela me transformou muito assim, eu era uma outra pessoa [...] eu vinha de uma escola de escolas onde os princípios morais também são questionáveis [...] menos libertária, digamos assim né? [...] quando eu comecei a trabalhar com audiovisual, foi uma hora que eu comecei a entender os povos indígenas, eu comecei a entender os povos quilombolas, eu comecei a entender o que que é arte cênica representa para a sociedade, o que que a música faz [...] então acho que o audiovisual me transformou nesse sentido de conseguir olhar a sociedade me entender dentro dessa sociedade e aonde que eu posso colaborar dentro dela, né? [...] o audiovisual, a faculdade de jornalismo, o audiovisual me possibilitou uma transformação muito radical mesmo assim de, por exemplo, de me entender como uma pessoa **politicamente virada para esquerda** [...]. Me transformou muito assim, acho que eu sou hoje um pouco fruto disso né? Da faculdade e de trabalhar com audiovisual. [...] a minha escolha ela me impactou nisso assim, ela me transformou me transformou realmente em uma outra pessoa, uma pessoa que consegue ter mais empatia pelo próximo, que consegue entender mais os processos das pessoas, que conseguem entender aqui do outro lado também existe uma história, que também do outro lado existe, é necessário ouvir e respeitar, enfim. Então eu acho que é isso, ela me impacta nisso ela me transforma numa pessoa que tem essa capacidade de participar da sociedade de forma diferente. (Ent12)

[...] eu sou indígena, então, no cinema, a gente vê muitas narrativas indígenas sendo encontrada pelo olhar do branco né? Então isso era uma coisa que para mim era interessante. Pô, eu vou poder ter a oportunidade de contar as minhas próprias narrativas e contar narrativa de outras pessoas indígenas. [...] você, quando você trabalha com cinema, você também tem que aprender a se posicionar politicamente por ele ser inerentemente uma ferramenta política por excelência. (Ent5)

Os fragmentos do arquivo retratam como as questões éticas de cunho político afetam os profissionais tanto em sua jornada quanto em suas escolhas e posicionamentos em relação as práticas profissionais. O fragmento da entrevista 12 expõe a transformação do entrevistado que inicia em um ambiente com “princípios morais questionáveis”, “menos libertários” e durante sua carreira, seja no exercício da profissão ou na academia, a perceber-se enquanto uma pessoa de esquerda, que defende as causas das minorias sociais. O segundo relato, retirado da entrevista 05, expõe deliberadamente o espaço profissional como um local de posicionamento político, em especial, em relação a produção artística, no caso, o cinema.

4.2.3 Cuidado pela profissão

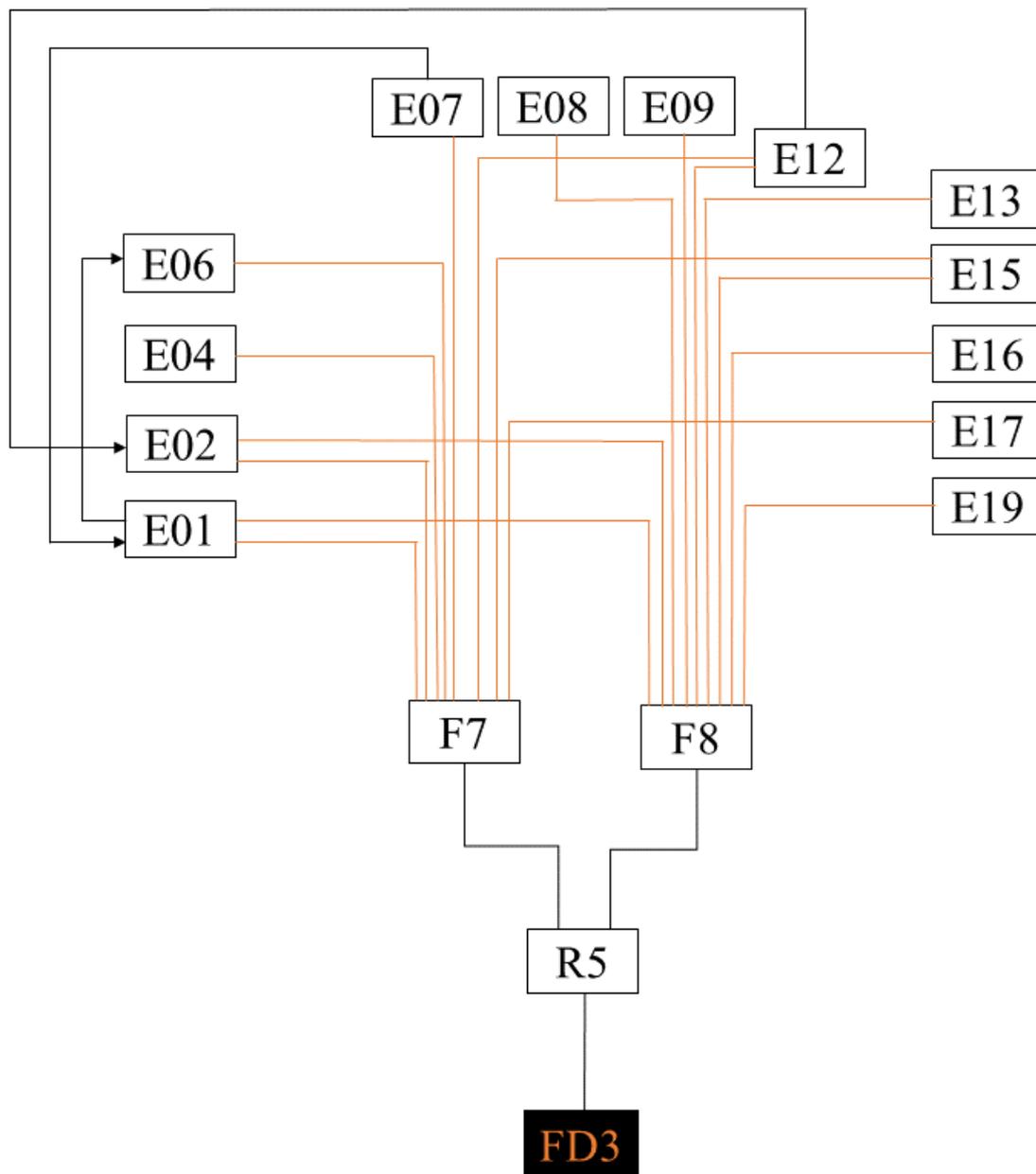
Essa formação trata da persistência para entrar, permanecer e ascender na carreira, do trabalho que exercem sobre si a fim de desenvolverem habilidades profissionais. O cuidado significa labor, o trabalho que realizam sobre si para aperfeiçoarem, conhecerem a si mesmos

e buscar uma vida bela. Essa formação se refere ao cuidado no que se refere a ascensão e permanência em seus respectivos ofícios. Essa formação representa empiricamente a luta constante para atingirem seus objetivos profissionais, o esforço que empenharam para seguirem suas trajetórias. Se refere ao gerenciamento e planejamento das suas carreiras, envolvendo, portanto, o trabalho de manutenção e melhoria de si no âmbito profissional.

Conceitualmente a formação discursiva trata do cuidado de si que diz respeito a ocupar-se de si mesmo, o cuidado com o corpo e com a alma (FOUCAULT, 2005, 2006, 1998, 2004a, 2004b, 2006; DREYFUS, RABINOW, 1995). É o trabalho que o sujeito exerce sobre si; trabalhos esse que advém de práticas constituídas culturalmente. Cabe pontuar que o cuidado, é uma tecnologia de si, contudo, aqui se trabalha a perspectiva das práticas de si inseridas na ideia da cultura de si, em que as técnicas são realizadas em prol de uma arte da existência, *techne tou biou*.

A Figura 4 torna visual os feixes que essa formação forma com as regras, funções e enunciados.

Figura 4 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 3



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Essa formação discursiva é composta apenas pela regra que aborda sobre a luta constante para atingirem os objetivos, a perseverança (R5) dos profissionais, e é composta pelas funções que buscam evidenciar a aspiração (F7) e ambição (F8) do profissional. As funções têm como critérios em comum: obstinação (Est5), expert (Mo3), fascinado (Mo4), competência (Co3), processo criativo (Co4), hub (Co10), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6). Quanto aos critérios particulares, aspirações (F7) abarca ajustado (Mo1), autoimagem (Co1), auxílio (Co2), eudaimonia (Co7), conexão (Obj3), criações (Obj4) e dificuldade (Obj5); e ambições (F8) amador (Mo2), interativo (Mo5), gestão de carreira (Co9), network (Co12), comunidade (Obj2).

As comunalidades e particulares dos critérios entre as funções evidenciam o porquê de estarem reunidas em uma mesma formação discursiva, pois se referem ao esforço que os sujeitos exercem para melhorarem a si mesmos, e o porquê expressas regularidades distintas. Tendo isso em vista, cabe lembrarmos que essas duas funções se diferem sobretudo pela presença do sujeito; ambição (F8) indica unicamente o profissional (Suj4) e empreendedor (Suj1) enquanto em aspiração (F7) são formados majoritariamente pelo sujeito singular (Suj5) e profissional (Suj4). Isso significa dizer que a aspiração se volta para as mudanças relacionadas a vida privada enquanto ambição se direciona mais expressivamente sobre o movimento profissional que percorreram. Vale pontuar brevemente que esses sujeitos estão aqui próximos pois os desejos pessoais e profissionais não estão dissociados, estão conectados; os objetivos de vida e evolução pessoais se referem também as conquistas que vão alcançar (e estão alcançando) em âmbito profissional.

A função que objetiva evidenciar as aspirações profissionais (F7) é composta pelos enunciados que tratam de adaptação na jornada profissional (E01), transformação em razão da expertise (E02), motivação familiar (E04), sentimento de representação quanto a escolha profissional (E06), a importância do direcionamento na carreira (E07), os conhecimentos específicos exigidos pela profissão (E12), a atração pela inovação (E15) e a criatividade como parte dos profissionais (E17).

O enunciado que trata como a família motivou a estar na profissão (E04) nessa formação aborda sobre o suporte que puderam fornecer as suas famílias em razão de suas escolhas profissionais. O fragmento abaixo, composto pelos critérios obstinação (Est), ajustado (Mo1), auxílio (Co2) e trajetória profissional (Obj6), representa o enunciado 04 e sintetiza a ideia:

eu sei que eu preciso de dinheiro porque eu tenho gente que precisa de mim [...] [hoje] eu consigo comprar um apartamento para minha mãe morar, hoje eu consigo dar para minha mãe a chance de ir em restaurante que a gente nunca imaginou de ir [...] (Ent11)

O entrevistado expressa que tem pessoas que necessitam dele, em razão disso ele escolhe sua carreira e busca fortemente ascender profissionalmente para que possa contribuir cada vez mais com seus familiares.

O enunciado que se refere aos conhecimentos específicos exigidos pela profissão (E12) nesse eixo (função – regra – formação), trata especificamente sobre a entrada tardia na área que envolve um processo de autoconhecimento e busca pelo que gosta. O fragmento a seguir reflete esse enunciado e é formado pelos critérios obstinação (Est5), amador (Mo2), eudaimonia (Co7) e trajetória profissional (Obj6).

E aí de um tempo para cá [...] eu comecei o processo de terapia, que aí mudou também a entender assim, mas agora falo que eu trabalho com o que eu gosto de fazer, e aí isso muda meu dia a dia, muda minha vida [...]. Então agora [estou] descobrindo o que eu gosto de fazer, eu vou descobrindo outros caminhos também, por exemplo eu trabalho com design gráfico, tem muita coisa que eu não acho legal de fazer várias vezes, uma apresentação corporativa e tal, só que dentro do design eu consigo ir para ilustração que aí eu vejo que é um lugar que eu me encontro e aí eu vou buscando, vai estudando outras coisas. (Ent8)

O relato acima evidencia que a trajetória profissional também é definida pelas questões relativas ao conhecer a si mesmo e entender quais são as possibilidades possíveis. É um processo constante de conhecer a si mesmo, de compreender aquilo que se gosta, a luta incansável pela satisfação.

Os enunciados se referente a adaptação (E01), sentimento de representação pela profissão (E06) e a importância do direcionamento (E07) apontam também aspectos que tiveram que enfrentar durante suas jornadas relacionados aos seus sentimentos. Os fragmentos abaixo revelam essa perspectiva sendo que o primeiro contempla o E06 e E01 e forma sintagma com os critérios expert (Mo3), autoimagem (Co1), dificuldade (Obj5) e trajetória profissional (Obj6); e o segundo contempla E07 e porta os critérios: fascinado (Mo4), hub (Co10) e dificuldade (Obj5). Cabe pontuar ainda que E01 incide em E06 e é incidido por E07.

E aí tive que passar muita barra assim, passar muito tempo deprimido, triste, sem dinheiro, sem perspectiva, mas ainda assim criando, sabe? Ainda assim insistindo..., é loucura né? Eu acreditava muito que ia dar certo uma hora, tipo eu não tinha nenhum indício que ia dar certo porque tava tudo dando errado, mas eu ficava lá ficava criando, estimulando a imaginação e sonhando muito, né? Por que é muito sobre o sonho também a criação; se a gente não sonha, a gente não cria, não pensa outra perspectiva, essa outra possibilidade de invenção né? É sempre uma invenção também. (Ent4)

[...] logo no início eu me sentia meio que sozinho (risos) desbravando um mundo totalmente novo sem apoio, sem ninguém para poder conversar a não ser essas conexões internacionais que a gente foi tendo que fazer ao longo dos anos e isso, de certa forma, me deixou um pouco mais, digamos assim, individualista talvez, individualista assim... (Ent2)

Os relatos evidenciam os contratempos que os profissionais enfrentam na busca de legitimar seu trabalho ainda que sem apoio, participação e interação com movimentos inovativos e criativos, onde passam a “sonhar sozinhos”.

Essa persistência em busca de realização também é percebida também na transformação (E02), na atração pela inovação (E15) e na característica criativa (E17) desses profissionais. O primeiro a seguir relato se refere aos enunciados E02 e E15 e é composto pelos critérios obstinação (Est5), expert (Mo3), fascinado (Mo4), competência (Co3), autoidentificação (Obj1)

e trajetória profissional (Obj6); já o segundo relato se refere ao enunciado (E17) e evidencia a questão da criatividade como sendo um trabalho, uma prática constante com método e treino e não um dom divino. Esse segundo fragmento de fala é composto por obstinação (Est5), amador (Mo2), expert (Mo3), competência (Co3), processo criativo (Co4) e criações (Obj4).

tive que fazer mestrado e acho que muito na prática de ir atrás e resolver problemas e através desses programas [de design] tu vai ganhar mais experiência [...] o designer se forma no laboratório e se forma com a mão na massa [...] então o designer tem que resolver problemas, tem que estar acostumado a não saber o final do projeto, e acho que se fala muito mesmo da prática [...] dessa parte do design. A parte de poder projetar e organizar sistematicamente um problema, quebrar ele em etapas menores e nessa visão sistêmica eu acho que isso é bem importante, [...] separar mais a parte de sistematizar acho que foi a parte mais do mestrado e aí também na parte prática. (Ent9)

[...] a criatividade ela me acompanha sempre assim esse diário é um músculo que a gente vai exercitar todo dia assim, a gente vai aprimorando e consegue chegar em algum lugar eu acho. [...] criar para mim, como eu falei, é quase uma necessidade fisiológica (Ent4)

As habilidades criativas e inovativas não são adquiridas facilmente, mas sim através de um trabalho constante, um exercício que permite que esse “músculo” possa se desenvolver. Se acostumar a “não saber o final do projeto” (Ent9), “projetar e organizar sistematicamente um problema” (Ent9), e ‘músculo criativo’ (referente ao Ent4) são exercícios sobre si que são trabalhados fora e dentro do exercício profissional e garante a boa execução dos trabalhos.

A função que objetiva evidenciar as **ambições do profissional (F8)**, se relaciona com os enunciados que abordam acerta da adaptação (E01), transformação (E02), sociabilidade na perspectiva profissional (E06) e como característica pessoal (E09), conhecimentos específicos da profissão (E12), individualização do gerenciamento de carreira (E13), atração pela inovação (E15), experiência digital na trajetória do entrevistado (E16) e o apreço pelo trabalho (E19).

O relato a seguir do entrevistado Ent2 consegue abarcar todas os enunciados acima relacionados. Esse fragmento comporta os critérios obstinação (Est5), expert (Mo3), fascinado (Mo4), interativo (Mo5), competência (Co3), processo criativo (Co4), hub (Co10), gestão de carreira (Co9), network (Co12), comunidade (Obj2), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6).

[...] eu tive, na verdade, [que] ser muito cabeça dura ne, porque **na faculdade não tinha apoio nenhum [...]. Essa área tecnológica em arquitetura não existia**, era realmente algo muito, muito fora da do radar [...] tive muita dificuldade porque eu queria experimentar esse tipo de arquitetura mais livre mais feito através de programação, tudo o mais, e eu reprovei algumas vezes (risos) tentando fazer projetos mais diferentes. Então..., mas isso me motivava porque na minha cabeça se eu já tinha o diagnóstico de que a aquela

metodologia da faculdade estava defasada com relação ao pensamento global, **se eu fosse me adaptar a ela eu estaria**, de certa forma, **dando um tiro no pé** e estaria bem difícil sair da faculdade e me colocar dentro dessa realidade que estava totalmente diferente. Então eu sabia que eu não ia ter esse suporte metodológico, teórico, de professores ali e aí eu parti pra internet realmente, de fato, e quando eu tive condições, eu comecei a sair, fui pra São Paulo **participar de workshops internacionais para tentar tá junto das pessoas que realmente estavam pensando igual** e estavam participando dessa mudança assim mais global e então, durante a faculdade o desafio foi esse. Quando eu sai da faculdade o desafio foi tornar isso viável do ponto de vista da realidade brasileira [...] trabalhar com tecnologia em uma área que não existe mercado, não existe nada assim, então... eu acho que o grande desafio foi primeiro **criar valor a esse tipo de metodologias e tecnologias para o mercado que não existe**, depois mostrar de certa forma como é possível trabalhar isso, então, logo no início boa parte das coisas que eu fiz foram experimentais assim foram para mostrar realmente que é possível. (Ent2)

O fragmento evidencia a relação do entrevistado com a inovação e o empreendedorismo. O entrevistado narra que teve que ser persistente para alcançar seus objetivos. A falta de apoio gerou nele uma motivação, uma não aceitação da realidade, e sim uma luta para “criar valor” para suas invenções. Ele deve teve que replanejar os passos de sua carreira e logrou a partir da construção de redes de relacionamento que possibilitou a expansão de suas ideias/negócios.

A fim de evidenciar facetas do enunciado relativo aos conhecimentos necessários a profissão (E12) os fragmentos abaixo exploram a questão da aprendizagem constante no trabalho e a exigência do domínio técnico para execução da atividade. Eles são compostos pelos critérios obstinação (Est5), competência (Co3), expert (Mo3) e trajetória profissional (Obj6). Vale pontuar ainda que a pratica constante influi em suas transformações, ou seja, E12 incide em E02.

[...] durante alguns anos eu estudava todos os dias mesmo, de domingo a domingo; final de semana às vezes estudava um pouco menos, mas não deixava de estudar, sabe? (Ent3)

[...] eu acho que é um pouco de tudo, mas sem a técnica você meio que não faz nada. Sem o mínimo de técnica, principalmente na área de publicidade que é muito exigente [...] enfim, uma transição tem que ser certinha, se ela tem quatro frames a mais é uma coisa complicada, então você tem que ter um domínio técnico muito grande (Ent10)

Em razão das suas profissões estarem inseridas no universo tecnológico, as mudanças são constantes e aceleradas. O aprendizado deve sempre sendo ser renovado e atingir o domínio da ferramenta (caso seja possível). Esse contexto, de constante mudança de ferramentas associada a obrigatoriedade de um grande conhecimento técnico, evidencia um conjunto de práticas que os profissionais, por desejo, realizam em si em prol de serem excelentes no que exercem.

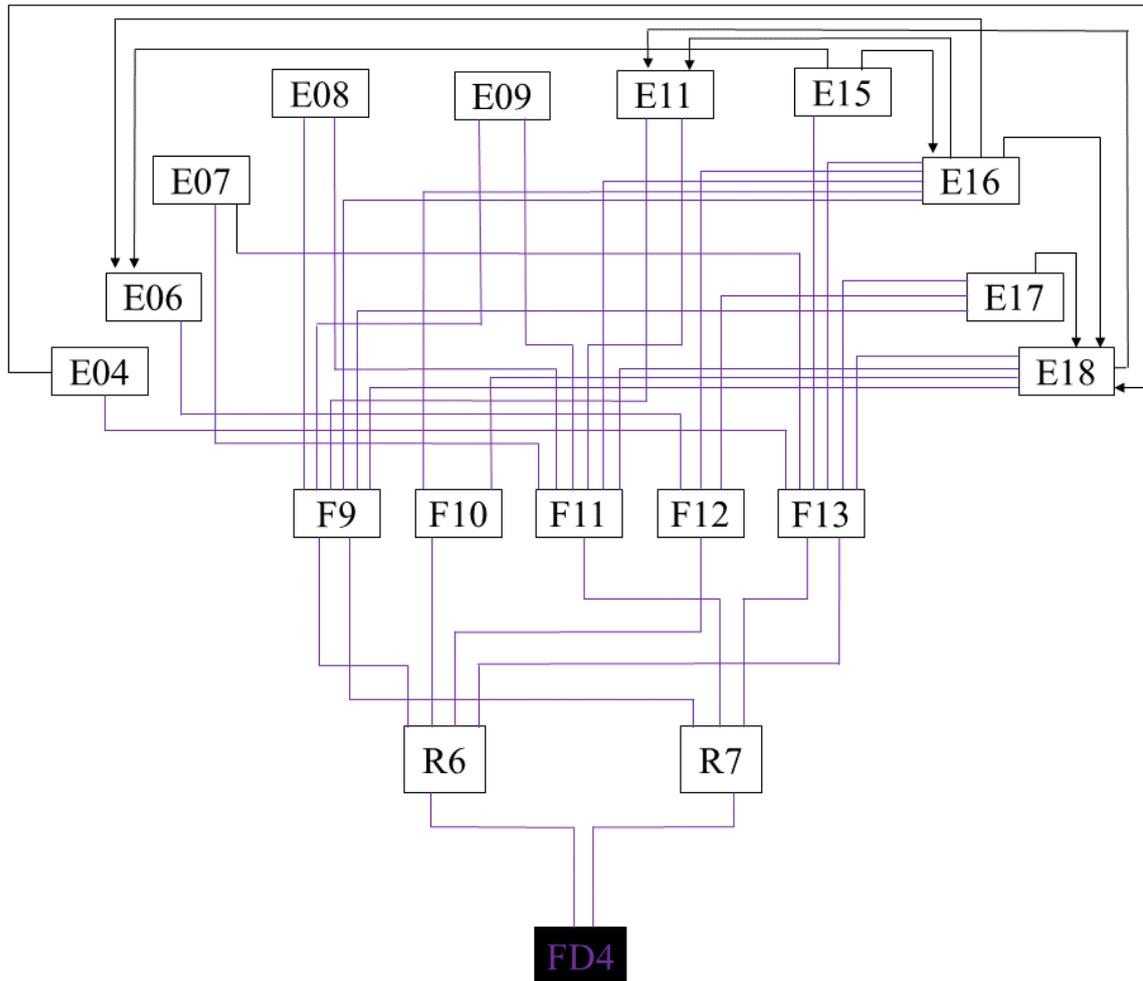
4.2.4 Tecnologias do profissional

Essa formação revela práticas que o sujeito exerce sobre si que estão relacionadas ao universo profissional. Essas tecnologias se referem a atividades que compõe parte de sua subjetividade, práticas realizadas por interesse e não por fins profissionais. Essa formação aponta o entusiasmo dos profissionais em executar atividades relacionadas a profissão, mas performadas especialmente fora do ambiente laboral. Trata do deleite em desenvolver atividades digitais e criativas por desejo e não por ofício.

Conceitualmente essa formação diz respeito as tecnologias de si. As tecnologias de si se referem ao conjunto de práticas que constroem o sujeito. Práticas que carregam as verdades (DREYFUS, RABINOW, 1995) em que o sujeito se constituindo frente si mesmo (FOUCAULT, 2005). São esquemas, estruturas de comportamento socialmente construídas que se alteram ao longo dos períodos históricos e reflete uma cultura da sociedade ou de um grupo (FOUCAULT, 2004a). Frente ao ‘código social’ o sujeito realiza as técnicas de formação de si mesmo (FOUCAULT, 2016).

Os eixos que ligam os enunciados, regras e funções a formação discursiva referente as tecnologias de si ficam evidentes na Figura 5.

Figura 5 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 4



Fonte: Elaboração da autora (2023).

A quarta formação discursiva (FD4) abarca as regras que dizem respeito ao amadorismo (R6) e a alteridade (R7). Essas duas regras têm como critérios comuns enaltecimento (Est4) e conexão (Obj3). Quanto aos critérios particulares de cada regra, o amadorismo (R6) representa amador (Mo2), competência (Co3), processo criativo (Co4), eudaimonia (Co7), experiência digital (Co8), prosumerização (Co14), autoidentificação (Obj1) e criações (Obj4); e alteridade (R7) evidencia os critérios fascinado (Mo4), interativo (Mo5), auxílio (Co2), cultura participativa (Co5), network (Co12), sociação (Co15) e comunidade (Obj2).

Os critérios compartilhados entre as regras expõem justamente que essa formação trata sobretudo da adoção de práticas dentro do universo digital, um enaltecimento da conexão virtual. As diferenças entre as regras se referem ao aspecto criativo e social, ambos associados aos dispositivos eletrônicos. Enquanto amadorismo (R6) diz respeito a vivência digital-criativa, a alteridade (R7) se refere a vivência sócio-digital.

4.2.4.1 Amadorismo como tecnologia do profissional

O amadorismo (R6) tem como funções valorizar vivências digitais (F9), expressar envolvimento com o trabalho (F10), manifestar interesse pela profissão (F12) e enaltecer inspirações (F13). Por haver mais de duas funções nessa regra, a tabela foi utilizada como um recurso para evidenciar os critérios singulares e os compartilhados entre as funções. Assim, a Tabela 3 registra os critérios das funções presentes na regra amadorismo (R6).

Tabela 3 - Critérios das funções presentes em Amadorismo (R6)

CRITÉRIOS	F9	F10	F12	F13
Enaltecimento (Est4)	X	X	X	X
Amador (Mo2)	X	X	X	X
Autoidentificação (Obj1)	X	X	X	X
Criações (Obj4)	X	X	X	X
Processo criativo (Co4)	X		X	X
Experiência digital (Co8)	X		X	X
Prossumerização (Co14)	X		X	
Competência (Co3)	X			X
Conexão (Obj3)	X			X
Eudaimonia (Co7)		X		X

Fonte: Elaboração da autora (2023)

A comunalidade entre as funções evidencia os critérios fundamentais para formação da regra, um indivíduo que valoriza sua posição de amador e busca efetivar seu interesse a partir de suas criações. Não há critérios isolados, sozinhos em uma função. Isso expõe a sobreposição de critérios entre essas funções e indica associação entre as funções, isso é, ocorrem próximas uma à outra. A valorização da vivência digital, por exemplo, ocorre simultaneamente à manifestação do interesse pela profissão. Isso ocorre uma vez que as práticas profissionais ocorrem, em grande parte, no ambiente digital; então, na medida em que eles enaltecem a vivência nesses espaços, expressam o quão interessados sentem em participar também como profissional por meios das suas práticas.

Nessa regra, tratando especificamente na nona função (F9), que tem por objetivo valorizar vivências digitais, comporta os enunciados em que os entrevistados apontam como a criatividade é parte de sua característica (E17) e como o ambiente digital: os favorece (E11), sempre esteve presente na trajetória (E16) e os profissionalizaram (E18).

O trecho exposto a seguir, retirado da a nona entrevista, representa o sintagma que reúne todos os enunciados citados e é composto pelos critérios enaltecimento (Est4), amador (Mo2), prossumerização (Co14), experiência digital (Co8), conexão (Obj3) e criações (Obj4). Esse trecho evidencia ainda facetas dos enunciados em os entrevistados revelam que se apropriam e utilizam o ambiente digital para si mesmos (E11), que se divertem utilizando tecnologias

digitais, que os jogos fizeram parte de suas trajetórias (E18), que gostam de criar conteúdo utilizando tecnologia, que tem acesso à tecnologia desde a infância (E16) e que se divertem produzindo materiais baseados no próprio consumo (E17).

Desde 10 anos, jogando videogame assim, eu queria ser um *game designer* desde que tive computador, com sei lá, 7 anos, 6 anos [...] o jogo demanda né, tem que, sei lá, instalar um jogo pirata, tu tem que craquear um negócio, tem que abrir arquivo de texto, tem que entender de hardware, tem que entender software, às vezes a gente modificava um joguinho, aí tu usava o *photoshop* pra modificar determinado rosto de determinada personagem, tu acaba entendendo né, o funcionamento do computador e entrando em contato com diversos softwares por causa disso né. [...] também era uma cultura do tipo “aprende e te vira”. (Ent9)

A utilização do ambiente digital para fins não profissionais possibilitou a aproximação com o universo tecnológico. O entrevistado expõe que para participar desse espaço, necessitou compreender como utilizar esse ambiente passando a aprender sobre o funcionamento de softwares e hardwares. Esse trecho sintetiza a ideia do *do it yourself* que é presente na comunidade de programadores onde eles devem fazer por eles mesmos que expressa tanto um movimento determinado pela agência do sujeito quanto a individualização na execução e desenvolvimento de projeto “tecnocriativo”.

Vemos, pois, que as práticas realizadas no ambiente digital em forma de lazer fornecem conhecimentos adquiridos a partir das próprias vivências nesse espaço. Movidos pelos seus interesses, os entrevistados absorvem competências que serão utilizadas no ambiente profissional. Nesse sentido, passam a expressar o quão estão envolvidos com o trabalho (F10).

Em relação a décima função (F10) vemos falas que se referem ao ambiente digital que sempre esteve presente (E16) e os profissionalizaram (E18). O fragmento abaixo, retirado da décima entrevista, representa os enunciados mencionados nessa função e expõem os critérios enaltecimento (Est4), amador (Mo2), eudaimonia (Co7), autoidentificação (Obj1) e criações (Obj4). O trecho expõe ainda ideias específicas dos enunciados. Para o décimo oitavo enunciado (E18) trata como o hobby se tornou um trabalho e com relação ao décimo sexto enunciado (E16) expõe como a vivência digital influenciou a escolha profissional, os deixaram mais familiarizados com as ferramentas profissionais e o autodidatismo.

Então ali [serigrafia dos pais] foi o começo assim da minha relação com a tecnologia [...] tive bastante contato com o computador e com arte finalista [...] desde muito pequeno tinha um computador que [não] era da casa, mas era da serigrafia [...]. Eu ajudava minha mãe, assim, eu via ela mexendo e aí eu ajudava ela a... assim, eu tinha interesse no que ela mostrava [...] não tinha internet, não tinha possibilidade de jogo aí eu abria o *corel*, ficava desenhando aí descobri umas coisas, fazia um desenho aqui e ali, brincando mesmo assim, tipo, fazendo *doodles* sabe? Assim... brincando. [...] aí a partir daí eu fui

evoluindo, fazendo mais coisas mais difíceis. Tinha... serigrafia tem que vetorizar ne, você sabe o que é vetorizar? [Explica o processo de vetorização] [...] eu comecei fazendo muitos isso por que é um trabalho muito chato dependendo do desenho, eu gostava de fazer, fui fazendo, fui fazendo e aí... **faço até hoje né porque é o mesmo princípio da máscara de qualquer photoshop, de qualquer programa.** Eu acho que foi nisso assim, foi nessa brincadeira e ajudando meus pais. (Ent10)

O relato deixa evidente o interesse e o divertimento em realizar funções que hoje fazem parte de suas atividades laborais. Esse fragmento resume o vivenciado pelos entrevistados que, por meio da utilização de mídias, se aproximam das ferramentas profissionais e aprendem a usar os softwares por lazer.

A função que tem por finalidade manifestar do interesse pela profissão (F12), nessa regra, se relaciona com os enunciados em que os entrevistados abordam como a profissão os representa (E06), como a vivência digital sempre esteve presente (E16) e como a criatividade faz parte de quem são (E17). O trecho a seguir sintetiza os enunciados e evidencia os critérios enaltecimento (Est4), amador (Mo2), prossumerização (Co14), experiência digital (Co8), processo criativo (Co4), autoidentificação (Obj1) e criações (Obj4).

Eu sempre tive uma enorme afinidade com criação de conteúdos no mundo digital, assim, na minha na minha época de escola isso esteve muito presente, eu organizei, fiz na época, a gente não sabia que tinha nome, mas eu era youtuber lá em 2006, 7, 8, fazendo essas coisas e produzindo (Ent6)

Antes de se tornarem profissionais, os entrevistados criam conteúdos digitais movidos pelo desejo de criar materiais que possam ser veiculados no universo digital. A identificação com a área se expande gradualmente a partir da adoção de práticas profissionais.

Finalmente, as falas que tem como objetivo enaltecer inspirações (F13) se referem aos enunciados que tratam sobre a atração pela inovação (E15), a vivência digital constante (E16), a criatividade como característica (E17) e a profissionalização através da vivência digital (E18). A fala a seguir, retirada da entrevista 05, explora os enunciados mencionados e representa os critérios enaltecimento (Est4), amador (Mo2), processo criativo (Co4) e autoidentificação (Obj1).

E aí [me] encontrei na gravação em cinema, aí eu falei "pronto, é isso" tipo, muito do que eu tinha interesse de entender, de atuar, eu me identifiquei. [...] era uma coisa que eu me identificava muito, porque eu podia criar, eu aprendia, de forma muito rudimentar também [...] mexer nos equipamentos, mexer numa câmera, editar um vídeo [...] (Ent5)

A escolha da trajetória reflete suas aspirações profissionais. O desejo de estar nessa carreira parte da identificação com a profissão, onde enaltecem a área e querem pertencer a ela. As tecnologias da profissão se inserem as tecnologias de si desses sujeitos.

4.2.3.2 Alteridade como tecnologia do profissional

A alteridade (R7) é composta por falas que tem por fim valorizar vivências digitais (F9), revelar a formação do sujeito social (F11) e enaltecer inspirações (F13). Os critérios semelhantes e distintivos são evidenciados na Tabela 4.

Tabela 4 - Critérios das funções presentes em Alteridade (R7)

CRITÉRIOS	F9	F11	F13
Enaltecimento (Est4)	X	X	X
Fascinado (Mo4)	X	X	X
Conexão (Obj3)	X	X	X
Interativo (Mo5)	X	X	
Comunidade (Obj2)	X	X	
Sociação (Co15)		X	X
Cultura participativa (Co5)	X		
Network (Co12)		X	
Auxílio (Co2)			X

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Os critérios semelhantes para todas as funções exploram a valorização da profissão em razão da mesma pertencer ao universo digital. As falas que abordam as interações interpessoais, explorado pelos critérios comunidade (Obj2) e interativo (Mo5), expressam o início da participação online do sujeito na construção do seu tecido social (F11) em que relembram nostalgicamente enaltecendo as primeiras comunidades virtuais (F9). Esses relacionamentos ocorrem sem o objetivo profissional, evidenciando a sociação (Co15), em que os sujeitos tanto exploram as vivências sociais fora do escopo profissional (F11) quanto percebem seus amigos e familiares como pessoas que os ajudaram a seguir seus objetivos (F13). Os critérios individuais, por sua vez, destacam as particularidades de cada função, em que se destaca a construção coletiva do conhecimento (F9), a construção de redes de relacionamento profissional (F11) e a contribuição dos amigos e familiares para realização das aspirações dos entrevistados (F13).

As falas que tem como finalidade valorizar vivências digitais (F9) dizem respeito aos enunciados que exploram tanto o aspecto da sociabilidade enquanto característica dos profissionais (E08) úteis para a profissão (E09) quanto como o ambiente digital os favorece (E11) e sempre esteve presente (E16). Os retratos de fala a seguir representam os enunciados

acima e se referem aos critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), interativo (Mo5), cultura participativa (Co5), conexão (Obj3) e comunidade (Obj2).

[...] a gente trocava imagens mesmo dos personagens da gente, a gente pegava os personagens, nossos personagens dentro do jogo e botava em paisagens e tal e depois ia editando a imagem, manipulando e tal a imagem, trocando as cores, melhorando ela, é como se fosse uma galeria de fotos mesmo. (Ent1)

Eu aprendi a editar vídeo, no ano seguinte, quando eu comecei a editar, foi no tutorial no *youtube*, sabe? [...] e aí esse salto [do *videomaker pro adobe première*] eu aprendi no *youtube*, vários tutoriais [...]. Então talvez esse fosse o meu lugar de frequentar fórum, ver os comentários que a galera tava falando sabe? (Ent6)

Os relatos evidenciam a utilizaram das mídis digitais, a interação no ambiente digital que fornece elementos que comportam as práticas profissionais. Seja a partir da troca de informações para elaboração de novos conteúdos, como indica o primeiro relato, ou uma busca nas comunidades a fim de obter conhecimento, como explora o segundo fragmento, os profissionais participam de um processo de construção coletiva, onde fornece e absorve informações.

A função de revelar a formação do sujeito social (F11) se vincula aos enunciados: ter um direcionamento é importante para a escolha profissional (E07), a sociabilidade faz parte da minha característica (E08), sociabilidade é útil na minha carreira (E09), o ambiente digital me favorece (E11), a vivência digital sempre esteve presente na minha trajetória (E16) e minha experiência digital me profissionalizou (E18).

Essa função explora a sociabilidade do entrevistado, desde a infância até suas conexões profissionais. Isso porquê a característica social compõe grande parte dos entrevistados e essa qualidade interfere na construção das suas redes profissionais. Dito isso, passamos então por um sentido cronológico, perpassando as vivências sócio-digitais na infância até a formação de redes no âmbito do trabalho.

Os trechos a seguir se referem a momentos da infância dos entrevistados e evidenciam os critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), interativo (Mo5), sociação (Co15) e conexão (Obj3). O primeiro, retirado da entrevista 06, explora os enunciados que se referem a sociabilidade enquanto característica (E09) e a presença ininterrupta do ambiente digital nas vivências (E16); o segundo representa os enunciados que tratam da importância do direcionamento (E07); e o último a forma como o ambiente digital os favorece (E11)

[...] depois eu comecei a ter o lance do Orkut e aí foi quando eu fui entrando na puberdade começou a ser aquele lance de socializar com a galera da escola e começar a conversar com o pessoal. E aí o MSN vai se ganhando ali uma camada de ser um tecido social de relação digital da gente, então ele esteve muito presente para mim nesse lugar. (Ent6)

[O professor] foi uma figura que me inspirou muito [...] o professor tirando as férias dele também, que ele podia tá em casa, mas ele pediu autorização [para treinar para competição] [...]. Uma outra coisa que eu acho que me motivou muito a continuar também foram amizade e gente massa que eu conheci por causa disso, por causa da robótica. [...] uma das motivações a mais de ganhar era poder encontrar a galera no nacional sabe? Poder encontrar meus amigos todo ano de novo. Então, acho que foi natural, eu não pensava muito em carreira, na época eu era criança ne, eu ia mais pela diversão, ia mais pelos amigos, ia mais por poder encontrar a galera que eu gostava todo no nacional, poder encontrar a galera que eu gostava [de] todo ano no mundial (Ent11)

[...] eventualmente estou acessando à internet, procurando tutoriais, fóruns de discussões, para descobrir como é que faz determinada coisa [...] (Ent3)

Relatos semelhantes aos Ent6 e Ent3 são recorrentes no arquivo. Esses trechos exploram a formação do “tecido social digital” que se inicia ainda na fase infantil, seja pela busca de materiais audiovisuais ou ainda para adquirir conhecimentos específicos. Outras plataformas foram citadas como *MIRC*, *MSN*, *reddit*, *youtube*, dentre outros. O trecho da fala do Ent11 explora especificamente a importância dessa sociabilidade na escolha de suas carreiras.

Passando agora para o sujeito já atuante na profissão, vemos os enunciados que tratam da característica da social (E09) e como ela é útil para a profissão (E08). Os trechos a seguir se referem aos enunciados citados e evoca ainda a questão do ambiente digital como um local que favorece os profissionais (E11). Ambos os trechos são compostos pelos critérios enaltecimento (Est4), interativo (Mo5), network (Co12) e conexão (Obj3).

[...] tive a oportunidade de estagiar numa empresa muito massa que o c****, conhecer um monte de gente legal, viver esse mundo de software, eu tive a oportunidade de também de organizar alguns *meetups*, encontros lá no Porto Digital que é um lugar muito efervescente para isso né, principalmente antes da pandemia a gente tem muita coisa acontecendo lá, então foi natural [...] (Ent11)

O trecho evidencia o entrevistado se relacionando em prol das suas profissões que se movimento buscando interações sociais digitais e físicas. As falas evidenciam também a importância da sociabilidade, do contato com pessoas da área, para o progresso profissional.

A função enaltecer inspirações (F13) na sétima regra (R7) se relaciona aos enunciados que abordam a influência da família na escolha profissional (E04) e a importância do direcionamento na carreira (E07). Ambos enunciados compartilham os critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4) e conexão (Obj3); e distinguem no conceito em que E04 comporta o auxílio (Co2) e E07 sociação (Co15). O trecho abaixo explora todos os critérios e enunciados mencionados:

Eu passei acho que um ano mais ou menos assim com alguma dificuldade assim, ainda inseguro e aí meu pai me ajudou um pouco nessa questão né, E quando eu tinha algumas dúvidas, eu ia para casa dele e a gente sanava algumas dessas dúvidas. [...] [em transição de carreira] Tava num período que ainda aporte da minha mãe, ali junto, me ajudou bastante, né, a família me ajudou muito, me apoiou nessa mudança. (Ent3)

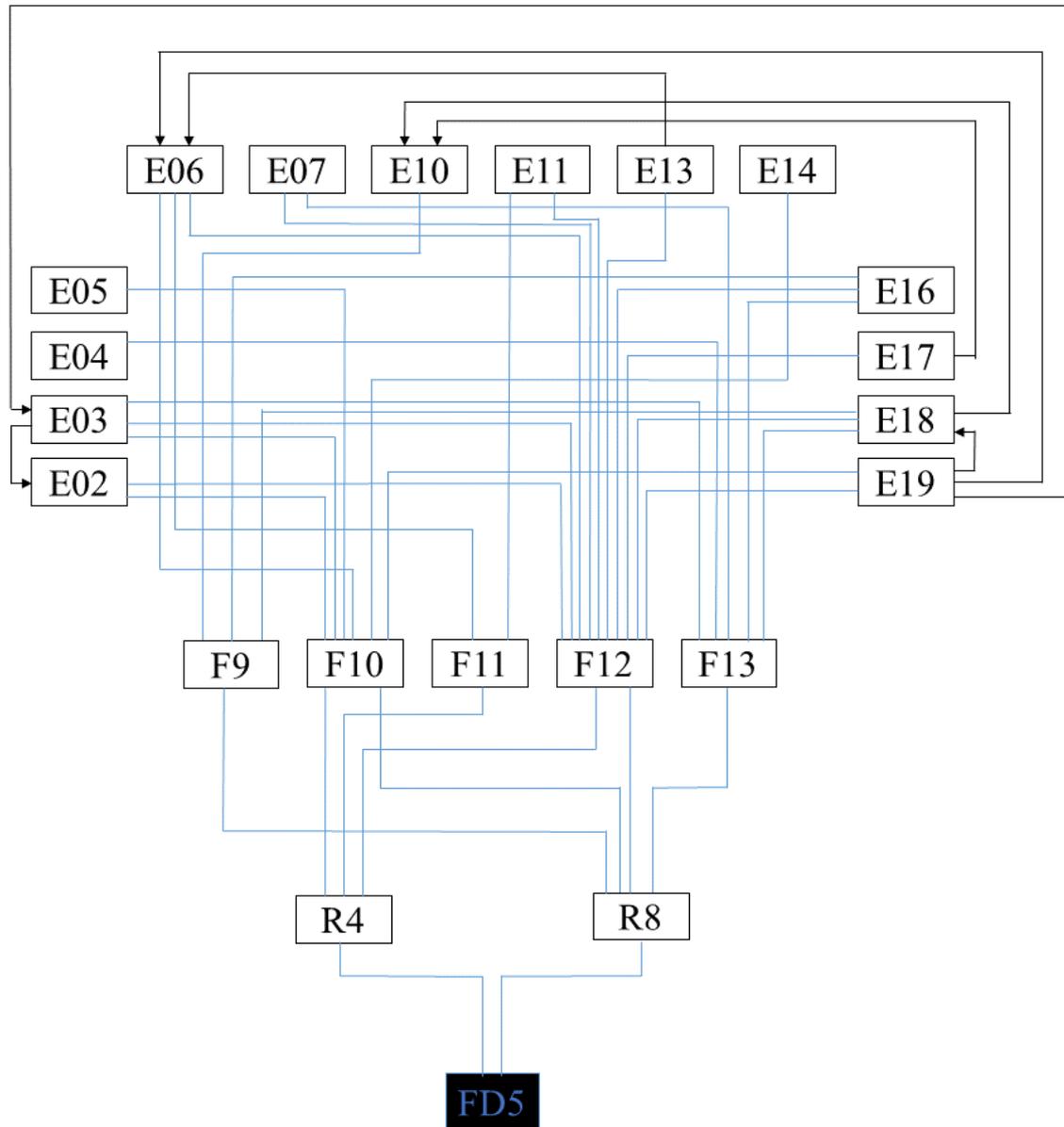
No fragmento o entrevistado explora a ajuda da família em sua transição de carreira. O pai, que também é programador, o ajudou em conhecimentos específicos da área de TI enquanto a mãe deu suporte financeiro e emocional para concluir suas aspirações.

4.2.5 Verdades do profissional

Essa formação explora os discursos que expressam um processo aléurgico dos profissionais. Aqui são descritas práticas que os entrevistados se identificam, as práticas profissionais que lhes trazem satisfação e que expressam aquilo que são. Essa formação está voltada para os interesses relacionados ao aspecto laboral, passando tangencialmente pela vida privada.

Conceitualmente essa formação discursiva explora o conceito de verdade em Foucault (2016, 1998). Expressa a resposta ao saber-poder do campo, a forma como resulta suas práticas frente ao jogo de verdades. Essas práticas socialmente construídas, revelam a si mesmos, onde insere sua própria liberdade (FOUCAULT, 2016). Vemos aqui o resultado desse processo de subjetivação expresso em discursos que abordam as práticas absorvidas pelo campo de saber profissional. As verdades do campo profissional atravessam o sujeito e os transformam, o discurso dominante da área os delineiam, os subjetivam, formando suas subjetividades. Essa formação expõe a subjetividade do profissional e explora ainda a identidade profissional (MALVEZZI, 2000), identidade pessoal (DUBAR, 2006) ou identidade de carreira (LAPOINTE, 2010).

Figura 6 - Mapa Analítico da Formação Discursiva 5



Fonte: Elaboração da autora (2023).

As verdades do profissional são compostas pelas regras que tratam da identidade (R4) e ambição (R8). Essas duas regras têm em comum os critérios autoafirmação (Est2), enaltecimento (Est4), expert (Mo3), fascinado (Mo4), autoimagem (Co1), competência (Co3), eudaimonia (Co7), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6). Por outro lado, os critérios singulares são para identidade (R4) amador (Mo2), network (Co12), gestão de carreira (Co9), comunidade (Obj2) e criações (Obj4); e para ambição (R8) cultura participativa (Co5), experiência digital (Co8), hub (Co10), midiatização (Co11) e conexão (Obj3).

A comunalidade dos critérios nas regras se dá em razão de ambas abordam os aspectos com os quais os entrevistados se sentem representados, as práticas profissionais em que se reconhecem enquanto sujeitos, que revelam suas identidades. As singularidades indicam as particularidades das regras, em que identidade (R4) expressa de práticas si que também compõem o saber profissional e as ambições (R8) exploram a busca do profissional, aquilo que deseja realizar, onde ele buscou e busca chegar.

4.2.4.1 Identidade como verdade

A identidade profissional, quarta regra (R4), nessa formação discursiva aporta os discursos que tem como finalidade expressar envolvimento com o trabalho (F10), revelar a formação do sujeito social (F11) e manifestar interesse pela profissão (F12). Os critérios compartilhados e particulares de cada função são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Critérios de função em Identidade (R4) na Verdade do profissional (FD5)

CRITÉRIOS	F10	F11	F12
Autoafirmação (Est2)	X	X	X
Autoimagem (Co1)	X	X	X
Autoidentificação (Obj1)	X	X	X
Expert (Mo3)	X		X
Trajetória profissional (Obj6)	X		X
Fascinado (Mo4)	X	X	
Comunidade (Obj2)		X	X
Amador (Mo2)	X		
Eudaimonia (Co7)	X		
Interativo (Mo5)		X	
Network (Co12)		X	
Gestão de carreira (Co9)			X
Competência (Co3)			X
Criações (Obj4)			X

Fonte: Elaboração da autora (2023)

A função de expressar envolvimento com o trabalho (F10) se relaciona aos enunciados que abordam sobre como as convicções direcionam a carreira (E03), como o trabalho fornece estabilidade (E05) e como a escolha profissional representa os entrevistados (E06).

A questão de o trabalho permitir estabilidade (E05) especificamente nessa formação expressa a constatação dos entrevistados de que poderiam ser remunerados por atividades que faziam por prazer. O trecho abaixo traz esse enunciado e contém os critérios autoafirmação (Est2), amador (Mo2), eudaimonia (Co7) e trajetória profissional (Obj6).

No início era mais como um extra, como eu disse, pra complementar, fazer um complemento, mas durante a pandemia eu vi que era algo que dá para eu seguir naquela área mesmo, como deixar algo fixo, até alguns meses atrás

ainda estava sendo como um extra aí quando eu vi que tava cada um indicando outra pessoa indicando aí eu vi que dá para ficar naquilo ali... só prospectando clientes. (Ent1)

Esse trecho sintetiza a situação de vários dos entrevistados que relatam sobre um instante em que percebem que podem receber por algo que já sabiam realizar. As práticas de si e do campo se alinham.

O enunciado que aborda sobre como as convicções interferem na condução da carreira (E03) e que tratam sentimento que representatividade pela profissão (E06) contém os critérios autoafirmação (Est2), expert (Mo3), fascinado (Mo4), eudaimonia (Co7), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6). O enunciado E06 especificamente, aportando esses critérios, está presente tanto na função de expressar envolvimento com o trabalho (F10), se relacionado à modalidade expert (Mo3), quanto na de revelar a formação do sujeito social (F11), se vinculando à modalidade fascinado (Mo4). O fragmento de fala a seguir descreve como as características pessoais direcionaram a carreira e explora todos os aspectos supracitados, quais sejam, enunciados, critérios e funções.

[...] dentro do meu do povo indígena que eu faço parte, dos guajajara, tem uma quantidade muito grande de *video makers*, de fotógrafos, de artistas [...] eu não cresci ne dentro do território, mas eu tenho essa veia artística muito grande que não foi influenciada pela família que cresci. Aí eu costumo dizer assim "não, foi o meu lado indígena que me puxou pra esse lado", né? [...] querendo ou não isso está no DNA *risos* né? (Ent5)

O fragmento de fala apresenta como as características entendidas como inata pelos profissionais, influenciam sua escolha profissional. Esse trecho evidencia um sujeito que confirma suas convicções e consegue enxergar em seu trabalho como uma extensão de si mesmo.

A função de revelar a formação do sujeito social (F11) se relaciona, além do enunciado recém explorado (E06), ao enunciado “o ambiente digital me favorece” (E11). Os relatos a seguir se referem a como o ambiente digital permite a divulgação de trabalhos (E11) na presente função (F11) e contém os critérios autoafirmação (Est2), interativo (Mo5), network (Co12) e comunidade (Obj2)

Então, eu uso o *instagram* porque eu mostro algumas coisas lá né, mas eu uso mais ele para ... como é que fala? Eu faço uma apresentação do projeto, normal, e é mais para as pessoas verem assim, o cliente ver ne, eu falo cliente normal que venha do *instagram* mesmo, acessa lá, agora quando vou mandar para alguma empresa e tal, eu uso o *behance* que é a plataforma de design, pra designers, e.... lá é mais completim, dá pra eu organizar aí eu mando pelos dois. (Ent13)

Eu uso *reddit*, o *twitter*, tenho um novo ai que chama *cohost*, que eu tô usando, ... basicamente isso. Youtube também, já posteí algumas coisas no *youtube*. (Ent14)

As falas que se referem a esse aspecto são afirmações de algo que, para eles, expressa-se como uma obviedade, algo natural. As narrativas se expressam enquanto explicações daquilo que realizam, descrevendo algo habitual na carreira.

A função de manifestar interesse pela profissão (F12) se relaciona aos enunciados: minha escolha profissional me representa (E06), o ambiente digital me favorece (E11), nesse trabalho eu devo gerenciar minha própria carreira (E13) e criatividade faz parte de quem sou (E17).

Os enunciados que tratam a representatividade da profissão (E06) e sobre o autogerenciamento de carreira (E13) contém os critérios autoafirmação (Est2), expert (Mo3), gestão de carreira (Co9), autoidentificação (Obj1) e trajetória profissional (Obj6). O relato a seguir explora esses enunciados associado a esses critérios.

[...] é difícil eu fazer uma separação até da vida profissional da vida pessoal porque tempo pra eu querer fazer alguma coisa que me recompensasse nos dois, é legal nessa parte porque eu estou... pensar sobre as coisas que eu já pensaria normalmente só que agora sou pago para isso [...] (Ent9)

O trecho que fala aborda sobre a inseparabilidade da vida pessoal e profissional. O Ent9 pontua que o tempo que ele utiliza para realizar algo pessoal reflete no profissional e vice-versa. Ele então busca otimizar seu tempo, realizando práticas úteis para si e para a carreira.

O enunciado que trata sobre como o ambiente digital favorece os entrevistados (E11) se refere aos conhecimentos adquiridos a partir das plataformas digitais em comunidades e contém os critérios autoafirmação (Est2), expert (Mo3), competência (Co3) e comunidade (Obj2). O fragmento a seguir evidencia o enunciado relacionado a esses critérios:

[...] especificamente em desenvolvimento tem um fórum chamado *stack overflow* que é um fórum de ele é mais voltado para perguntas de desenvolvimento, alguém manda alguma pergunta lá de alguma coisa e as pessoas podem ir lá responder [...] [nesse fórum] você ganha uma pontuação sempre você respondeu pergunta relevante [...] e aí algumas vagas específicas de alguns processos seletivos específicos eu já vi pedirem sua pontuação no *stack overflow*, seu perfil [...] o *solutions engineer* ele é uma pessoa que ele não só tem o *know how* técnico, mas ele tem também tem algum *know how* de ensinar, de debugar, de ajudar sabe? [...] e aí por isso algumas empresas pedem a sua conta do *stack overflow*, por exemplo, porque lá eles conseguem ver sua habilidade de maneira assíncrona responder alguém e fazer esse alguém entender o que que é para fazer [...] (Ent11)

No relato acima o entrevistado pontua as habilidades desenvolvidas em redes sociais específicas para desenvolvedores são buscadas pelas empresas no cargo almejado (*solutions engineer*). A competência de comunicação assíncrona desenvolvidas nas redes sociais auxiliam os profissionais nas atividades profissionais.

O enunciado que se refere a criatividade como uma característica dos entrevistados (E17) contém os critérios autoafirmação (Est2), expert (Mo3), autoimagem (Co1) e criações (Obj4). O fragmento abaixo representa tanto os critérios como o enunciado acima descrito.

[...] eu consigo coisas incríveis [...] quando eu crio ali, eu coloco um pouco de mim também, eu sinto que eu tenho um pouco dessa coisa de pôr para fora as minhas as minhas, falando assim a minha arte mesmo assim, sabe? Eu gosto muito disso é um negócio que eu, putz, eu piro mesmo. (Ent8)

A entrevistada pontua sobre “colocarem parte de si” em suas invenções, projetos e produtos e como o aspecto criativo contribui na execução do trabalho. Esse trabalho os compõe e simultaneamente, como em um movimento “inverso”, as criações que deles nascem representam partes de si mesmos.

4.2.4.2 Ambição como verdade

A ambição do profissional (R8) se relaciona aos discursos que tem como função valorizar vivências digitais (F9), expressar envolvimento com o trabalho (F10), manifestar interesse pela profissão (F12) e enaltecer inspirações (F13). A Tabela 6 evidencia os critérios singulares e compartilhados entre as funções.

Tabela 6 - Critérios de função em Ambição (R8)

CRITÉRIOS	F9	F10	F12	F13
Enaltecimento (Est4)	X	X	X	X
Fascinado (Mo4)	X	X	X	X
Autoidentificação (Obj1)	X	X	X	X
Expert (Mo3)	X	X	X	
Experiência digital (Co8)	X		X	X
Conexão (Obj3)	X		X	X
Autoimagem (Co1)		X	X	
Trajectoria profissional (Obj6)		X	X	
Autoafirmação (Est2)	X			
Mediatização (Co11)	X			
Eudaimonia (Co7)		X		
Competência (Co3)			X	
Hub (Co10)			X	
Cultura participativa (Co5)				X

Fonte: Elaboração da autora (2023)

A função de valorizar vivências digitais (F9), se relaciona aos enunciados: O ambiente digital é necessário para ser quem sou (E10), A vivência digital sempre esteve presente na minha trajetória (E16) e minha experiência digital me profissionalizou (E18). Essa função nesses enunciados diz respeito a como o ambiente digital faz parte deles mesmos, compõem suas práticas diárias e a si mesmo, evidenciando um nublamento entre a vivência “real” e “virtual”.

O fragmento a seguir reflete os três enunciados citados (E10, E16 e E18) e contém os critérios enaltecimento (Est4), autoafirmação (Est2), fascinado (Mo4), expert (Mo3), Experiência digital (Co8) Mdiatização (Co11), autoidentificação (Obj1) e conexão (Obj3).

[...] não é nem [eu] físico e o [eu] digital se confundirem, mas hoje em dia o próprio [não termina a frase], as próprias noções de trabalho e de ... e de... do fazer né? Das ações humanas hoje também se confundem muito. Eu tenho muitos amigos, pronto, minha equipe de trabalho eu vi uma vez na vida presencialmente (Ent11)

O entrevistado revela uma concepção da midiatização que passa além do trabalho, onde esses espaços se confundem, agora, não só entre o âmbito pessoal e profissional, mas a relação entre a própria vivência digital em si que ocorrem simultaneamente.

A função de expressar envolvimento com o trabalho (F10) se relaciona aos enunciados: minha expertise me transformou (E02), a profissão afeta minha saúde mental (E14) e nesse trabalho eu faço o que eu gosto (E19). O trecho a seguir evidencia os enunciados citados e contempla os critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), autoidentificação (Obj1), expert (Mo3), autoimagem (Co1), trajetória profissional (Obj6) e eudaimonia (Co7).

[...] assim, melhorou muito minha saúde mental, até parece esquisito porque eu falo muito do estresse da publicidade [...] eu era uma pessoa surtada, “eu quero nunca mais queria trabalhar com publicidade”, eu falei “cara, eu não quero tal” e quando eu comecei a trabalhar nessa área do design, que eu comecei a ter oportunidades, que eu comecei a trabalhar por fora assim, mudou completamente principalmente na parte emocional mas também, na questão de ganhar uma grana ser mais reconhecida financeiramente assim, sabe? [...] o meu maior benefício mesmo é a questão da saúde mental também, conseguir fazer o que eu gosto e conseguir me colocar nesse meio assim, sabe? De tipo de me expressar, neste último a última, neste último lugar que eu estou aqui agora eles me dão muita liberdade de tipo, não vamos é assim, mas pode fazer do seu jeito sabe? (Ent8)

O trabalho também significa um espaço onde os entrevistados podem se expressar, se sentir representados e completos. A profissão os permite realizar o que lhes traz satisfação, onde se sintam confortáveis mentalmente.

A função de manifestar interesse pela profissão (F12) se relaciona aos enunciados: minha expertise me transformou (E02), minhas convicções moldam a forma que conduzo minha

carreira (E03), a família me motivou a estar nessa profissão (E04), minha escolha profissional me representa (E06), ter um direcionamento é importante para a escolha profissional (E07), a vivência digital sempre esteve presente na minha trajetória (E16), minha experiência digital me profissionalizou (E18) e nesse trabalho eu faço o que eu gosto (E19).

Manifestar interesse pela profissão nessa regra trata do interesse pela tecnologia e inovação. Isso se verifica em sua expertise digital, a presença em espaços de inovação e no aspecto criativo. Com relação a expertise digital, o trecho a seguir se refere aos enunciados que abordam, em relação aos entrevistados, sobre como a expertise os transformou (E02), como a escolha profissional os representa (E06) e como o ambiente digital os profissionalizou (E18); e representam os critérios enaltecimento (Est4), expert (Mo3), experiência digital (Co8), midiaticização (Co11), competência (Co3), trajetória profissional (Obj6), autoidentificação (Obj1) e conexão (Obj3)

Então eu vejo muita coisa hoje que é a trabalho, entende? Assim, não é que é “a trabalho”, eu vejo porque eu gosto, mas assim é porque eu tenho que ver tal coisa, sei lá, “ah, saiu o senhor dos anéis na *amazon*”, eu gosto de senhor dos anéis, acho legal, mas assim eu meio que tenho que ver por mais que eu não faça 3d ou o c***** mas tem, é um zilhões de referências e, enfim, certas coisas são muito importante pra você ficar sabendo. Então acho que assim... essa parte do entretenimento meio que acho que mudou o jeito de ver certas coisas, a profissão, é meio que ver algumas coisas a trabalho, você tá vendo um filme e aí rola uma transição muito doida, você fala “não, vou voltar”, se eu não trabalhasse com isso “nossa, muito doida essa transição” bola pra frente, hoje não, hoje eu volto, vejo, “ah, tal coisa, como é que ele fez isso”, vejo de novo. Então assim, não é que eu tô trabalhando, eu tô vendo também feliz e comendo pipoca e tal, mas tem esse olhar mais curioso técnico assim acho que mudou muito, pra tudo, tudo, tudo em termos de comunicação visual (Ent10)

O Ent10, assim como outros entrevistados, passa a perceber tudo ao seu redor com o olhar profissional, um olhar crítico e técnico sobre as obras audiovisuais e produtos tecnológicos. O relato exhibe como a expertise digital, constante contato com o audiovisual no trabalho e no cotidiano, traz um olhar aguçado sobre o conteúdo.

No que se refere a presença nos espaços de inovação, os profissionais buscaram espaços de inovação e abordam sobre esses espaços de efervescência criativa com fascínio. Buscando criar tecnologias que impactassem o mundo, os entrevistados buscaram os espaços de criação coletiva que os permitiram desenvolver suas ideias, fazerem aquilo que se identificam. Os enunciados que abordam esse aspecto, nessa regra, são explicitados quando os entrevistados falam sobre suas convicções (E03), a importância do direcionamento (E07), pelo interesse por tecnologia (E16) e sobre o apreço pelo trabalho (E19). Esses enunciados comportam os critérios

enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), experiência digital (Co8), hub (Co10), autoidentificação (Obj1) e conexão (Obj3). O trecho abaixo sintetiza a ideia (os enunciados e critérios):

[...] comecei a me movimentar e entender onde e que a galera das Startups se encontrava e aí, por acaso, eu sabia que tinha a ver com o Porto Digital fiquei com um brilho no olho daquele negócio e comecei [a] frequentar os espaços que o Porto Digital propunha como lugares de empreendedorismo digital, como lugares de fomento pra Startups. (Ent6)

A convivência em espaços e grupos em que seja possível desenvolver as ideias (com fomento, auxílio, estrutura) transformam os sujeitos, percebem que aquilo que buscam pode ser possível.

A questão da carreira como uma forma de representar a si mesmo, evidente no enunciado que aporta como a escolha profissional representa os entrevistados (E06) surge ainda na esfera mais fortemente ligada à criação. O trecho a seguir é formado pelo E06 e comporta os critérios enaltecimento (Est4), expert (Mo3), autoimagem (Co1) e trajetória profissional (Obj6)

[...] essa coisa de estar em contato com a criação com a imaginação para mim, é meio que quase uma necessidade fisiológica mesmo sabe, meio que uma espécie de obsessão mesmo, eu diria até que um pouco de neurose *risos*. [...] O meu trabalho é basicamente, representa muito de quem eu sou né, querendo ou não, porque existe também um apelo emocional quando a gente cria as coisas né, quando a gente produz quando a gente está ali nesse processo de construção de uma obra né ou de um produto também. Então existe esse apego emocional muito forte (Ent4)

O trabalho, ou melhor, o processo de criar é entendido pelos entrevistados que apontam ser criativos desde a infância como uma atividade fundamental, essencial, “uma necessidade fisiológica”.

A função de enaltecer inspirações (F13) se relaciona enunciados que evidenciam do entrevistado, com relação a carreira, a influência das convicções (E03) e do direcionamento (E07), e com relação ao ambiente digital, como esse espaço sempre esteve presente (E16) e o profissionalizou.

A influência das convicções (E03) expõem como as mídias podem ser úteis enquanto ferramentas de auxílio a proteção de minorias sociais. O trecho de fala a seguir corresponde a esse enunciado e contém os critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), cultura participativa (Co5) e autoidentificação (Obj1).

Então, assim, dentro dos territórios [indígenas], por exemplo, a relação com a tecnologia ela é muito importante, porque assim que a gente denuncia o que tá acontecendo, porque muitas vezes as autoridades não sabem, muitas vezes

eles não se interessam em investigar, então também a nossa forma de pedir socorro, então tem essa relação também com a tecnologia de tipo é o meu trabalho, mas também uma forma de pedir ajuda, de sobrevivência, né?
(Ent5)

O ambiente digital no trecho da entrevistada vai além de um trabalho faz parte de algo intrínseco ao seu comportamento moral. Assim, o comportamento online e na profissão, reflete suas convicções.

O enunciado que trata do direcionamento (E07) na presente formação fala da família enquanto um movimento que inspira o profissional. Os trechos abaixo tratam do enunciado supracitado e contém os critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), experiência digital (Co8), autoidentificação (Obj1) e conexão (Obj3).

São vários eventos que vão acontecendo e que vão te afunilando para isso, então acho que a minha relação com a tecnologia está muito ligada a pessoa, a minha família, que meu pai gostava de fazer enfim, as coisas que ele gostava de estudar as coisas que ele gostava de enfim, então eu acho que vem muito disso assim, talvez isso, a família é o ponto inicial do despertar a vontade de fazer (Ent12)

[...] meu primo também foi uma pessoa que eu me espelhei um pouco, assim, em alguns momentos da minha vida, porque ele era, ele era um primo meio irmão sabe? Um pouco mais velho e aí ele também era viciado em computador, ele era viciado assim, já no nível de ser doente porque ele tinha um computador em casa então ele passava 12, 13, 14 horas no computador e eu acho que isso, de alguma forma, me inspirou também a querer conhecer mais, me entrosar com computador - aí vez ou outra tinha oportunidade de jogar na casa dele (Ent11)

[...] eu sinto que tinha muita influência do meu pai também nessa época assim, [...] a primeira infância ali eu tive muito contato com ele e ele já trabalhava com computação e tal [...] (Ent3)

A família teve um papel direcionador para esses entrevistados. Passando os momentos de vivência digital em família, os profissionais puderam se inspirar em seus familiares.

Os enunciados que tratam do ambiente digital enquanto espaço presente em toda a trajetória de vida (E16) e como um espaço que contribui para o desenvolvimento (E18) contempla os critérios enaltecimento (Est4), fascinado (Mo4), experiência digital (Co8), autoidentificação (Obj1) e conexão (Obj3). O fragmento abaixo se refere aos enunciados e critérios acima relacionados.

[...] o jogo de certa forma meio que moldou também esse meu interesse por arquitetura eu acredito até, pela parte de criação, de design, de computação porquê de certa forma, quando você começa, você sai do analógico e entra no digital é um mundo novo ali que se abre de possibilidades, estão, aquilo deixa qualquer criança assim com um olhar muito... com muito interesse né, fica apaixonado por aquele universo ali, digital, [...] para você botar uma criança para programar no começo, acho que ela perde o interesse, mas pra ficar jogando ela vai, então, o jogo foi um chamariz muito grande para toda essa

geração que trabalha com TI [...] Eu sempre falo que eu comecei arquiteto no *The Sims*. Quantas casas eu não fiz no *The Sims*? Eu não jogava *The Sims*, eu ficava construindo casa. (Ent2)

O entrevistado expressa categoricamente que iniciou sua jornada profissional em razão da sua vivência com jogos. O Ent2 é um designer computacional de softwares que otimiza a construção de maquetes arquitetônicas digitais, por meio de arte degenerativa.

O ambiente digital faz parte da vivência desses entrevistados desde a infância. Essa vivência os marcou profundamente, os profissionalizou e faz parte da constituição de quem são hoje. Isso porque a passagem e o interesse pelo ambiente virtual os influenciaram a escolher os caminhos profissionais.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente subseção busca construir um diálogo entre os resultados obtidos pela análise de discurso foucaultiana e as teóricas apresentadas do capítulo 2. Para apresentar a discussão primeiro trabalhamos a relação entre os achados e as tecnologias de si expondo as tecnologias da carreira. Na sequência discutimos os achados do arquivo aos modos de sujeição, apresentando a sujeição de carreira.

4.3.1 Tecnologias de carreira

As práticas discursivas e as técnicas de vida do profissional expressam a subjetivação de um código estabelecido e são processos de constituição do sujeito, indicando a construção de uma subjetividade a partir de tecnologias de subjetivação (FOUCAULT, 2016). As carreiras carregam um conjunto de práticas, de saberes do campo que são adotados pelos profissionais. Esse conjunto de saberes é resultado de um jogo de verdade que molda aquilo que é verdade ou não para o campo. A verdade na carreira inovativa, inserida em um contexto de individualização da carreira e em momento tecnológico de mediação de vida, revela um conjunto de regras, verdades, alicerces.

Os profissionais de inovação se inserem dentro desse contexto de jogos de verdade e devem jogar conforme as regras do jogo, se adequando ao que é exigido. Existe assim o entendimento de que o profissional: deve gerenciar sua carreira (desenvolver competências autonomamente, buscar ascensão, divulgar seu produto, fazer contatos e captar clientes), conhecer as atualizações tecnológicas, dominar os softwares da sua área de atuação, dentre outras verdades estabelecidas.

Esse jogo de verdade respaldam as tecnologias de si do profissional. Isso significa dizer que associadas a essas verdades há tecnologias que as acompanham, corroborando para a manutenção ou alteração desses jogos conforme as pressões de saber-poder no campo. Essas tecnologias podem ser entendidas enquanto prazerosas (como vemos em FD2, FD3 e FD4) ou penosas (como vemos em FD1), ambas compõem as verdades do sujeito (FD5) sendo sua subjetivação alinhada as verdades do campo.

Os profissionais, escolhendo a profissão, se alinham a essas verdades, adotando-as. As verdades e tecnologias do campo passam a ser as verdades e tecnologias do profissional. Se vê uma nova relação entre o sujeito e o trabalho em que o desejo do sujeito passa a ser relevante, essencial para a trajetória de carreira. Essa nova relação envolve uma demanda pela ascensão pessoal que outorga um novo sistema onde o autoconceito tem papel chave na escolha profissional (SAVICKAS et al., 2009).

Assim, a identificação do sujeito com seu trabalho é fundamental para sua trajetória de carreira (TSAKISSIRIS, GRANT-SMITH, 2021; SAVICKAS et al., 2009). A adoção das tecnologias do campo permite aos profissionais constituírem-se a si mesmos nesses espaços (FOUCAULT, 2005). Nesse sentido, as tecnologias de si passam então a ser as próprias tecnologias profissionais de si, vista a indissociabilidade entre vida pessoal e profissional. É essencial que as práticas de si estejam alinhadas às práticas profissionais, ou seja, o sujeito deve sentir atração pela área que deseja trabalhar.

As práticas discursivas das tecnologias do profissional descrevem condutas e modos de ser a fim de se atingir um estado de contemplação e perfeição (FOUCAULT, 2004b). A identidade do profissional se reflete em práticas de negociação de uma posição identitária na experiência de carreira (LAPOINTE, 2010) que se forma a partir de uma articulação entre suas práticas pessoais e profissionais. Em outras palavras, a construção de subjetividades ocorre associada à sua trajetória de carreira. A subjetividade do profissional revelada pelas práticas discursivas evidencia um movimento de negociação e performance para a construção de sua identidade profissional.

Na presente pesquisa, assim como no trabalho de Tsakissiris e Grant-Smith (2021) que estuda as escolhas de carreira dos estudantes TIC, os sujeitos destacam fatores individuais, sociais e estruturais que influenciam a escolha profissional. Individuais uma vez relacionados as aspirações, interesses e a identificação imagética e identitária com elementos do trabalho (tecnologia e inovação). Sociais relacionadas tanto à expectativa social (prestígio e/ou desvalorização) quanto em relação ao trabalho quanto à pressão e apoio dos familiares.

Estruturais relacionados aos acessos conhecimentos da profissão (espaços de efervescência inovativa e criativa, orientação acadêmica e profissional) e aos papéis sociais da carreira.

A carreira desses profissionais é direcionada pelas tecnologias de si, por aspectos subjetivos relacionadas as suas práticas sociais e de si mesmo. Isso se reflete nos achados tanto em relação aos relacionamentos travados (GUPTA; GOMATHI, 2022) como no que diz respeito ao posicionamento ético relativa à inclusão social (TANDON; JHAMB; CHAND, 2022) influenciam na escolha profissional.

Buscando associar os achados dessa pesquisa as teorias modernas e emergentes de carreiras, vemos que existem características semelhantes como a flexibilidade e a individualização da carreira. Outras qualidades podem ser vistas na teoria: proteana, relativas ao autodirecionamento de carreira (BENDASSOLI, 2009; DE ANDRADE; KILIMNIK, PARDINI, 2011; SULLIVAN, BARUCH, 2009) e a valorização da autonomia, liberdade, aprendizagem contínua e satisfação pessoal (HALL, 1996; DE ANDRADE; KILIMNIK, PARDINI, 2011); sem fronteiras, no que diz respeito a competências técnicas e sociais como fundamentais para o desenvolvimento profissional (BENDASSOLLI, 2009); multidirecional, pelas possibilidades de trajetória individual ou dentro da estrutura organizacional (BARUCH, 2004); e portfólio, no que trata das profissionais experts em múltiplos campos que organizam seus arquivos em formato de portfólio.

Cabe pontuar, contudo, que essas teorias modernas não abarcam completamente a trajetória dos profissionais em razão das construções socioculturais atuais. Para Savickas et al. (2009) isso ocorre em razão das teorias não tornarem a flexibilidade, adaptabilidade e aprendizado constante como pontos centrais, não podendo abarcar a complexidade do cenário profissional. Outro ponto a ser destacado é com relação à identidade como papel definidor na escolha profissional que não são exploradas em tais teorias.

A questão relativa à individualização da carreira, em que o sujeito é o responsável pela sua trajetória, é um aspecto contemplado tanto pelas teorias quanto pelos achados. Essa característica parte do entendimento dos trabalhadores enquanto empreendedores e é resultante do processo de transformação do cenário produtivo (SORJ, 2000; BRIDI; BRAGA; SANTANA, 2018). Nesse cenário produtivo, ancorado em uma perspectiva neoliberal, o profissional deve desenvolver suas habilidades, seja pensando em si, com obtenção de habilidades e poder de decisão sobre sua carreira, ou no campo, adotando as verdades e tecnologias para si.

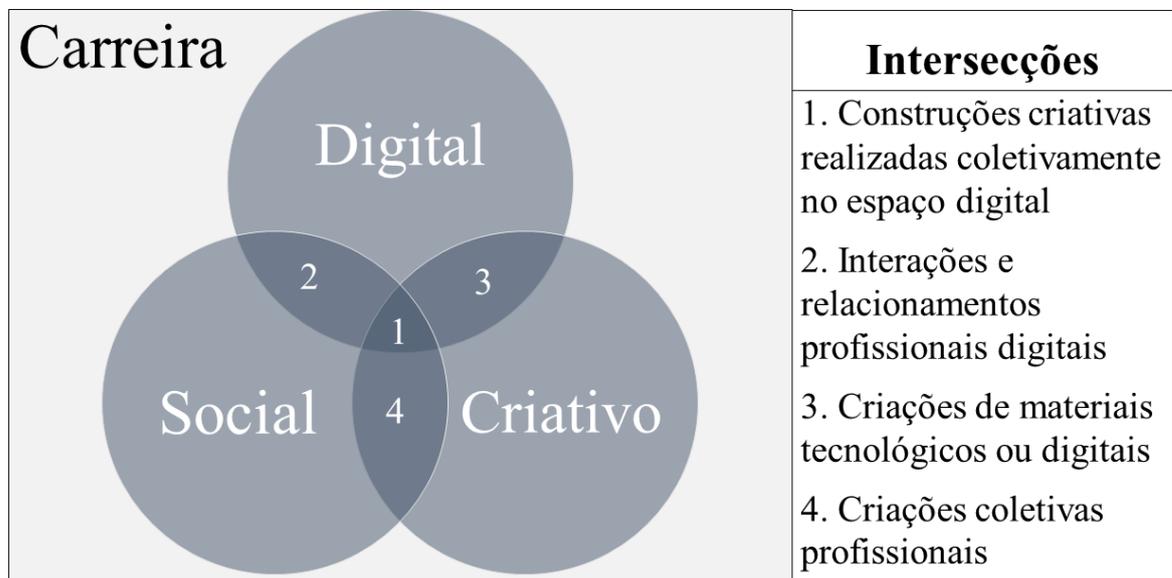
Esse novo cenário produtivo é resultado ainda das transformações culturais, sociais e tecnológicas (SULLIVAN; BARUCH, 2009; GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK;

2018, ANTUNES, 2018). No âmbito tecnológico, essas transformações produtivas (CASTELLS, 2002) resultam justamente nas formas de trabalhos que são realizados pelos entrevistados: atividades que só podem ser desenvolvidas em razão dos avanços tecnológicos.

No que tange as tecnologias de si que articulação entre a individualização da carreira e a mundo digital, vemos práticas que resultam em ganhos de habilidade para o exercício da profissão. As competências laborais exigidas ao novo profissional informacional (SAVICKAS et al., 2009), como letramento digital (*digital literacy*) (OCDE, 2019) ou letramento midiático (JENKINS, 2015), ocorrem naturalmente com os profissionais, desde a infância, a partir da utilização das mídias como entretenimento e lazer.

As tecnologias de si que os profissionais realizam, em razão de suas carreiras, por meio da adoção de dispositivos digitais, se relacionam à profissionalização por meio da utilização de dispositivos eletrônicos, da socialização e da criação de artefatos criativos. Todos esses aspectos estão relacionados a obtenção de competências úteis para a carreira associados ao universo digital, social e criativo. Essas três esferas são representadas na Figura 7.

Figura 7 - Ilustração das tecnologias de si na carreira de inovação.



Fonte: Elaboração da autora (2023)

A Figura 7 evidencia que há práticas relacionadas as três esferas que se sobrepõem. As criações coletivas digitais, por exemplo, são práticas realizadas pelos profissionais dentro e fora do âmbito profissionais (realizadas por prazer e por ofício). As práticas que representam a intersecção entre as três esferas dizem respeito, em especial, à prosumerização a partir da construção de conhecimentos coletivos (e.g. edição de imagens e vídeos, ‘crackear’ arquivos

de softwares e jogos em fóruns, etc.). Isso significa que essas práticas, ainda que não realizadas com o intuito profissional, traz aos sujeitos habilidades úteis para o exercício laboral. De forma similar, as práticas na interseção 2, 3 e 4 são tecnologias que já fazem parte do profissional antes mesmo de se associarem aos seus respectivos trabalhos.

Isso nos revela tecnologias de carreira associado a esses três universos. Extrapolando a teoria, destaco a formação dentro das tecnologias dos profissionais as: tecnologias digitais de si, tecnologias criativas de si e tecnologias sociais de si. As tecnologias digitais (ABBAS; DERVIN, 2009), criativas e sociais de si dentro da carreira dizem respeito, respectivamente, as práticas: performadas no ambiente digital, de construção e desenvolvimento de habilidades de criação e interpessoais. Por tecnologias digitais ter sido amplamente abordado no trabalho, pontuo brevemente que a concepção criativa já é concebida enquanto tecnologias de si e se relacionam ao aspecto da liberdade (HANCHETT HANSON, 2013) em que a “prática criativa” aponta para dois direcionamentos entre criação-criador, em que o artista cria a obra e a obra cria o artista (SMITH, 2015). Cabe pontuar ainda que as tecnologias sociais de si por mais que pareçam redundantes, uma vez que a tecnologia de si é uma prática social (FOUCAULT, 2005), trata da tecnologia social de carreira, sendo diferente conceitualmente em seu objetivo. Ou seja, parte de uma tecnologia de si relacionada exclusivamente ao segmento profissional.

Essas tecnologias tratam do exercício sobre si que compõe práticas da atividade profissional. Essas práticas laborais não se restringem à profissão, sendo, antes de mais nada, práticas do sujeito sobre si (FOUCAULT, 2005). Isso significa dizer que as tecnologias profissionais de si compõem o sujeito, sendo uma parte das tecnologias de si. O acesso a dispositivos eletrônicos, artes criativas digitais, construções coletivas em fóruns virtuais, dentre tantas outras interações com o mundo digital são realizadas antes mesmos de seguirem suas carreiras, sendo práticas que foram reforçadas uma vez escolhidas suas respectivas profissões.

Isso revela um sujeito que, em relação a sua profissão, exerce uma série de práticas que se sujeita, ama, aperfeiçoa, realiza sobre si e releva a si mesmo. Vemos, pois, um *ethos* profissional. Um sujeito moderno reflete sobre o presente e o critica racionalmente (FD1), realiza práticas de liberdade (FD2, FD5) e constrói a si em busca de autonomia (FD3, FD4).

Essa perspectiva crítica se refere a uma fuga das formas autoritárias sobre a constituição do sujeito e fica evidente na primeira formação discursiva (FD1). O sujeito, mesmo aceitando e adotando as verdades do campo, as analisa criticamente. De fato, os profissionais nessa formação se sujeitam ao ‘corporativismo’: abdicam de suas perspectivas progressista em prol de um pensamento conservador/opressor e aceitam a excessiva carga informacional e produtiva. Entretanto, ainda que se sujeitem a ele, expressam seu descontentamento e desejo de mudança.

Expressa assim, uma busca pela autonomia de seu pensamento a partir de suas críticas, ainda que não sejam dotados de poder para mudar as estruturas. Estruturas essas que refletem justamente a instabilidade (GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK, 2018) e precarização (ANTUNES, 2018).

O *ethos* profissional também se expressa a partir de um posicionamento, uma exposição de sua identidade. Esse posicionamento se efetiva enquanto práticas que libertam uma vez que podem expressar aquilo que são, com o que se identificam e se orgulham. Isso perpassa tanto pela questão do amor verdadeiro (FD2) quanto pelas verdades (FD5).

O amor verdadeiro (FD2) se refere ao amor pela profissão e pelas atividades que a compõem, onde os profissionais abordam sobre aquilo que lhes dá prazer (i.e. erótica). Esse amor implica em sujeição (i.e. econômica, vide 4.3.2) e um cuidado em se manter em seu propósito (i.e. dietética). Esse cuidado advém de uma conduta moral, uma verdade que os sujeitos mantêm sobre si mesmos. Esse cuidado sobre si reflete, assim, na verdade sobre si mesmo (FD5). A verdade aqui se revela a partir do uso daquilo que dá prazer e não pela privação. Ainda assim, reflete a renúncia a fim da adoção de práticas que sejam coniventes com as verdades do campo.

Esse *ethos* foucaultiano faz referência ao sujeito moderno de Baidelaire se caracterizando como um sujeito que não simplesmente busca a si mesmo, mas se constrói. Essa construção envolve um processo de subjetivação que fica evidente no cuidado do profissional (FD3) e nas tecnologias do profissional (FD4).

Na construção de sua autonomia, o sujeito deve inventar a si mesmo. Essa construção vai além da descoberta do que se gosta ou não, mas um processo de se efetiva a partir da execução de atividades em si, o que te torna a si enquanto conhecedor e pensador crítico autônomo. O profissional que cuida de sua carreira, executa atividades que proporciona seu progresso; as tecnologias do profissional, por sua vez, correspondem a atividades em que os profissionais desenvolvem suas habilidades e melhoram sua expertise uma vez vivenciando o universo criativo-social-digital.

O cuidado do profissional (FD3) trata em especial das tecnologias realizadas para ascensão profissional, com o objetivo de progredir em suas carreiras. As tecnologias (FD4), no entanto, ocorrem “naturalmente” pelos profissionais, compondo partes de um processo de subjetivação reforçado pela profissão, mas não exclusivo a ela.

Essas tecnologias do profissional (FD4) são abordadas em duas frentes: relacionadas ao amadorismo (R6) e ao aspecto social (R7), ambos tratam das vivências associadas ao universo digital e merecem um breve destaque. A primeira trata do amadorismo, relacionado ao âmbito

criativo, e a segunda trata da alteridade, envolvendo o aspecto social. Nos dois casos vemos a presença de uma cultura fânica (JENKINS, 2012; 2015), onde os integrantes participam ativamente na criação prossumerística amadora (R6) e na interação midiática (R7).

A vivência na cultura de fãs (de inteligência coletiva, cultura participativa e convergência midiática) reuniu os profissionais em atividades movidos pelos seus interesses que contribuíram tanto para o desenvolvimento de habilidade quanto influenciou na escolha desses profissionais, assim como sugeridos nos trabalhos de Brennan e Large (2014) e De Souza-Leão e Costa (2018).

Isso reforça ainda a pista indicada no trabalho Scaraboto, Almeida e Fleck (2020) onde as interações em fóruns de jogos resultam em atividades úteis por um ponto de vista profissional. As práticas sócio-digitais (a utilização das mídias digitais, formação de networking, construção coletiva, trocas de informações, dentre outras atividades) contribuem para a carreira, assim como visto no trabalho de Leftheriotis e Giannakos (2014). Essas interações inspiram as produções artísticas, auxiliam a absorção de habilidades sociais, ajudam a se familiarizar com as interfaces do dispositivo digital, dentre outros pontos que interligam práticas “do âmbito privado” que auxiliam a carreira.

4.3.2 Sujeição de carreira

Como vimos na subseção anterior, o campo revela um jogo de verdades que estabelece limites e regras nos comportamentos dos sujeitos, impõe uma disciplina sob seus corpos. Na medida em que os sujeitos escolhem participar desse campo e adotam as regras do jogo, passam a se sujeitar a elas. Isso significa dizer que nas práticas discursivas que expressam a sujeição, o entrevistado evidencia como se molda às forças do campo (FOUCAULT, 1998).

Existem, pois, normas a serem seguidas, um saber acerca do campo da inovação que reflete uma prática produtiva. Esse saber compreende a busca pela mudança social, a individualização da carreira, a lógica de produção excessiva, a constância em construir redes e divulgar materiais, o acompanhamento de tendências e novidades dentro das mídias digitais, dentre outros pontos.

Entendendo que são responsáveis por suas carreiras, eles se adequam as práticas profissionais. Isso também reverbera na forma como vão travar seus relacionamentos sociais, como vão expor seu conteúdo e desenvolver suas competências. O foco da carreira cada vez mais individual (SULLIVAN; BARUCH, 2009; CALASANS; DAVEL, 2020) é visto em todas as teorias modernas e emergentes em relação a carreira apresentadas no capítulo 2. Vale pontuar

que, para Antunes (2018), o novo profissional de serviços na era informação (preariado, infoproletariado) é exposto a um contexto precário em resposta a uma racionalidade neoliberal.

Essa individualização da carreira associada à midiaticização da vida (HEPP, 2014; COULDRY; HEPP, 2013; FAUSTO NETO, 2008) em um contexto do campo profissional inovativo, revela uma dependência com relação às TIC que, em especial a primeira formação discursiva (FD1), se veem como malélicas e penosas. A necessidade do uso das mídias digitais especificamente, seja na necessidade de produção e divulgação do trabalho ou para acompanhar tendências e novidades, impacta negativamente no equilíbrio mental, excedendo os limites do que é saudável.

Nesse aspecto, a carga informacional relacionada ao estresse dos profissionais se vincula ao sistema de produção (insustentável) capitalista e ao próprio contexto tecnológico. Buscando atender às necessidades do sistema capitalista enquanto empresários de si mesmos os sujeitos se submetem as pressões do sistema (LAZZARATO, 2010) ainda que isso reflita na sua qualidade de vida.

A lógica de trabalho excessiva e a necessidade de conexão com as mídias digitais, seja pelo próprio processo produtivo ou para construção de redes profissionais, afeta a saúde dos profissionais. Ainda reconhecendo que afeta o equilíbrio saúde mental e emocional os profissionais aceitam a conectividade.

Os modos de sujeição que os profissionais realizam, em razão de suas carreiras, por meio da adoção de dispositivos digitais, dizem respeito a uma resposta de um momento sócio-histórico cultural (FOUCAULT, 1998, 2005, 2004a). A questão evidenciada no âmbito da estrutura social em termos de sujeição, vemos a lógica do sistema capitalista, as pressões de uma sociedade ainda conservadora que desvaloriza as minorias sociais (evidente quando a função é “abrir mão dos princípios” F1), a importância da família na escolha profissional (seja apoiando em questões emocionais, financeiras e estruturais ou influenciando na escolha profissional), etc.

A sujeição reflete ainda o atual contexto tecnológico evidenciando, nesse aspecto, dois pontos relevantes: a dificuldade de acesso a inovação e a conexão constante obrigatória. O primeiro se relaciona estrutura econômica social que proporciona acesso desigual a infraestrutura, tecnologia e ensino; e o segundo se associa a consequência produtiva-social da midiaticização da vida uma vez que o trabalho em si é realizado no espaço digital e assim sendo, a exposição nesse espaço é impositiva.

A sujeição forma o sujeito, explorando aquilo que prática e aceita como verdade. No presente trabalho, esses modos de sujeição nos revelam profissionais que se sujeitam a lógica

do trabalho na inovação (FD1) em razão do amor que sente pela profissão (FD2). Esse carinho pela área de trabalho implica em trabalhar a si mesmo para uma constante evolução profissional (FD3), envolvendo tecnologias que o sujeito exerce sobre si (FD4), abdicando de outras práticas de si. Esse conjunto de práticas que exerce sobre si, revela quem é, sua subjetividade e sua verdade (FD5). A mesma área que desperta interesse e adoração, proporciona exaustão e estresse.

Vemos, na primeira formação discursiva (FD1), forças que molda o profissional. Forças essas que advém do contexto profissional envolvendo aspectos estruturais (social) e individuais que afetam o movimento profissional percorrido pelo sujeito. O contexto profissional trata do saber-poder associado à profissão inovativa; a estrutura social trata da pressão social e familiar nas escolhas de carreira e o aspecto individual se refere as verdades acerca de si (posicionamento e renúncia em relação aos valores).

Os profissionais estão inseridos em uma estrutura que os constrange em vários aspectos (seja com relação a estrutura de poder familiar, social ou mais especificamente ao campo de atuação) os afetando profissionalmente e pessoalmente. Associados à sua prática profissional está um conjunto de práticas em que eles abrem mão do que antes faziam para remodelar sua conduta. Isso evidencia a forma como os sujeitos se portam frente as obrigações (FOUCAULT, 1998, 2005; DREYFUS, RABINOW, 1995).

Eles optaram por ir ao encontro de seus valores morais, suas práticas cotidianas, o que desejavam, em prol de uma carreira estável. Esse debate explora ainda a construção da identidade pessoal (DUBAR, 2006) e identidade de carreira (LAPOINTE, 2010). A mudança de práticas revela a construção de um novo profissional que se adequa aos valores e saberes do campo, ainda que contra suas vontades.

Os modos de sujeição podem ser explicados pelo amor a profissão (FD2) que se refere ao conceito de amor verdadeiro em Foucault (1998). A realização daquilo que lhes dá prazer (i.e. erótica) pressupõe uma renúncia as práticas que não fazem parte do campo que amam.

Ao abordar a relação entre a instituição do casamento, Foucault (1998) explora o pensamento grego e cristão em relação a até que ponto se deve ceder para aquele que amamos (FOUCAULT, 1998). Na institucionalização do vínculo amoroso, deve-se aceitar a fidelidade a esse amor e renunciar outras práticas prazerosas que deixam de ser realizadas a fim de preservando a si, permanecer vinculado ao objeto amado. Nessa ordem de ideias, a vinculação a essa profissão, que proporciona estabilidade financeira, identificação com a profissão e satisfação, torna um vínculo com aquilo que ama (i.e. econômica). Esse vínculo implica que

adotar as tecnologias do campo, renunciando àquelas que não compõem as práticas profissionais.

O ser fiel ao seu amor verdadeiro implica em um trabalho, esforço de abdicar de práticas e adotar outras, desenvolver a si mesmo para aprofundar o vínculo amoroso. A fidelidade ao amor pressupõe um regime de práticas (i.e. dietética). Isso nos leva ao cuidado do profissional (FD3) que envolve a melhoria de si mesmo em prol da profissão, as tecnologias do profissional (FD4) que representa a adoção de práticas prazerosas e as verdades do profissional (FD5) que expressa um discurso que admite o sujeito como resultado das consequências da escolha profissional.

A fato de ser uma pessoa digital (que passa horas na frente do computador, que se interessa por tecnologia) por exemplo, mesmo podendo ser, por vezes, penosa, faz parte do processo de cuidar de si (FD3), são práticas entendidas como prazerosas (FD4) e uma verdade sobre si (FD5). Ainda assim, leva os sujeitos a se sujeitarem às consequências da adoção dessas práticas de subjetivação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas discursivas de subjetividades, a partir da vivência na utilização de tecnologias e mídias digitais, indicam que esses profissionais passam tanto por um processo de desenvolvimento de tecnologias de carreira quanto por uma sujeição de carreira, ambas vinculadas às práticas digitais, criativas e sociais da profissão na área da inovação. A pesquisa revela um sujeito que é um produto de suas práticas digitais, que é resultado de sua vivência e da busca pela inovação e tecnologia. Um sujeito que reflete suas escolhas pela legitimação de si mesmo. Trata especificamente da vivência no universo digital sendo algo buscado por todos os profissionais, que lhes traz satisfação, que revelam quem são, que possibilitou profissionalização, contato, entretenimento e posteriormente, trabalho. Um trabalho escolhido em busca de completar a si mesmos, como uma extensão de si.

A trajetória de carreira, a partir da vivência de uso das tecnologias de mídias digitais, revela práticas discursivas de subjetividades referentes à profissão que remetem: à sujeição, ao amor, ao cuidado, às tecnologias e às verdades. Essas subjetividades são atravessadas pelos jogos de verdade do campo e forma um profissional fruto das práticas profissionais.

O novo cenário de produção, acarretado pelas transformações culturais, sociais e tecnológicas (SULLIVAN, BARUCH, 2009; GREENHAUS; CALLANAN; GODSHALK; 2018, ANTUNES, 2018), cria novas formas de saber-poder sobre a carreira. As transformações

tecnológicas em especial são mais impactantes para os sujeitos do presente estudo em razão de sua própria prática profissional.

As práticas dos profissionais estão intimamente ligadas às tecnologias e mídias digitais (como evidenciados na formação discursiva sobre tecnologias do profissional FD4). Com isso, o processo de midiaticização (COULDRY, HEPP, 2013; HEPP, 2014, FAUSTO NETO, 2008) e convergência midiática (JENKINS, 2015) com a vida se torna ainda mais predominante.

Frente a essa nova realidade profissional e tecnológica, os profissionais se sujeitam (FOUCAULT, 1998, 2005, 2004a), se adequam às verdades do campo; se adaptando aos moldes capitalistas (LAZZARATO, 2010) e às regulações da estrutura tecno-simbólica (HJARVARD, 2012; FAUSTO NETO, 2008) em interações medidas tecnologicamente (MARTIN BARBERO, 1997; MARTINO, 2014).

Ao se sujeitarem, as práticas passam a fazer parte de suas técnicas de si, formando o sujeito. Assim, as tecnologias de si e da profissão se expressam como unívocas (como vemos em FD5). Os jogos de verdades do campo são adotados pelos profissionais enquanto processos prazerosos ou “penosos”. A escolha da profissão acarretou a intensificação de suas práticas que podem incorrer em uma exaustão (como ficou evidente na formação discursiva sobre a sujeição profissional FD1).

Essa sujeição pode ser explicada pelo amor que possuem pela profissão (FD2). A subjetividade do profissional revelado a partir das práticas discursivas explora um sujeito que sente uma atração que se aproxima a uma devoção, uma contemplação da área de inovação. Isso fica evidente quando no amor pela profissão (FD2) os profissionais idealizam o campo tecnológico e da inovação, seja pelo entendimento da inovação como uma área onde é possível trabalhar em projetos que possam impactar positivamente a sociedade, pela possibilidade de criar algo incrível ou ainda quando expressam adoração à própria tecnologia, como algo que permite acesso e progresso.

Essa devoção os leva à submissão e ao cuidado pela profissão (FD3). Esse cuidado advém de sua agência, seu desejo por construir a si enquanto um profissional “belo”. Os profissionais passam a gerenciar suas próprias carreiras evidenciando a individualização da trajetória de carreira (SULLIVAN, BARUCH, 2009; CALASANS, DAVEL, 2020; MALVEZZI, 2000).

Adotando a flexibilidade e a criatividade (SILVA, VIEIRA, FRANCO, 2019) passam a desenvolver suas competências sócio-digitais e gerenciais (DUTRA, CARVALHO, 2006; DUARTE, RAMOS, OLIVEIRA, 2008; KAKABADSE; KORAC-KAKABADSE, 2000) de forma autônoma. Assim, vemos subjetividades que revelam a identidade profissional

(MALVEZZI, 2000) que é reflexo desse processo de individualização, inseridos no contexto sócio-histórico.

O presente estudo entrega uma nova perspectiva teórica em relação a carreira dos profissionais de inovação analisando a construção da subjetividade a partir das práticas discursivas de formação do sujeito. Essa perspectiva sobre a subjetividade, explorada por Lapointe (2010), possibilita novos caminhos teóricos para os estudos na área de administração.

O ineditismo em utilizar o sujeito foucaultiano a partir da metodologia sistematizada por Leão e colegas permite a contribuição para o conhecimento na área de administração, tanto para a teoria sobre carreira quanto para os estudos organizacionais que se inserem na perspectiva no campo da organização e inovação.

No campo da administração a perspectiva foucaultiana possui um vasto campo de possibilidades de estudo (COSTA; GUERRA; DE SOUZA LEÃO, 2013), mas o sujeito foucaultiano ainda é pouco explorado (SHIMADA; CRUBELLATE, 2012). Assim, o presente estudo contribui fornecendo uma nova possibilidade de concepção de estudos do sujeito nas pesquisas em administração, em especial nos estudos de carreiras e as áreas que convergem organização e inovação.

Os resultados apresentados implicam no entendimento do perfil de subjetividades desses profissionais. Essas informações são úteis para a sociedade, para as políticas públicas e para o gerenciamento de carreiras. A partir do entendimento das práticas de definem o profissional da inovação, torna viável a promoção de ambientes de efervescência criativa com a elaboração de planos que possam permitir a evolução dos processos inovativos regionais e nacionais. Com isso, as políticas públicas podem ir ao encontro dos resultados fornecendo espaços que propiciem a inovação (apoio estrutural, social e cultural).

Com os resultados, os profissionais podem compreender melhor as práticas profissionais associadas ao campo antes de optarem por seguir uma carreira na inovação, verificando se suas práticas se alinham às práticas do campo. Ainda em âmbito de gerenciamento de carreira, a indústria também é beneficiada na medida em que os resultados delineiam o perfil dos profissionais que as empresas buscam para se associarem. Uma vez definido como se delineiam as práticas necessárias para a escolha de carreira na área de inovação, é possível pensar como melhorar e desenvolver caminhos mais precisos para o progresso da inovação no país.

A pesquisa poderia ter sido ainda mais profunda, entretanto houve limitações. Dentro da escolha teórica proposta, o ideal seria um método que abarcasse uma genealogia do sujeito, como a arqueogenealogia. A execução de uma arqueogenealogia permitiria revelar não as práticas discursivas, mas as forma-sujeito emergidas das trajetórias dos profissionais a partir do

uso de tecnologias, ou seja, daria a possibilidade de sair do nível de práticas discursivas de subjetividade para o entendimento do processo de subjetivação em si. Em razão dos prazos, essa possibilidade não foi viável. Ainda assim, entendemos que os resultados e discussão aqui trabalhados já acabar o campo da subjetividade embora não contemple os aspectos não discursivos (genealógicos).

Por fim, os resultados abrem possibilidades para futuras pesquisas. Um dos potenciais desdobramentos se refere à concepção do sujeito na administração. A percepção do sujeito que se constrói a partir de sua trajetória pode envolver a perspectiva do *organizing* uma vez que essa pode ser entendido enquanto conjunto de práticas sociais. Outro ponto diz respeito ao aspecto teórico-metodológico. A percepção do profissional a partir das práticas de si pode ser utilizada em outras pesquisas sobre a carreira, envolvendo outras áreas profissionais. Essa lógica cabe em outros tipos de formas de coleta, onde se faz possível pesquisas que tragam os mais diversos tipos de áreas profissionais por meio dos discursos emergidos em espaços de interação online.

REFERÊNCIAS

ABBAS, Y.; DERVIN, F. (Ed.). **Digital technologies of the self**. Cambridge Scholars Publishing, 2009.

ANTUNES, R. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

AMPUJA, M.; KOIVISTO, J.; VÄLIVERRONEN, E. Strong and weak forms of mediatization theory: A critical review. **Nordicom Review**, v. 35, n. s1, p. 111-124, 2014.

ARRIBAS-AYLLON, M.; WALKERDINE, V. Foucauldian discourse analysis. In: WILLIG, Carla; ROGERS, Wendy Stainton (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research in psychology**, London: Sage, 2017. p. 110-123, 2017.

ARTHUR, M. B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. (Ed.). **Handbook of career theory**. New York: Cambridge University Press, 1989.

ASSUNÇÃO, A. B. M.; DE MENDONÇA JORGE, Thais. As mídias sociais como tecnologias de si. **Esferas**, v. 3, n. 5, 2014.

BAKARDJIEVA, M. Do clouds have politics? Collective actors in social media land. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 8, p. 983-990, 2015. DOI: 10.1080/1369118X.2015.1043320

BALSMEIER, B.; WOERTER, M. Is this time different? How digitalization influences job creation and destruction. **Research policy**, v. 48, n. 8, p. 103765, 2019.

BARUCH, Y. Transforming careers: from linear to multidirectional career paths. *Career Development International*, v. 9, n. 1, p. 58–73, 2004. doi:10.1108/13620430410518147

BASTOS, L.C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 97-126, 2015.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, p. 387-400, 2009.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological methods & research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981. doi:10.1177/004912418101000205

BLUSTEIN, D. L.; PALLADINO SCHULTHEISS, D. E.; FLUM, H. Toward a relational perspective of the psychology of careers and working: A social constructionist analysis. **Journal of Vocational Behavior**, v. 64, n. 3, p. 423–440, 2004. doi:10.1016/j.jvb.2003.12.008

BOOTH, P. J. Framing alterity: Reclaiming fandom’s marginality. **Transformative Works and Cultures**, v. 28, p. 25-43, 2018. doi: 10.3983/twc.2018.1420

BOSCH, T. Young women and “technologies of the self”: Social networking and sexualities. **Agenda**, v. 25, n. 4, p. 75–86, 2011. doi10.108010130950.2011.630579

BRENNAN, J.; LARGE, D. “Let’s get a bit of context’: Fifty Shades and the phenomenon of “pulling to publish” in Twilight fan fiction. **Media International Australia**, v.152, n.1, p.27-39, 2014.

BRIDI, M. A.; BRAGA, R.; SANTANA, M. A. Sociologia do Trabalho no Brasil hoje: balanço e perspectivas. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 6, n. 12, 2018.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 525-535, 2003.

BUJOLD, C. Constructing career through narrative. **Journal of Vocational Behavior**, v. 64, n. 3, p. 470–484, 2004. doi:10.1016/j.jvb.2003.12.010

CALASANS, R.; DAVEL, E. P. B. Gestão de Carreiras Criativas: Passado e Futuro da Pesquisa Acadêmica. **Políticas culturais em revista**, v. 13, p. 113-134, 2020.

CAMARGO, T. I. **Pulando a cerca ponto com**: uma arqueologia do discurso da mercantilização do adultério à luz da estilização da sexualidade de Michel Foucault. Orientador: André Luiz Maranhão de Souza-Leão. 2013. 225 f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-graduação em Administração, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11015>

CAMARGO, T. I. **Resistindo a Game of Thrones**: um estudo sobre fãs de As crônicas de Gelo e Fogo. 2019. Orientador: André Luiz Maranhão de Souza-Leão. 2019. 162f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Ciências Sociais Aplicadas,

Programa de Pós-graduação em Administração, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/41383>

CAMARGO, T. I.; DE SOUZA LEÃO, A. L. M. Pague e peque: uma arqueologia do discurso do adultério mercadorizado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, p. 732-749, 2015.

CAMARGO, T. I.; DE SOUZA LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M. A Ordem do Cânone: Episteme da Produção Discursiva de Fãs de ASoIaF sobre GoT. **Revista Organizações em Contexto**, v. 16, n. 32, p. 365-398, 2020.

CAMARGO, T. I.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M. Elaboração (est) ética de fãs: Poaching como prática de verdadeiro amor. **Revista de Administração de Empresas**, v. 62 n. 2, 2021.

CAMMAERTS, B. Technologies of Self-Mediation: Affordances and Constraints of Social Media for Protest Movements. **In: ULDAM, J; VESTERGAARD, A. Civic Engagement and Social Media**, p. 97-110. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2015. doi:10.1057/9781137434166_5

CASTELLS, M. **Sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges).

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 9 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus termos, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAVALCANTI, R. C. T.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M. Afirmação Fânica: Aleturgia em um Fandom de Música Indie. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 25, n. 5, 2021.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? (I). **Revista de administração de Empresas**, v. 35, p. 67-75, 1995.

COSTA, F. Z. N.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Desvelamento do limiar discursivo de uma marca global em uma cultura local. **Cadernos EBAPE**, v. 9, n. 2, p. 299-332, 2011

COSTA, F. Z. N.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. S. Formações discursivas de uma marca global num contexto local: um estudo inspirado no método arqueológico de Michel Foucault. **Organização & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 453-469, 2012.

COSTA, F. Z. N.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Bidimensionalidade mundana no lado Coca-Cola da vida: um estudo arqueológico fotoetnográfico. **Discursos Fotográficos (Online)**, v. 9, p. 139-170, 2013.

COSTA, F. Z. N.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Dispositivo de Potterheads: organização pautada na ordem do cânone. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 4, p. 500-523, 2018.

COSTA, F. Z. N.; GUERRA, J. R. F.; DE SOUZA LEÃO, A. L. M. O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidades de pesquisa no campo da administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 168-179, 2013.

COULDRY, N.; HEPP, A. Conceptualizing mediatization: Contexts, traditions, arguments. **Communication theory**, v. 23, n. 3, p. 191-202, 2013.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. Sage publications, 2013.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5ª ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2021.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in social science research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

CZARNIAWSKA, B. The uses of narratology in social and policy studies. **Critical policy studies**, v. 4, n. 1, p. 58-76, 2010.

DE ANDRADE, G. A.; KILIMNIK, Z. M.; PARDINI, D. J. Carreira tradicional versus carreira autodirigida ou proteana: um estudo comparativo sobre a satisfação com a carreira, a profissão e o trabalho. **Revista de Ciências da Administração**, p. 58-80, 2011.

DA SILVA, A. V. M. Apropriação tecnológica e cultura digital: usos na/da internet. **Revista Observatório**, v. 5, n. 3, p. 276-292, 2019.

DELWICHE, A.; HENDERSON, J. J. (Ed.). **The participatory cultures handbook**. New York: Routledge, 2013.

DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. Newbury Park, CA: Sage, 1989

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The handbook of qualitative research**. 2ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analysing narratives as practices. **Qualitative research**, v. 8, n. 3, p. 379-387, 2008.

DE FINA, A. Doing narrative analysis from a narratives as practices perspective. **Narrative Inquiry**, v. 31, n. 1, p. 49-71, 2021.

DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; COSTA, F. N. Agenciados pelo desejo: O consumo produtivo dos potterheads. **RAE Revista de Administração de Empresas**, v. 58, n. 1, p. 74-86, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-759020180107%C2%A0>

DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; FERREIRA, B. R. T.; MOURA, B. M. Commitment to Freedom: A Fannish Struggle for the Representativeness of Political Identities. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v. 24, p. 638-654, 2022. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v24i4.4202>

DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M. Temos que pegar todos! Discursos identitários sobre o consumo de Pokémon GO no Brasil. *Brazilian Journal of Marketing*, v. 17, n. 6, 2018. <http://dx.doi.org/10.5585/bjm.v17i6.3830>

DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M. Temos que pegar todos! Discursos identitários sobre o consumo de Pokémon GO no Brasil. *Brazilian Journal of Marketing*, v. 17, n. 6, 2018. <http://dx.doi.org/10.5585/bjm.v17i6.3830>

DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M.; NUNES, W. K. S. All in One: Digital Influencers as Market Agents of Popular Culture. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 24, p. 247-274, 2022. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v24i2.4167>

DUARTE, A.; RAMOS, M.; OLIVEIRA, L. Perfis Profissionais na área das TIC e evolução do emprego. VI Congresso Português de Sociologia. In: **Anais... VI Congresso Português de Sociologia**. 2008.

DUTRA, T. N. A.; CARVALHO, A. V. O profissional da informação e as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho emergente. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 22, p. 178-194, 2006.

DOMINI, G.; GRAZZI, M.; MOSCHELLA, D.; TREIBICH, T. Threats and opportunities in the digital era: automation spikes and employment dynamics. **Research Policy**, v. 50, n. 7, p. 104137, 2020.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Tradução CARRERO, Vera Porto.

DUBAR, C. **A crise das identidades**. A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

DUBERLEY, J.; MALLON, M.; COHEN, L. Exploring career transitions accounting for structure and agency. **Personnel Review**, v. 35, n. 3, p. 281–296, 2006. doi10.110800483

EUROSTAT. Statistical Office of the European Communities. Guide to Eurostat culture statistics 2018 edition. Luxemburgo: União Europeia. 2018. (DOI): 10.2785/45136. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-manuals-and-guidelines/-/ks-gq-18-011>>.

EUROSTAT, OECD. Directorate for science, technology and innovation committee on digital economy policy. Working Party on Measurement and Analysis of the Digital Economy. Definition of ICT specialists. 2019. Disponível em :<https://ec.europa.eu/eurostat/cache/metadata/Annexes/isoc_skslf_esms_an1.pdf>.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **Matrizes**, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008.

- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2007.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. (8. Ed). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999b.
- FOUCAULT, M. O Que São as Luzes? In: MOTTA, M. (Org.), **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento** (Coleção Ditos & Escritos 2, pp. 335-351). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da clínica**. (5. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, M. (Org.), **Ética, sexualidade e política** (Coleção Ditos & Escritos 1, pp. 288-293). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2004a.
- FOUCAULT, M. Tecnologias de si, 1982. **Verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 6, 2004b.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. (8.ed.) São Paulo, SP: Edições Graal, 2005.
- FOUCAULT, M. **A hermêutica do sujeito**. (2. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. (7. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008a.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault. In.: **Ditos e escritos Vol. I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014
- FOUCAULT, M. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FRANCO, S. M.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Mdiatização: da disciplina ao controle, um horizonte de reflexão. **Revista Fronteiras** (Online), v. 18, n. 3, p. 289-304, 2016.
- FREUND, A. (2014). "Confessing Animals" Toward a Longue Duree History of the Oral History Interview. **Oral History Review**, 41(1), 1–26. doi10.1093/ohrohu005

GABRIELS, K.; COECKELBERGH, M. ‘Technologies of the self and other’: how self-tracking technologies also shape the other. **Journal of Information, Communication and Ethics in Society**, v. 17, n. 2, 2019.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. IN: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, Petrópolis: Vozes, v. 2, p. 64-89, 2003.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Fundação Editora UNESP (FUNDUNESP), 1991.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. IN: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**, São Paulo: Saraiva p. 301-323, 2006.

GOULART, V. G.; LIBONI, L. B.; CEZARINO, L. O. Balancing skills in the digital transformation era: The future of jobs and the role of higher education. **Industry and Higher Education**, v. 36, n. 2, p. 118-127, 2022.

GREENHAUS, J. H., CALLANAN, G. A.; GODSHALK, V. M. **Career management for life**. London, UK: Routledge, 2018.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. Narrative practice and the transformation of interview subjectivity. In: GUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, J. A.; MARVASTI, A. B.; MCKINNEY, K. D. (Ed.). **The SAGE handbook of interview research: The complexity of the craft**. (2. Ed). London: Sage Publications, 2012. p. 27-44. (ENTREVISTA)

GUPTA, A.; GOMATHI, S. Mediating Role of Employee Engagement on the Effect of Inclusion and Organizational Diversity on Turnover Intention: A Study on IT Professionals. **International Journal of Human Capital and Information Technology Professionals (IJHCITP)**, v. 13, n. 1, p. 1-23, 2022.

HALL, D. T. Careers and Socialization. **Journal of Management**, v. 13, n. 2, p. 301–321, 1987. doi10.1177/014920638701300207

HALL, D. T. Protean Careers of the 21st Century. **Academy of Management Perspectives**, v. 10, n. 4, p. 8–16, 1996. DOI: doi10.5465ame.1996.3145315

HALL, K. Selfies and self-writing: Cue card confessions as social media technologies of the self. **Television & New Media**, v. 17, n. 3, p. 228-242, 2016. doi:10.1177/1527476415591221

HANCHETT HANSON, M. Author, self, monster: Using Foucault to examine functions of creativity. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, v. 33, n. 1, p. 18-31, 2013. doi:10.1037/a0026721

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014.

HJARVARD, S. Mediação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.

HONSCHA, G. L. **A profissionalização dos blogs brasileiros: um estudo sobre as dinâmicas promocionais na blogosfera.** Orientador: Alex F. Teixeira Primo. 2009. 145f. Dissertação (mestrado) – Curso de Comunicação e informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17980>

JENKINS, H. **Textual poachers: Television fans and participatory culture.** New York: Routledge, 2012.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2015.

JENKINS, H.; MIZUKO, Ito. **Participatory culture in a networked era: A conversation on youth, learning, commerce, and politics.** Cambridge: Polity, 2016.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** São Paulo: Aleph, 2015.

KAKABADSE, A.; KORAC-KAKABADSE, N. Leading the pack: future role of IS/IT professionals. **Journal of Management Development**, v. 19, n. 2, p. 97–155, 2000. doi:10.1108/02621710010312815

KIM, J. **Understanding narrative inquiry: The crafting and analysis of stories as research.** London: Sage publications, 2016.

KOTSEMIR, M.; ABROSKIN, A.; MEISSNER, D.. Innovation concepts and typology—an evolutionary discussion. **Higher School of Economics Research Paper No. WP BRP**, v. 5, 2013.

KOZINETS, R. V.; JENKINS, H. Consumer movements, brand activism, and the participatory politics of media: A conversation. **Journal of Consumer Culture**, v. 22, n. 1, p. 264-282, 2022.

LAPINTE, K. Narrating career, positioning identity: career identity as a narrative practice. **Journal of Vocational Behavior**, Amsterdam, v. 77, n. 1, p. 1-9, 2010.

LAZZARATO, M. Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. **Cadernos de subjetividade**, v. 12, p. 168-179, 2010.

LEFTHERIOTIS, I.; GIANNAKOS, M. N. Using social media for work: losing your time or improving your work? **Computers in Human Behavior**, v.31, p.134-142, 2014.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva.** São Paulo: Loyola, 2007.

LINKE, A.; OLIVEIRA, E. Quantity or quality? The professionalization of social media communication in Portugal and Germany: A comparison. **Public relations review**, v. 41, n. 2, p. 305-307, 2015.

MALLON, M. Going “portfolio”: making sense of changing careers. **Career Development International**, v. 4, n. 7, p. 358–370, 1999. doi:10.1108/13620439910295727

MALVEZZI, S. A construção da identidade do profissional no modelo emergente de carreira. **Organização & Sociedade**, jan./abr., v. 7, n. 17, p. 137-143, 2000.

MANSANO, S. R. V. Para além da escolha profissional, experimentações intensivas. *Psicologia em Revista*, v. 17, n. 1, p. 67-81, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

MONTALI, L.; WAJNMAN, S. Impacto das mudanças nas famílias sobre o mercado de trabalho e o desenvolvimento do Brasil. **E-book**, v. 4, p. 177-192, 2015. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/ebook/article/view/35/33#>

MORENO GÁLVEZ, F. J.; SIERRA CABALLERO, F. Social appropriation of new technologies. **Internet Policy Review**, v. 11, n. 1, p. 1-11, 2022.

MOURA, B. M. Est(éticas) cosplay: performatividades que possibilitam viver o consumo nômade. 2022. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. (Ainda não disponível no repositório_01.07.22)

MOURA, B. M.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Consumption attachments of Brazilian fans of the National Football League: A netnography on Twitter interactions. **Innovation & Management Review**, v. 17, n. 3, p. 251-266, 2020. doi: 10.1108/INMR-022019-0015

MOURA, B. M.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Pesquisando o Presente por Foucault: Discussão sobre uma Arqueogenealogia Naturalista. In: **VII EnEPQ Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, 2021, Online. Anais do VII EnEPQ..., 2021.

MOURA, B. M.; DE SOUZA-LEÃO, A. L. M. Time To Dtr: Fan Paratextualization About Game Of Thrones'last Season. **Revista de Administração da UFSM**, v. 15, p. 311-330, 2022. <http://dx.doi.org/10.5902/1983465965633>

MOURA JUNIOR, P. J.; HELAL, D. H. Profissionais e profissionalização em Tecnologia da Informação: indicativos de controvérsias e conflitos. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 12, p. 321-338, 2014. <https://doi.org/10.1590/1679-39519889>

MOURA JUNIOR, P. J.; HELAL, D. H. Towards a reference framework for generational analyses on information technology professionals. **International Journal of Human Capital and Information Technology Professionals (IJHCITP)**, v. 10, n. 2, p. 33-50, 2019.

OECD. Organization for economic co-operation and development. **Information Technology Outlook 2004: Information and communications technologies**. OECD Publishing, Paris, 2004. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1787/it_outlook-2004-en.

OECD. Organization for economic co-operation and development. **Future of Education and Skills 2030. OECD Learning Compass 2030. A Series of Concept Notes**, 2019. Disponível

em: https://www.oecd.org/education/2030-project/teaching-and-learning/learning/learning-compass-2030/OECD_Learning_Compass_2030_Concept_Note_Series.pdf

RAMOS, M. Z. **Trabalho, subjetividade e reabilitação profissional**: por uma genealogia dos modos de vida. Orientadora: Jaqueline Tittoti. 2005. 92f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em psicologia social e institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5652>

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, v. 10, n. 22, p. 23-32, 2003.

SAKER, M.; EVANS, L. Locative Media and Identity. **SAGE Open**, v. 6, n. 3, 2016. doi:10.1177/2158244016662692

SAVICKAS, M. L.; NOTA, L.; ROSSIER, J.; DAUWALDER, J.P.; DUARTE, M. E.; GUICHARD, J.; SORESI S.; ESBROECK, R. V.; VIANEN, A. E. M. V. Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. **Journal of vocational behavior**, v. 75, n. 3, p. 239-250, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2009.04.004>

SCARABOTO, D.; ALMEIDA, S. O.; FLECK, J. P. S. “No piracy talk”: how online brand communities work to denormalize controversial gaming practices. **Internet Research**, v.30, n.4, p.1103-1122, 2020.

SCHUTIJSER, D. L’ATTITUDE MODERNE SELON MICHEL FOUCAULT: LA SUBJECTIVATION À LA LIMITE. **Eidos**, Barranquilla, n. 31, p. 225-251, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-88572019000200225&lng=en&nrm=iso.

SHIMADA, N. E.; CRUBELLATE, J. M. A constituição do administrador profissional. **Caderno de Administração**, v. 20, n. 2, p. 1-10, 2012.

SHIMAZAKI, V. K.; PINTO, M. M. M. A influência das redes sociais na rotina dos seres humanos. **FaSci-Tech**, v. 1, n. 5, 2016.

SILVA, F. A. B.; VIEIRA, M. P.; FRANCO, B. L. **A Economia Criativa sob medida**: conceitos e dinamismo das classes criativas. Texto para Discussão nº 2493. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2019.

SMITH, D. Foucault on Ethics and Subjectivity: ‘Care of the Self’ and ‘Aesthetics of Existence’. **Foucault Studies**, n. 19, p. 135-150, 2015. <https://doi.org/10.22439/fs.v0i19.4819>

SORJ, B.. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, p. 25-34, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000200002>

SOUZA, P. F.; FURLAN, R. A questão do sujeito em Foucault. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 325-335, 2018

SUHAIMI, M. A.; HASAN, M. R.; HUSSIN, H.; SHAH, A. Information and communication technology workforce employability in Malaysia. **Campus-Wide Information Systems**, v. 28, n.2, pp. 80-89, 2012. <https://doi.org/10.1108/10650741211212340>

SULLIVAN, S. E.; BARUCH, Y. Advances in career theory and research: A critical review and agenda for future exploration. **Journal of management**, v. 35, n. 6, p. 1542-1571, 2009.

SUPER, D. E.; HALL, D. T. Career Development Exploration and Planning. **Annual Review of Psychology**, v. 29, n. 1, p. 333–372, 1978. doi10.1146annurev.ps.29.020178.002001

TANDON, U.; JHAMB, D.; CHAND, P. Hedonic Pleasure, Cyber Dating, Live-In Relationship, and Social Acceptance Amongst IT Professionals. **International Journal of Human Capital and Information Technology Professionals (IJHCITP)**, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2022.

TSAKISSIRIS, J.; GRANT-SMITH, D. The influence of professional identity and self-interest in shaping career choices in the emerging ICT workforce. **International Journal of Work-Integrated Learning**, v. 22, n. 1, p. 1-15, 2021.

UNCTAD – CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO. **Relatório de economia criativa 2010**. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/MinC; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2CYo2VE>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

UNCTAD. United Nations conference on trade and development. **Technology and innovation report 2021: Catching technological waves—Innovation with equity**. 2021. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3926808>

VIHALEM, M. Qu'est-ce qu'une subjectivation? Les rapports entre le savoir, le pouvoir et le sujet dans la pensée de Michel Foucault. **Synergies Pays Riverains de la Baltique**, v. 8, p. 89-100, 2011.

WENGRAF, T. **Qualitative research interviewing: Biographic narrative and semi-structured methods**. London: Sage, 2001.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. Editora Vozes Limitada, 2012.

WRZESNIEWSKI, A.; DUTTON, J. E. Crafting a job: Revisioning employees as active crafters of their work. **Academy of management review**, v. 26, n. 2, p. 179-201, 2001. doi10.5465amr.2001.4378011

APÊNDICE A - ROTEIRO

Pré-entrevista:

- Apresentação da pesquisadora;
- Objetivo da entrevista
- Autorização para gravação
- Garantias. Informar sobre confidencialidade, anonimato; falar que “pode interromper a qualquer momento” e que “fale o quanto te sentir à vontade”.
- Focar em tempo e enredo (incidentes críticos, tramas)

Iniciar entrevista com:

- Apresentação do entrevistado (idade, cargo, onde vive)
- Quando iniciou seu interesse pela área que atua?

SUJEITO	CULTURA DIGITAL	PROBING QUESTIONS
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Cultura digital <ul style="list-style-type: none"> • Qual sua primeira lembrança/memória envolvendo tecnologia? (Jogos, câmeras, filmes) ➤ Carreira <ul style="list-style-type: none"> • Em que você teve que se adaptar para seguir essa trajetória? (Pressões sociais/morais) Ou • O que você teve que fazer para seguir a essa trajetória? • O que mudou na sua vida depois que você conheceu essa profissão? ➤ Transversais <ul style="list-style-type: none"> • O uso de tecnologias influenciou sua escolha profissional? 	<ul style="list-style-type: none"> • Em que momento a tecnologia começou a fazer parte da sua vida? • Me conta sobre o momento em que seu interesse em tecnologia despertou. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em que momento/fase da vida? • Como isso aconteceu? • O que aconteceu depois/antes/então? • Como você vê / sente essa experiência? • Você poderia me contar essa história?
	<p>CARREIRA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi esse processo de optar por essa profissão? • Me conta sobre sua trajetória profissional 	

(Roteiro estruturado a partir da leitura de Wengraf, 2001)